



Voa
Concurso Literário
para a maturidade

Seleção de Contos

Concurso Voa - UnB
Prêmio Literário para a Maturidade

Edição 2022-2023

COORDENAÇÃO GERAL:

Renato Cabral Rezende

Margô Gomes de Oliveira Karnikowsk

EQUIPE:

Ana Karoline Versiane Soares Araújo

Dyego Ramos Henrique

Isabela Flor da Cunha

Maria Eduarda Freitas de Lima

Marianna Rodrigues de Sousa

Marisa Ferreira Gonçalves

Miriã Joquebede Costa de Carvalho

Vera Lúcia Cardoso de Sousa



Atuante como sempre,
1962-2022 necessária como nunca



UniSER
Universidade do Envelhecer

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Voa [livro eletrônico] : concurso literário para a maturidade / coordenação Renato Cabral Rezende. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-00-69058-3

1. Contos brasileiros 2. Envelhecimento
I. Rezende, Renato Cabral.

23-154990

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

**RENATO CABRAL REZENDE
MARGÔ GOMES DE OLIVEIRA
KARNIKOWSKI
(Orgs.)**

Seleção de Contos
**Concurso Voa – UnB Prêmio Literário para a
Maturidade**

Edição 2022-2023

Equipe da UnB

Ana Karoline Versiane Soares Araújo
Bruno Griesinger Peres
Dyego Ramos Henrique
Isabela Flor da Cunha
Maria Eduarda Freitas de Lima
Marianna Rodrigues de Sousa
Marisa Ferreira Gonçalves
Miriã Joquebede Costa de Carvalho
Vera Lúcia Cardoso de Sousa

Comissão avaliadora

Débora Ferraz (escritora)
Joelma Rodrigues da Silva (professora, UnB)
José Almeida Júnior (escritor e defensor público)
Krishna Mendes Monteiro (escritor e diplomata)
Rodrigo Soares de Cerqueira (professor, UNIFESP)
Rosineide Magalhães de Sousa (professora, UnB)
Tânia Ferreira Rezende (professora, UFG)
Tiago Dantas Geramano (escritor)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	5
O ARTISTA	8
LUA DE ALVAIADE	13
UM DIÁRIO PARA FRANCISCA MIQUELINA, 261	21
APENAS UM CASO	27
DIÁRIO DE UM VELHO URUBUSERVADOR	32
RECOMEÇO	36
É.....	45
“PRAÇA DE GUERRA”	51
UMA HISTÓRIA POR UMA VIDA	60
A MENINA DOS CABELOS COR DE FOGO	68
OLHOS AMALGAMADOS.....	71
VIDA QUE SEGUE	80
NÃO FOI IGUAL, MAS TAMBÉM ACONTECEU.....	87
UM ASSOCIAL NA PANDEMIA.....	93
RE-SIGNIFICAR A VIDA PELA FORÇA DA VONTADE	95
RESSIGNIFICANDO – SEMPRE!	105
DESPEDIDAS	113
RITA	117
POR UM POUCO MAIS DE ÁGUA NO FEIJÃO	122
O AMOR NOS TEMPOS DO CORONA	125
MAIS CORES, POR FAVOR.	128
RE/SIGNIFICAR EM TEMPO DE PANDEMIA	132
A MANCHA DE MOFO NO TETO.....	141

PREFÁCIO

Um livro é sempre um presente, um livro é sempre uma alegria. Ainda mais quando esse livro resulta do esforço coletivo, esforço este promovido na e pela universidade pública, nunca é demais assinalar, de tantas vozes e almas que atravessaram um dos períodos mais duros da história contemporânea brasileira e mundial, a pandemia de Covid-19.

Pois este livro que ora chega gratuitamente às mãos do público brasileiro foi concebido com o tema “Re/significar a vida em tempos de pandemia”. Atravessar tempos tão difíceis foi um desafio para cada indivíduo. E este livro resulta da seleção dos melhores contos submetidos por narradores e narradoras à Edição de 2022 do **Concurso Voa: Prêmio Literário para a Maturidade UniSER/UnB** que quiseram compartilhar, ficcionalmente, vivências daqueles tempos. Narradores e narradoras negros, indígenas, pessoas com deficiência ou não; pessoas LGBTQIA+ ou não. Mas, sobretudo, tinham de ser pessoas a partir dos 45 anos de idade que inscreveram gratuitamente seus trabalhos em edital público.

Sim o critério etário foi fundamental: esta obra que você tem em mãos, leitor e leitora, objetiva contribuir com a promoção da literatura e da saúde por meio do incentivo à intergeracionalidade. O Brasil está se tornando um país de população cada vez mais idosa. Em 2050, 30% de nossa população estará acima dos 60 anos. Seremos um país “de velhos”. Mas a sociedade brasileira como um todo ainda não começou a aprender que envelhecer pode ser um processo saudável e, por que não?, esteticamente criativo e potente. A promoção literária da intergeracionalidade é o caminho para que “o velho” de hoje se perceba atuante e em sinergia artística com quem lhe é mais jovem, mas que já é pessoa madura – de 45 anos em diante; e que a pessoa madura se perceba envelhecendo criando, escrevendo, e não meramente “velha”.

Este livro é também parte da celebração dos 60 anos da Universidade de Brasília (UnB), comemorados em 2022, sob o lema **UnB 1962-2022: atuante como sempre, necessária como nunca**. Ela também uma senhora, a UnB vai envelhecendo e mostrando cada vez mais sua vocação de universidade pioneira na promoção de políticas públicas de inclusão e de ampliação de direitos sociais. Seu exemplo mais recente é o **60mais: Processo Seletivo para Pessoas Idosas**, um vestibular voltado ao preenchimento de vagas extraordinárias a pessoas idosas nos cursos de graduação da universidade. Foi nesse esteio que nasceu, lá em 2015, o

Programa de Extensão **Universidade do Envelhecer (UniSER)**, a partir de um intercâmbio de tecnologia social entre a UnB e a Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UniSER tem como missão contribuir com o desenvolvimento humano integral na vida adulta e idosa, valendo-se, para isso, de projetos interdisciplinares que promovem a intergeracionalidade e priorizam a educação, a saúde, o direito, o esporte, o lazer, a cultura e, claro, a literatura. Foi daí que, em 2022, surgiu o **Concurso Voa: Prêmio Literário para a Maturidade**, um projeto da UniSER. Esta obra é o resultado da primeira edição do concurso. Darcy Ribeiro, que também foi autor de obras de ficção, certamente estaria cheio de orgulho e alegria por este livro de contos que você lê agora.

É possível imaginar a alegria de cada autor e autora da maturidade que teve sua obra premiada. Vocês poderão conhecê-las/os ao final de cada conto, em que se tem seu nome, seu nome artístico e uma breve biodata acompanhada de uma foto. Passada a angústia da pandemia, é chegado o momento da alegria da premiação ser compartilhada por você, leitor e leitora. Aqui estão reunidos e reunidas autores e autoras da maturidade de diferentes estados do Brasil; autor indígena e autora brasileira residente no exterior.

Mas essa alegria em ter seu conto premiado e publicado em um projeto da UnB só foi possível graças a Ana Karoline Versiane Soares Araújo (Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua LSB/PSL) e Dyego Ramos Henrique (Saúde Coletiva e mestre em Ciências e Tecnologias em Saúde), que traduziram na íntegra o edital do Concurso Voa 2022 para LIBRAS; e às estudantes Isabela Flor da Cunha (Letras-Português), Maria Eduarda Freitas de Lima (Enfermagem), Marianna Rodrigues de Sousa (Letras-Português), Marisa Ferreira Gonçalves (Letras-Português do Brasil como Segunda Língua/PBSL), Miriã Joquebede Costa de Carvalho (Letras-Português do Brasil como Segunda Língua/PBSL), que, com sua extrema e incansável dedicação, atuaram em todas as fases da realização do projeto, desde a seleção dos contos até sua avaliação não identificada. Ao estudante Bruno Griesinger Peres (Letras-Português e mestrando em Design, no Instituto de Artes), pela elaboração da capa da obra. Destaque enorme também ao profissionalismo e ao trabalho árduo – e sempre prestativo – da servidora técnica Vera Lúcia Cardoso de Sousa. Sem vocês, moçada, o livro tampouco o livro aconteceria.

Cabe também menção de profundo reconhecimento a escritores e escritoras, membros da comunidade externa à UnB e professor e professoras universitárias, da

UnB e de outras instituições federais, que toparam a aventura de integrar a comissão avaliadora do **Concurso Voa: Prêmio Literário para a Maturidade**: Débora Ferraz (escritora); Joelma Rodrigues da Silva (professora, UnB); José Almeida Júnior (escritor e defensor público); Krishna Mendes Monteiro (escritor e diplomata); Rodrigo Soares de Cerqueira (professor, UNIFESP); Rosineide Magalhães de Sousa (professora, UnB); Tânia Ferreira Rezende (professora, UFG); Tiago Dantas Geramano (escritor). A vocês, nosso profundo agradecimento pelo trabalho rigoroso de análise dos contos.

Cara leitora e caro leitor: que você encontre nessa obra uma boa fonte de alegria, em seus contos de re/significação da vida depois do período mortal que atravessamos, mas a que, felizmente, tivemos a sorte de sobreviver. E que você vivencie, pela leitura, a intergeracionalidade e possa experimentar sua importância no acesso à literatura.

Boa leitura!

Renato Cabral Rezende
Coordenador-Geral do Projeto Voa: Prêmio Literário para a Maturidade
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)
Instituto de Letras (IL)
Universidade de Brasília (UnB)

Margô Gomes de Oliveira Karnikowski
Vice-Coordenadora do Projeto Voa: Prêmio Literário para a Maturidade
Presidenta de honra da UniSER
Faculdade de Ceilândia (FCE)
Universidade de Brasília (UnB)

O ARTISTA

JOSÉ FERREIRA LIMA

Um expoente artista plástico, respeitado e admirado por todos da comunidade de Sobradinho, cidade-satélite do Distrito Federal, era um morador muito atuante. Pessoa de fala mansa com grande carisma, muito alegre, tinha sempre uma palavra de estímulo para quem o procurasse. Expunha seus trabalhos em feiras, galerias e espaços culturais da cidade estando sempre em evidência. Esculpia com muito esmero a madeira, tirando dela quadros e painéis, além de executar pinturas em baixo relevo. Certa ocasião, criou uma maquete que exibia um cenário no Rio de Janeiro com os barracos pendurados nas encostas do morro, com suas peculiaridades de cores e construções. A obra foi reconhecida pela sua perfeição e beleza, sendo premiada num concurso de âmbito nacional. Trabalhava incansavelmente para divulgar suas obras bem como a cultura local. Estava envolvido também em ações humanitárias, tendo criado em sua casa uma sala de aula onde ajudava os alunos da periferia com dificuldades nas matérias escolares, além de ensinar a eles as primeiras noções de artes.

Assim se passavam os anos, quando um acontecimento veio transformar a sua vida. Mensagens esparsas começaram a circular pela mídia dando conta do surgimento de um vírus desconhecido que se espalhava rapidamente e provocava certa doença respiratória grave. A origem da enfermidade que se propagava com grande potencial de letalidade provinha da longínqua China. As primeiras notícias sobre o fechamento das fronteiras e a decisão do governo chinês quanto ao isolamento do país devido à nova doença, porém, não roubaram o sono de Tomás.

– Isso é coisa que acontece do outro lado do mundo. Aqui não nos afeta. Não temos porque nos preocuparmos, pensou ele.

No entanto, em um mundo globalizado e interconectado, a disseminação do vírus se propagou rapidamente por todos os continentes. E assim como em outras regiões, o Brasil também foi afetado e muito fortemente. A doença atacava principalmente as pessoas com baixa imunidade, incluídos aí os idosos, do chamado

grupo de risco, conjunto daqueles que apresentavam maiores chances de vir a óbito. De fato, desde que a contaminação pela Covid- 19 se propagou muitos morreram. A falta de informação e conhecimento sobre as características da doença se tornou um dos grandes obstáculos para a solução da maior crise sanitária mundial dos últimos cem anos.

Quase a metade dos estados brasileiros optaram pelo *lockdown*, o que significou a paralisação de grande parte das atividades econômicas, tanto industriais, comerciais, quanto de serviços, com o intuito de evitar aglomerações. Os espaços culturais também estavam incluídos nessas restrições.

Tomás já estava com mais de setenta e quatro anos de idade, fazendo parte portanto do grupo de risco. Por recomendação das autoridades sanitárias e sem querer se arriscar a ser contaminado pela doença ainda conhecida, preferiu acatar as recomendações e ficar recolhido em casa. Sem alternativa de locais onde pudesse expor seus trabalhos, passou a criar cada vez menos, ao ponto de perder seu impulso criador e o prazer de trabalhar a madeira.

A falta da rotina das exposições fazia com que ele ficasse cada dia mais desanimado. Começou a remoer as lembranças das atividades costumeiras, de amigos e de antigos compromissos que faziam seus dias mais vibrantes. A inatividade, a monotonia dos dias improdutivos, a falta de opção do que fazer e o distanciamento do seu público e de seus alunos se converteram em caminho para a depressão. Mesmo percebendo que suas bases aos poucos estavam ruindo, foi deixando que a angústia ocupasse o espaço que antes era só contentamento.

Com o decorrer do tempo passou a comunicar-se menos com os seus parentes e amigos, ficando cada vez mais entregue à lassidão e à amargura. Perdeu completamente o ímpeto criativo, começou a beber além da medida, entregando-se ao desânimo. Não se importava mais com a aparência, não se alimentava direito e lentamente foi abandonando a comunicação com o exterior. Até mesmo seu celular estava sempre descarregado.

Um dos seus netos, o mais apegado a ele, começou a notar a ausência e o silêncio do avô. Tratou de se comunicar com ele, ligando várias vezes, mas suas chamadas só caíam na caixa de mensagem. O rapaz, inquieto e preocupado, decidiu, então, ir até à sua casa.

Ao chegar, Tomás se recusou a abrir a porta. Mas quando percebeu que se tratava do seu neto querido, ficou envergonhado pois não queria que ele o visse naquela situação. Com muita insistência o jovem conseguiu que ele abrisse a porta e o

que viu o deixou desolado: a casa estava em completo abandono e o desleixo imperava. Era um claro sinal de que o idoso precisava de ajuda. Conversaram muito pouco, pois o anfitrião não queria muita conversa e nem demonstrou o afeto costumeiro que existia entre eles. Desapontado, o jovem voltou para casa, comentou com os seus pais o que vira e arrematou dizendo que o velho precisava de atenção. O relato do rapaz deixou todos muito surpresos. Queriam entender o que estava acontecendo com o esquecido avô.

– Quantas vezes o senhor falou com o meu avô neste último mês? perguntou o jovem a seu pai.

O homem, meio constrangido, não soube responder. Reconheceu que estava em falta com o seu pai e que aquilo não podia mais continuar. Garantiu ao filho que iria procurar o seu velho pai, conversar com ele e lhe dar toda a atenção. A família se sensibilizou com a situação e concordou que o avô não devia ficar isolado.

– Vamos ficar mais próximos dele, assentiram todos.

O momento era difícil e se ele continuasse sozinho talvez não tivesse estrutura para suportar o peso da solidão.

Desde então, a família passou a visitar o velho com mais frequência, dando-lhe maior atenção. Quando iam vê-lo, seguiam à risca as recomendações das autoridades sanitárias, usando máscara e higienizando sempre as mãos, com todo cuidado que o momento exigia para evitar o contágio do idoso. O neto criou o hábito de visitá-lo todos os dias, após o término de suas aulas *on-line*. Este, sentindo-se acolhido e querido, começou a recobrar sua autoestima e a cuidar mais da organização da casa.

Assim, o convívio entre avô e neto tornou-se mais próximo e a troca de afeto entre eles provocou mudanças em ambos. As conversas giravam em torno das experiências e casos vividos pelo avô, mas principalmente sobre sua arte de trabalhar a madeira. A presença e atenção do rapaz sobre essas narrativas enchiam de orgulho os dias do mais vivido. Por sua vez, o rapaz comentava as novidades do mundo digital e assim compartilhavam com prazer as informações entre si. Neste ambiente de cumplicidade e afeto o artesão voltou a sentir a necessidade de criar. Vez ou outra voltava ao seu ateliê lá ficando algumas horas, deixando-se envolver pelo ambiente, sentido o aroma da madeira, admirando suas obras inacabadas e até sentindo o desejo de retomar os trabalhos. O neto, satisfeito com a recuperação do seu avô, admirava tudo o que ele fazia.

No entanto, ainda faltava um espaço importante que não fora preenchido: a exposição e divulgação de suas peças. Em uma de suas conversas, quando o assunto

veio à tona, o neto sugeriu:

– Vô, por que você não expõe suas obras na internet?

O mestre meio absorto e sem entender muito bem o que o neto lhe propunha respondeu:

– E como é isso? Como é que se faz?

– Podemos criar um site onde você exibirá suas obras que poderão ser admiradas não só em Sobradinho, mas no mundo todo que terá acesso e que se interessar por arte em madeira. Dessa forma, todos passarão a conhecer o seu trabalho.

– Você sabe fazer isso? perguntou Tomás.

– Sim, e posso ajudá-lo, respondeu o jovem.

– Bem, sendo assim, vamos em frente! disse-lhe o velho.

O neto começou a preparar o esboço do site, em cujas páginas o artesão colocaria suas obras e ao final mostrou ao avô o que tinha feito. Ao finalizar, explicou com entusiasmo como ele deveria fazer para inserir as imagens dos seus trabalhos no site.

Diante desta nova oportunidade, o artista selecionou alguns trabalhos que ele acreditava serem os mais destacados e que, por isso, teriam maior visibilidade. E com a orientação de seu novo parceiro foi construindo sua nova identidade na mídia.

A partir do momento que o site com as obras de Tomás foi ao ar, aos poucos foram surgindo os primeiros pedidos de informação sobre seus trabalhos. Admiradores novos e antigos, principalmente aqueles que estavam sentindo a sua ausência, buscavam seu contato nas redes sociais. Satisfeito com a nova situação, lembrou que seus alunos também poderiam estar sentindo os efeitos adversos que a pandemia provocara, sobretudo devido ao isolamento social e à falta do convívio presencial com os colegas na escola. Numa conversa informal com seu neto, sua inquietação veio à tona. O jovem novamente lhe deu a solução:

– Vô, o senhor pode voltar a dar as aulas de arte e de reposição para os seus alunos por videochamadas.

– Sim! exclamou o professor. Mas nem todos têm computador em casa, ou mesmo celular. A inclusão digital ainda não chegou a todos os brasileiros.

Foi então que se lembrou de uns amigos que tinham fundado uma ONG que restaurava equipamentos de informática para serem destinados à doação. Resolveu entrar em contato com eles, que lhe prometeram encaminhar os equipamentos em número suficiente para atender aos seus alunos.

Assim, Tomás foi gradualmente recuperando a motivação abalada pelo isolamento imposto pela pandemia. Voltou a sentir-se necessário e valorizado pela família, amigos, pela comunidade e, acima de tudo, por si mesmo, expressando seu talento por meio das obras que tornou a criar. A vida já não era a mesma e estava mesmo diferente, mas a esperança por uma normalização era o estímulo que o impulsionava para o amanhã.



JOSÉ FERREIRA LIMA (J. FERREIRA), filho de Guilhermino Ferreira Lima e Arquimina Silva Lima, nasceu em Taguatinga, Estado do Tocantins, em 22 de abril de 1949. Com formação técnica em Eletrônica e bacharel em Administração de Empresas, é um apaixonado por Brasília e pelas belezas naturais deste Brasil, em especial, pelo Cerrado. É um otimista incorrigível, sempre acredita que o amanhã será melhor. Além de acreditar sempre no ser humano, mesmo que às vezes seja desapontado.

LUA DE ALVAIADE

RENATO MASSARI

Numa quinta-feira chuvosa, já passavam de dez horas da noite quando Mariano recebeu uma chamada de vídeo. Corria o mês de março, o ano prometia se arrastar e a mais recente pandemia seguia seu curso, matando muita gente no país e no mundo. Para conter sua propagação, as pessoas deveriam usar, além das máscaras respiratórias, óculos especiais, parecidos com os dos mergulhadores, já que os olhos também eram portas abertas para a entrada do vírus. Quem usasse óculos de grau tinha como recorrer a modelos que permitiam a adaptação das lentes. Não eram equipamentos baratos, mas podiam ser obtidos gratuitamente em postos de saúde após o preenchimento de uma longa ficha cadastral. A chamada era de Diana, membro do conselho diretor de uma grande editora. A princípio, ela quis saber o que Mariano andava fazendo da vida naqueles dias tão complicados. Mas, conversa vai, conversa vem, acabou dizendo que fizera contato para lhe pedir um texto. Surpreso, ele perguntou:

– Quer que eu escreva alguma coisa sobre a pandemia? Tô me protegendo, mas tem gente que não tá nem aí pra ela. E olha que a situação já tá ficando fora de controle. Diana brincou:

– Você pode pedir licença a Erasmo e escrever um novo Elogio da Loucura...

– Só se eu chamar de Elogio do Descaso. Posso?

Rindo, ela disse que o pedido era outro: um conto baseado na vida do primo, que até a metade do ano anterior fora o presidente da editora. Ele tinha duas noivas, uma delas cinco anos mais velha do que a outra, e não sabia como desfazer o triângulo amoroso. Além de ser muito indeciso, havia vários outros interesses em jogo. Num rompante de desespero, quis então se matar. Como pilotasse aviões de pequeno porte, meteu-se num monomotor que pretendia arremessar contra a Pedra da Gávea. A poucos metros das rochas, porém, desistiu. Estava quase sem combustível e tudo o que lhe restou foi tentar um pouso de emergência no mar. Por sorte, conseguiu. Afastou-se do cargo, iniciou um tratamento psiquiátrico e dois meses depois sofreu um acidente vascular encefálico que o deixou entevado numa

cama.

O conto faria parte de uma antologia sobre conflitos amorosos, com lançamento previsto para a semana de aniversário da editora, no início do ano seguinte. Como a empresa era uma liderança incontestada no mercado editorial do país, Mariano já tinha ouvido falar bastante do seu ex-presidente, figura de destaque nas mídias, embora só o conhecesse de vista. Sua tarefa seria recriar o que Diana acabara de lhe contar, dando outro desfecho ao caso. Deveria achar uma solução surpreendente para o triângulo, que não envolvesse morte nem doença e ao mesmo tempo causasse impacto nos leitores.

– Isso talvez me renda um processo na Justiça, Diana.

Na verdade, falou por falar, porque já se sentia inclinado a aceitar o desafio.

Diana então insistiu:

– Besteira, Mariano. Escreve e me manda. Quem sabe a gente comemora o lançamento do livro juntos, com uma bela lua de alvaiade no céu.

– Lua de alvaiade?

– A mais branca de todas as luas, dizia o meu avô. Quando ela surge, os gatos miam três vezes seguidas e em pouco tempo alguma coisa boa te acontece.

Diana aproveitou então para falar das férias que, na infância, passava com o avô num sítio no sul de Goiás. Gostava muito de conversar com as pessoas simples do lugar, que tinham muitas crenças. Elas contavam que quando as coisas não iam bem na família, no emprego, na cidade, pediam a Deus para lhes mandar depressa a lua de alvaiade. E todas as noites varriam o céu com olhos esperançosos e ficavam com os ouvidos atentos aos miados dos gatos.

– Ok, vou escrever o conto – disse Mariano, embora ainda não tivesse ideia do desfecho que poderia dar à história.

Terminada a conversa, ele ligou o *notebook* e começou a digitar as primeiras linhas. Estava sem sono e, além disso, gostava de se lançar logo ao trabalho porque se o deixasse para depois a inspiração certamente lhe pediria uma licença paradepois do depois. Fitando a gata Belinha, percebeu que seus olhos azuis saltavam da cabeça preta numa deliciosa cumplicidade.

Quieta e sorradeira, a madrugada caiu. Mariano escrevera uma lauda, que imprimiu porque gostava de reler seus textos no papel. Na verdade, tinha prazer em tocar as folhas com os dedos, que geralmente umedecia com um pouco de saliva. Mesmo sendo somente uma lauda, imprimiu-a porque a qualquer momento poderia levá-la para um canto da casa e a reler quantas vezes quisesse sem precisar ligar o

notebook. Como há bom tempo não comia nada, o estômago reclamava com um ronco surdo. Com a pandemia em curso, àquela hora não faziam mais entregas em domicílio, portanto tinha que improvisar uma refeição com o que ainda sobrara na geladeira: dois ovos e uma fatia de pão americano. Antes, na hora do almoço, quando abriu o congelador com a esperança de achar algum bife perdido, constatara que ele nada continha além de cubos de gelo.

Enquanto mastigava devagar, pensava nos personagens do triângulo amoroso da sua história: Valério, Vera (a noiva mais velha) e Viviane (a noiva mais jovem). Iniciara a narrativa falando de Vera, que no meio da noite andava sozinha por uma rua do Leblon, o peito amargurado pela desconfiança de que Valério mantinha um caso sério com alguém, a pele banhada pela insensibilidade amarela das lâmpadas desódio. Mariano ainda estava longe, porém, de visualizar o desfecho da trama.

Mal acabou de comer, largou o prato e a frigideira na pia da cozinha. Como o estômago não roncasse mais, já podia se entender com o travesseiro e a cama. Quando o dia clareasse, retomaria a escrita do conto.

Acordou por volta das nove horas. O céu cinzento da manhã – o mesmo dos dois dias anteriores – lhe dava certo desânimo. Pôs água quente numa xícara de chá e preparou um café instantâneo, sem açúcar, bebendo então dois pequenos goles enquanto acessava, pelo celular, sua rede social preferida. Queria achar, entre as muitas postagens, alguma que o distraísse. Com sorte, poderia rir de alguma charge política ou do relato de alguém sobre certa situação esdrúxula. Fotos de belos lugares também seriam bem-vindas. Até mesmo um desabafo rasgado, de pessoa descontente com coisas da vida, talvez pudesse ser interessante. Mas não viu nada disso. A primeira informação que a tela brilhante lhe trouxe foi a da morte de um ex colega de faculdade, que costumava rever quando ia aos aniversários de formatura daturma. Ele fora mais uma vítima da pandemia. Não haveria velório e o enterro seria acompanhado apenas pela família.

A notícia daquela morte fez com que a tristeza desse o braço a uma incômoda melancolia, e o resultado não foi outro senão um Mariano sorumbático, sem vontade sequer de se levantar para pôr na pia da cozinha a xícara com o resto frio do café que não conseguira acabar de beber. Se fossem outros tempos, talvez ele saísse de casa tão logo soubesse do fato. Buscaria refúgio na multidão anônima, capaz de desanuviar seu semblante com cores, brilhos, sons e cheiros que fariam seu espírito devanear. Desde que se aposentara, há três anos, perambulava pelas ruas e as fotografava em detalhes com o olhar. Coisas tolas, como fragmentos de discussões

que ouvia em botequins, aguçavam sua imaginação. Enquanto gesticulavam, – a cerveja às vezes saltava dos copos, enchendo de espuma branca o balcão – pessoas falavam das faltas alheias e, como donas da verdade e da justiça, culpavam ou absolviam seus réus. Observando-as, Mariano compunha cenários que minutos depois decompunha. E, despreocupado, se entretinha com palavras, caras e bocas que em algum momento talvez tivessem lugar nas suas histórias. Nos percursos erráticos, costumava deter o passo quando ouvia o burburinho de alguma grande loja. Então entrava, vasculhava tudo e escolhia qualquer coisa para comprar, fosse cara ou fosse barata. Queria ter somente o prazer de se enfiar numa das filas, de preferência a maior. Por vezes, depois de um bom tempo de espera, deixava de ladoo que escolhera e saía sorrindo, para o espanto de quem nem de longe podia imaginar que seu verdadeiro objeto de compra eram as filas, as conversas e as reclamações.

Ausente das ruas há quase uma semana por causa do recrudescimento da pandemia, Mariano sentia muita falta delas. Percebia então que a doença tinha diferentes formas, brutais e sutis, de lhe tirar o mundo, condenando seus sessenta e cinco anos à prostração e ao tédio. Em meio ao silêncio reinante na casa – como seus filhos vivessem na Europa e o irmão Airton no sul do país, só ele e Belinha moravam ali –, a melancolia e a tristeza continuavam de braços dados. Para não deixar o desânimo se instalar de vez, agarrou-se com força às palavras de Diana, desejando que a mais branca das luas logo o cobrisse com seu manto de luz e que a gata miasse três vezes seguidas, pois ansiava por novidades boas. Voltando-se para Belinha, percebeu-a atenta, medindo-o por inteiro com a cumplicidade serena e azul dos seus olhos. Esforçou-se, então, para reter aquele pequeno alento, ficando com a sensação de que o dia já não estava tão sombrio assim. Uma luminosidade tépida e saborosa começava a banhar os móveis, e a estante de madeira clara parecia lhe dar um recado: ele devia se reencontrar com vinhos e livros esquecidos. Embora grossos tufos de poeira tivessem se tornado senhores das prateleiras, bateu nele a vontade de procurar o que havia sumido entre caixas, enfeites e outros tantos objetos que o tempo amontoara ali. Com esse espírito, deu início a um paciente resgate das suas relíquias, e isso o ocupou por horas.

Depois de ouvir um vinil de jazz instrumental que há muito não ouvia, ele se sentiu disposto a retomar a escrita do conto. Com o *notebook* nas mãos, sentou-se no sofá. Ao ligá-lo, constatou, porém, que não funcionava. Que teria ocorrido? Antes de ir se deitar, deixara-o ligado à fonte de alimentação, portanto deveria estar com carga

plena. Talvez a fonte tivesse queimado. Conectou-o rapidamente a outra fonte, mas, para seu desconsolo, a tela permaneceu escura. Não era hora de acusar defeitos, só que o inesperado não marcava hora para acontecer. Precisaria então levá-lo à oficina do seu técnico de confiança. Mas, com a pandemia aterrorizando o país, estaria aberta? Caso não estivesse, talvez o técnico o atendesse em casa. Prontamente, telefonou para o homem e soube que seria atendido desde que levasse o *notebook* até a casa dele.

Munido-se de máscara e dos óculos especiais que deixavam qualquer um com cara de escafandrista, Mariano meteu o computador numa bolsa e foi para o ponto de ônibus. O metrô não lhe servia, carro não tinha mais e pegar um táxi ou chamar um motorista de aplicativo sairia muito caro. Enquanto esperava pelo coletivo, viu várias pessoas sem a necessária proteção no rosto, o que era proibido por um decreto municipal. Isso o fez se lembrar de que se Diana lhe tivesse pedido para escrever um novo Elogio da Loucura, não teria mesmo muito trabalho.

Ao receber o *notebook*, o técnico deu um prazo de dez dias para fazer o conserto pois talvez precisasse de alguma peça não disponível na oficina. Não havendo outro jeito, Mariano concordou. Durante o trajeto de volta, pensou que não ficaria sem escrever o conto por tanto tempo, afinal imprimira o que já digitara e ainda tinha lápis, papel e borracha de sobra.

Quando chegou a casa, encontrou Belinha por demais inquieta. Na pressa de sair, esquecera-se de pôr ração no comedouro dela e já eram quase seis horas da tarde. Só então se deu conta de que também não pusera nada sólido no estômago desde a madrugada. Ainda não ouvira reclamações dele, mas como na geladeira e nos armários da cozinha não houvesse mais o que comer, pediu uma refeição pelo aplicativo do celular antes que o serviço de entrega em domicílio fosse encerrado, o que acontecia por volta das vinte horas.

Enquanto comia, Mariano escutava um CD de música renascentista. O som das flautas e do cravo geralmente o ajudava a ter ideias para dar seguimento aos seus textos, abafando tanto a desarmonia silenciosa do desânimo quanto os ruídos incômodos da falta de inspiração. Mais uma vez deu certo porque por volta das onze horas da noite já tinha escrito três folhas de papel ofício, frente e verso, e usado muito a borracha. Quando ia começar a reler tudo, recebeu uma ligação do irmão, com quem não falava há duas semanas. Três anos mais velho, Airton não usava redes sociais, que lhe pareciam feitas para viciar. Aliás, ele se orgulhava em dizer que vivia muito bem sem elas e sem outros bibelôs modernos. Desconfiado de tudo, até

da própria sombra, Airton estava inquieto: ouvira de um vizinho que a obrigatoriedade de uso dos óculos de proteção só existia porque eram fabricados com um material especial produzido pelas indústrias dos três grandes senhores do mundo, que se reuniam secretamente para traçar planos de como escravizar a humanidade. Como não desse crédito a narrativas daquele tipo, Mariano ironizou: era mais verossímil acreditar numa conspiração de extraterrestres interessados em espalhar o vírus para dizimar a população da Terra e depois ficar com o planeta. E, quando pôde, mudou de assunto.

A conversa com o irmão, embora não muito longa, quebrou seu ritmo de trabalho. A releitura do que escrevera era importante porque podia lhe abrir alguma nova trilha, levando-o ao desfecho surpreendente pedido por Diana, mas algo lhe dizia que se o fizesse naquela hora corria o risco de rasgar os papéis e de os jogar fora. Preferiu, então, conferir a lista mensal das compras de supermercado e enviar logo o pedido pelo aplicativo do celular. Assim, livrava-se da possibilidade de se esquecer de enviá-lo e depois ter a ingrata constatação de que os produtos não se reproduziam espontaneamente nos armários da cozinha nem tampouco na geladeira. Feito isso, a vista cansada lhe cobrava uma necessária trégua. Atendeu-a e chamou Belinha, que adorava se refestelar em cima do tapete branco, de textura muito macia, estendido em frente à sua cama, indo em seguida se deitar no aguardo de que o sono o abraçasse.

Transbordando de sol, a manhã atravessou as cortinas claras de voal. Lá fora, legiões de bem-te-vis anunciavam felizes a partida das nuvens cinzentas. Após beber seu café instantâneo, Mariano juntou algumas folhas em branco ao que já havia escrito. Sentia-se pronto para iniciar a releitura do texto e depois pôr o lápis a serviço da imaginação. Ao passar, porém, rapidamente os olhos pela estante da sala, que parecia outra graças à arrumação que lhe dera, o Fedro de Platão lhe trouxe uma ideia. Lera esse diálogo décadas atrás para apresentar um seminário numa disciplina, quando cursava Letras Clássicas, e se lembrava de que falava do amor. Valia a pena, portanto, mergulhar ligeiramente nele antes de reler o que já escrevera.

Com a plasticidade poética das suas imagens, o livro logo o avisou que o mergulho não seria ligeiro. Quando a noite chegou preguiçosa, o interfone soou. O porteiro do prédio informava que era preciso pegar as compras do supermercado na garagem porque, sem os óculos de proteção, o rapaz da entrega não poderia subir até o apartamento. Por um instante, Mariano supôs que ele fosse mais um adepto da narrativa que Airton ouvira do vizinho, mas, caindo em si, riu gostosamente da

suposição. Por certo o entregador, com um salário muito menor que o de Airton e problemas bem maiores que os dele, não tinha ouvidos para contos da carochinha.

Deixando o Fedro sobre o sofá – faltavam somente duas páginas para terminar de lê-lo –, Mariano desceu e pouco depois retornou com várias sacolas, colocando-as sobre a mesa da cozinha. Primeiramente separou os artigos que iriam para a geladeira e os higienizou. Depois, fez o mesmo com os que iriam para os armários. Isso era necessário porque o novo vírus se mantinha ativo nas embalagens durante meses.

De volta à sala, aproximou-se da janela. Uma lua admiravelmente branca luzia com intenso esplendor. Perguntou-se, então, se era a lua de alvaiade descrita pelo avô de Diana. Nisso, Belinha miou três vezes. Perplexo, fechou os olhos e viu-se envolvido pela atmosfera luminosa do Fedro, imaginando o reencontro carnal de duas almas depois de longos périplos pelo topo da abóbada celeste. Um forte entusiasmo o contagiou: finalmente achara um desfecho para o conto. Se era surpreendente ou não, caberia a Diana dizer.

Sentando-se à mesa da sala, não releu nenhuma linha do que escrevera e retomou a escrita com vigor. Já dissera que uma vez esgotado o arsenal de mentiras, Valério confirmara, tanto para Viviane quanto para Vera, a existência do triângulo amoroso. As duas ainda não haviam ficado frente a frente, mas à distância se odiavam. Com enorme relutância, ele marcara um almoço com ambas para anunciar sua decisão bombástica: se aquele martírio não tivesse fim, sairia para sempre das vidas delas e também da própria vida. Como um Ícaro incompreendido, pularia de braços abertos do alto do Cristo Redentor, revelando ao país inteiro a dimensão do seu infortúnio. Na verdade, não pretendia fazer aquilo, mas levaria a chantagem emocional aos seus limites. Esperava que Viviane, cujo único irmão se matara há dois anos, entregasse os pontos, deixando assim o caminho livre para o casamento com Vera, financeiramente mais interessante para ele.

Na véspera do almoço, porém, Viviane e Vera se encontraram num bar da zona sul. Com medo de que o conflito acabasse provocando a morte de alguém, uma amiga de Vera sugeriu que esta e Viviane tentassem resolver previamente o problema. Como Valério era hesitante e profundamente covarde, que decisão bombástica seria capaz de anunciar? Nada diferente das protelações que era especialista em fazer, disse essa amiga. Restava então a Vera e a Viviane, a despeito de se odiarem, decidir por quem não decidia coisa alguma na vida. Muito a contragosto, elas acataram a sugestão, embora achassem que a conversa seria inútil e

desgastante. Mal seus olhares se cruzaram no ambiente lúgubre do bar, o inesperado, todavia, aconteceu: estranhamente não se viram como inimigas, mas como pessoas próximas cujas almas já se conheciam de outro tempo ou lugar. Escolheram uma mesa discreta, a salvo de olhares inoportunos, e até mesmo de acesso não muito fácil ao garçom. À medida que conversavam à luz de velas e que seus drinques secavam, algo bem diferente do ódio fluía entre elas. Falaram muito, admirando-se, descobrindo-se, e ficaram tão irresistivelmente atraídas uma pela outra que não foi possível evitar o beijo quente, alucinado de paixão. No dia seguinte, esbanjando serenidade, disseram a Valério que ele não fazia mais parte das suas vidas. Acreditasse ou não, o triângulo formado por três letras V se abriu, dando lugar a um único vértice, o do forte sentimento que as envolvia.

Já passava de meia-noite quando, radiante de felicidade, Mariano deu por concluído o trabalho. E nem precisara do *notebook*. Para comemorar, abriu uma garrafa de Bordeaux, pôs num prato generosas fatias de salame italiano e de queijo camembert e começou a reler o conto. Ao terminar, olhou para o céu, saudando mais uma vez a lua de alvaiade: seu texto estava pronto! Desejou então que ela não tardasse a reaparecer, vindo anunciar o tão esperado fim da pandemia.

No início do ano seguinte a antologia foi lançada e o conto de Mariano fazia parte dela. O número de mortes no país tinha diminuído sensivelmente, o uso das máscaras respiratórias e dos óculos especiais não era mais obrigatório e o vírus já não estava tanto nas mídias como estivera meses atrás. A lua de alvaiade reaparecera? Mariano e Diana juravam que sim.



RENATO JOSÉ DE OLIVEIRA (RENATO MASSARI) tem 64 anos, é Doutor em Educação e professor aposentado da UFRJ. Assina seus textos como Renato Massari. É autor dos romances *Similitudes* (2022) e *Barca das Lembranças* (2020). Tem contos publicados em antologias e revistas literárias virtuais. Foi classificado em quarto lugar no VIII Concurso Cidade do Penedo de Poesia e Conto (2022), com o conto “Duas Mães, e entre os nove finalistas do Prêmio Arte e Literatura 2022 USP60+ (eixo Literatura), com o conto “O Olhar de Marcela”.

UM DIÁRIO PARA FRANCISCA MIQUELINA, 261

DEISE ABREU PACHECO

Em tempo de estio, abrandar o fogo. Por velhas vias surgem novos embalos. Oração em paisagem que tarda em cores mistas. Dar-se ao tempo. Pronunciar o texto escrito com vagar. Desinfetar as compras é chato. Me agarro às escarpas do dia, chego ileso ao chão. Muitos morrem. Eu escapo. O que fazer com isso? Ela me disse: “Quando eu pude viver o infinito, te encontrei”. Ser feliz em um Brasil insano. Em nossa casa brindamos todas as noites, contudo. Não somos mais tão jovens. E agora, temos em nós o esplendor em meio às rachaduras. Presente. Terapias posturais. Questões de trabalho, serviço, remuneração. Quebras de vidros: do forno, do carro. Arrumações. Calma, pureza e gozo. Nossa rotina semi-rural inclui também caminhadas matutinas ao sol. Espera. Aos sábados, fazemos faxina. Domingos com cheiro de chuva no mato, café com leite. Pendores elétricos. Hiperlinks. Refrescos. Despojos. Gestão de dados. Reconsiderações.

O vazio pleno de um apartamento. Raiz dos anos. Quartinho antigo. Estive lá em visita a uma amiga, que já não estava. Precisou sair, porque não era suportável viver o distanciamento com tanto tremor; prédios novos sendo construídos nos dois lados do seu, o edifício Araguaia, na Rua Francisca Miquelina, 261. Da varanda imensa e arcaica, com plantas ainda tratadas, já não se vê muita coisa. Foi nesse dia, uma sexta-feira fincada no mês de maio de 2020 que, ao buscar em vão a paisagem urbana de minha conhecida São Paulo, lembrei que a chave deste conto que estou a escrever nascera ali. Foi há dez anos, em um sábado frio. Estávamos em uma pequena celebração de amigas, como de costume. Eu olhava a paisagem palpável, tangível, corpórea. A meus olhos, aquela cidade ainda iria prosperar. E, prosperidade, no meu entender, era certamente alguma coisa muito diferente do que aí está. Risadas, som alto, vinho quente, eu lá vendo a madrugada brotar. Ao longe, avistava nitidamente o relógio digital do Conjunto Nacional, na Av. Paulista. Do outro lado, o nascer do sol na direção da Praça da Sé. Descer sozinha, tomar o café da manhã na padaria da esquina. Francisca, um nome. Por muito tempo desgostei

de meu nome. Enquanto sorvia o café quentinho, com o prazer de sentir o cheiro do pão na chapa gordurosa, na quietude de uma manhã de domingo daquela velha rua companheira, folheava, com algum interesse, um livro que ganhara recentemente e levava comigo na bolsa, era *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler. Com certa dificuldade, sobretudo pelo tamanho da letra e dos vestígios do vinho na corrente sanguínea, enveredo pela leitura de forma ligeira. Eis que na página 20, uma questão me detém: “Sou eu este nome?”. A pergunta refere-se ao título de um livro da poeta e ensaísta inglesa Denise Riley. Butler diz tratar-se de “uma pergunta gerada pela possibilidade mesma dos múltiplos significados do nome”. O sol ganha um pouco mais de intensidade, mas o vento ainda é frio. Peço outro café. Apesar do sono e de certo enjoo, algo me mantém ali. Talvez seja o sentimento de que tudo pode mudar de repente. A vida, um plano, um modo de ser. Um pouco torta, a placa indicativa da rua destaca em letras grandes o nome Francisca, excluindo o sobrenome Miquelina, que apenas aparece abaixo. Francisca é uma rua de mão única. O ruído desagradável de uma moto destaca-se na placabilidade da hora. Um nome é um destino?

22 de maio de 2020:

Minha visita ao ap. da Francisca Miquelina descarrilhou um trem. Orto da palavra. Na live, alegria ao ver que Ela está finalmente encontrando sua voz. Aliviou o peito, a urgência. Choque foi receber, logo em seguida, um e-mail em que você a atacava. O choque do sentimento, o constrangimento frente ao olhar que faz colapsar um lugar de abertura, de delicadeza. Fico com Ela.

A escrita dos contos volta à cena após cerca de dez anos. Vou finalizar o projeto.

08 de julho de 2020:

Quietudes e quitutes entre livros e árvores.

O que mais temos aqui são livros e árvores. Eu e Ela. Há esperança.

O Brasil perdeu de 7 a 1 para a Alemanha há seis anos. Inesquecível estar em Copenhague nesse dia. Da janela do apartamento onde aluguei um quarto na Nørrebrogade, 34, via o espanto das pessoas no prédio à frente. Eu vestia minhas havaianas verde e amarelo, quando vestir verde e amarelo ainda era inofensivo. As

unhas dos pés pintadas de vermelho. Você acabava de chegar à cidade. Combinamos um encontro. Te encontrei no saguão do Hotel Kong Arthur. Tomamos um vinho. Você parecia bem, mas sei que não estava. Sinto aflição em perceber o quanto ainda é difícil para você deparar-se com seus limites, sua arrogância e egotismo. Volto a escrever agora.

11 de julho de 2020:

É difícil. Fico alterada, estressada, insone, com os músculos tensos, em função desse tipo de interlocução que você imprime. Sinto cansaço e preguiça só de pensar que terei que responder a outro e-mail desta natureza. Ao mesmo tempo, percebo que essa interação está me colocando diante de um modo de funcionar. Quero poder superar, transpor essa minha dinâmica que vem como ataque, necessidade de desqualificação do outro, pretensão e falta de pausa, abuso da fala. Reclamações sem fim. Uma coisa insegura, autoritária, infantil. Intoxicação. Te nomeio: “você de dentro”.

12 de julho de 2020:

Amigas vieram. Ficamos lá fora no jardim, sentadas a uma distância de um metro. Mas, ao menos, pudemos almoçar juntas. Assamos linguiças orgânicas. Ficamos a nos olhar, fazendo gracinhas. Estranhamente divertido. Minha energia mudou. Minhas amigas tornaram tudo mais simples, sem esforço. O ap. da Francisca Miquelina parecia de repente vibrar de novo. Agora na roça. Caminhadas no mato, ipês vistos da terra deitadas na grama ao entardecer. É disso que eu precisava. Desintoxico-me um pouco de “você de dentro”.

14 de julho de 2020:

Comparação é o que destrói. Dor no ombro direito. Começo a ver seu filme de doze horas. Penso sobre meu caminho na escrita. Tem as palavras, o corpo, a respiração. O concreto de fato. Experiências vividas e inventadas. Coisas antigas e acontecimentos ouvidos. Triagem, montagem, quebra-cabeças. Nada se autoanula. Não há motivos para comparação. O que temos a perder? “Você de dentro” se escondeu de novo embaixo da cama.

15 de julho de 2020:

Ar seco.

Origem é um território suspenso. Foi com Fernando Pessoa que experimentei pela primeira vez a alacridade de uma palavra que me diz. Alacridade. Passar os dedos em dicionários. Hoje em dia o mais fácil mesmo é recorrer ao sinônimos.com.br. Meu Aurélio azul escuro com a capa carcomida de 1985 não está aqui.

Ela toca *Gymnopedie 1*, de Satie. Este é um tempo em que consigo ouvir crianças brincando ao longe como quem ouve sinos. O céu estava de novo azul.

16 de julho de 2020:

Gosto de céus. Hoje vivi um encontro movediço com “você de dentro”. Temo tantos livros e as árvores quando o vento é forte. Pesadelos aos cinco anos, rolo compressor, esquisitices no tato. O contato, a fadiga de ser vista como não sou. Talvez a gente consiga. Há algo que diz sim.

17 de julho de 2020:

Preciso respirar mais. Respirar mais quando estiver cozinhando, servindo e comendo. Preciso aprender a comer devagar. E não sujar tanto minhas roupas. Tropeçar menos.

Sinto dor de barriga.

Nenhuma previsão de chuva.

77.932 pessoas oficialmente já morreram em decorrência da Covid-19 neste marnel. Detesto escrever assim.

É incomensurável. Impróprio.

Indicadores, notícias. Censura.

Falta.

18 de julho de 2020:

Como diria Drummond: “gastei meu dia”.

19 de julho de 2020:

Domingo todo ao ar livre. Nexo fundo entre o verde jardim descabelado deste novo lugar e o verde jardim livre do prédio da Nørrebrogade em Copenhague. Parece uma repetição anímica de julho de 2014, agora com um salto adiante. Um largo salto para junto do amor. Meu pedido. Ela cozinha alcachofras.

Sempre escrevi, mas pouco mostrei.

20 de julho de 2020:

“Você de dentro” move-se. Um padrão é constituído pela exigência sem limites, medo do fracasso. Leio. Escrevo aos poucos. É meu jeito.

22 de julho de 2020:

Volto a assistir a seu filme de 12 horas. Tinha parado mais ou menos na metade.

Vejo-me há seis anos exatamente em nossa conversa em Nørrebro. Alguém havia roubado sua bicicleta. Mais tarde, devolveram com um bilhete de agradecimento. Você quis me contar isso. Depois uma grande lua, o canal, eu tomando sorvete. Naquele dia eu disse a mim mesma que voltaria à Copenhague. Quanta coisa nesse meio tempo. Eu, em Frankfurt, andando em uma manhã fria de janeiro. No Hotel Europa, tomava o café-da-manhã quando você apareceu.

Em seguida, Brasil.

Segundo o censo do IBGE de 2010, Francisca é o terceiro nome brasileiro mais popular de todas as décadas desde 1930, com 721.637 de pessoas no país, das quais 70.244 estão no estado de São Paulo.

Quantas Franciscas terão morrido? Retomo a leitura dos contos já escritos nos últimos 9 anos. Me assusto por te ver lá tantas vezes sob a forma de múltiplos nomes ou sob múltiplas razões de um mesmo nome.

31 de julho de 2020:

Biscoitos foram feitos. Postos em vidros. Cheiro fresco pela casa. Foi um dia de abundância. Estou lendo *Carol*, de Patricia Hightsmith, inicialmente publicado como *The Price of Salt*, sob o pseudônimo de Claire Morgan. Impressionante e necessário em 1952. Impressionante e necessário em 2021. Amei o filme com Cate Blanchett, Rooney Mara, Sarah Paulson. Lembro-me de assisti-lo pela primeira vez em uma das salas de cinema, na Rua Augusta, em alguma quarta-feira à noite de 2016. Eu ainda não tinha encontrado com Ela. Era um prenúncio. Foi ótimo também ouvir a discussão a respeito desse filme no podcast “Feito por Elas”. Ipês explodem em flores amarelas.

Um trabalho de quietude, de não-exibição pode gerar meu sustento?

17 de fevereiro de 2021:

Quarta-feira de cinzas.

242.178 pessoas oficialmente mortas. A matemática dos índices, o patógeno nos ronda. Precisamos sair disso. Precisamos de palavras que nos restituam.

“Você de dentro” é o som do vento nas árvores. Rangem galhos, tons amarelos e vermutes percorrem as paredes do quarto e pedaços da cama. Vaso chinês que porta um pequeno pássaro de enfeite dos tempos de antes. Luz, sombra mansa, parece um cisne.

Tento abrir um veio no presente. Uma manivela metafísica. Experiência do vivo.

Não sei bem como finalizar esse conto-diário. Ele parece um princípio. Há Franciscas por serem descobertas. Em valas, versos, vilas e vórtices.

“Calor da primavera, as folhas frescas de bronze da cerejeira se espalham e brilham – para conversar com sombras, você mesma se torna uma sombra. As almas dos mortos são o espírito da língua: você as escuta ardentes dentro desse pensamento falado” (Denise Riley). Há Franciscas na vastidão violenta das varandas. “Sou eu este nome?”



DEISE ABREU PACHECO (LANA RODRIGUES) atua na fronteira entre artes da cena, literatura e filosofia. É bacharel, mestre e doutora pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). É autora de *A vida de Deise* (Hucitec, 2022), em parceria com a poeta e tradutora Ana Cláudia Romano Ribeiro; do romance LGBTQIA+ *Começando Albertina (nossa vida no armário nos anos 90)* (Editacuja, 2023, no prelo), e de *Assistir e ser assistida: via e limites de uma estética existencial. Um percurso por escritos de Søren Kierkegaard* (Hucitec, 2021). Site oficial:

<http://deisepacheco.com.br/>

APENAS UM CASO

JOÃO BAPTISTA DOS SANTOS

A pandemia provocada por um vírus surgido na cidade de Wuhan, na China, no final do ano de 2019, nos deixou, a princípio, perplexos, depois, aterrorizados. De repente estávamos tolhidos em nossa liberdade de ir e vir; de repente não podíamos mais estar juntos de nossos entes queridos que não morassem em nossas casas; de repente muitos não poderiam ir trabalhar ou estudar; de repente, se tivéssemos que sair à rua, o uso de máscaras se tornara obrigatório. O mundo dera uma volta de trezentos e sessenta graus, era outro mundo, irreconhecível. Os telejornais provocavam nas pessoas o terror; a morte varria o mundo de maneira incontrolável, a sensação de impotência corroía corações e mentes. Álvaro, metalúrgico aposentado, vivendo os seus setenta e oito anos, com algumas comorbidades na sua saúde fazia parte do grupo de risco, por isso o temor de se contaminar com a doença. Apesar da idade, era um homem ativo, fazia caminhadas diárias, se responsabilizava pelas compras para a casa, saía pelo menos três vezes por semana para passear pelo centro da cidade, frequentador de shoppings. Estava agora preso dentro de casa, vendo pela televisão a deterioração do mundo provocada por um vírus. O dia em que tomou conhecimento através da televisão que a Itália chegara ao número de quatro mil mortos pela doença e a OMS (Organização Mundial da Saúde) a declarara como pandemia, ele ficou aterrorizado, nem imaginava que o nosso país brevemente alcançaria a assombrosa marca de mais de seiscentas e cinquenta mil óbitos por esse mal. As cenas de milhares de covas sendo abertas para atender a demanda dos funerais provocados pelo “novo coronavírus”, assim chamado no início do flagelo mundial, o deixavam extremamente abalado.

Dos seus sofrimentos, um dos que mais o incomodava era ausência dos três netos, já adultos, em sua casa. Estes o visitavam, mas não entravam na casa, se viam pela janela. A falta que lhe faziam a aproximação, os abraços e beijos daquelas pessoas amadas aumentava sua angústia.

Houve, contudo, um que caso lhe chocou mais profundamente e o fez evitar, por longo tempo, assistir aos jornais televisivos: Idoso de 82 anos havia morrido por complicações dessa perversa doença, codificada agora como covid-19. Seguindo os

protocolos não haveria velório, apenas uma pessoa poderia acompanhar o corpo até ao cemitério. O homem morto era muito querido pelos familiares e vários deles, filhos, netos e bisnetos não se conformavam com o impedimento de se despedirem presencialmente do corpo daquela pessoa que tanto amavam. O único representante da família que acompanharia o féretro solicitou então ao motorista do carro fúnebre, uma parada num lugar determinado para que a família se despedisse, mesmo não vendo o corpo, tampouco o caixão; isto é, veriam somente o carro. O motorista, sensibilizado pelo pedido que demonstrava o amor desmedido da enlutada família ao seu patriarca, pessoa que perdera a batalha para a doença que supliciava toda a humanidade, aceitou. Comunicado pelo seu representante da aquiescência do funcionário da empresa funerária, aquele grupo de pessoas combinou o local do encontro numa avenida movimentada da capital mineira, Belo Horizonte. O ponto de referência seria um supermercado ali existente. Para lá se dirigiram os familiares, mas, por razão desconhecida e a equipe de reportagem da televisão não explicou, o pessoal ficou parado, esperando o carro que conduzia o corpo da pessoa amada, do lado contrário, na outra mão, na qual este veículo passaria. Cena chocante: o carro fúnebre parado e do outro lado da avenida um grupo de pessoas acenando, balançando os braços freneticamente, trazendo nas mãos lenços brancos simbolizando o último adeus a um ente querido. Quarenta metros, talvez, distanciava aquele grupo de pessoas do objeto de suas homenagens, mas, pelo afeto demonstrado não havia distância alguma, estavam juntos, unidos no sentimento mais nobre do ser humano: o amor. Álvaro imaginava o que aquelas pessoas pensavam vivendo aquele doloroso momento. Os adultos, apesar do inconformismo com aquela situação, ainda entendiam que o momento exigia aquelas medidas que dilaceravam seus corações, mas, e as crianças? A morte por si só, apesar de ser algo natural, nos machuca, pois o convívio com uma pessoa amada chegou ao fim; vindo ela, acompanhada da proibição de se despedir do corpo presente provoca um aumento significativo no sentimento de perda. Como vamos explicar para os bisnetos de tenras idades que o vô querido morreu, até aí provavelmente eles devem entender, mas não entenderão que não se pode ver o corpo. Os mimos do velho, sua brincadeiras virão nas lembranças daquelas pessoinhas cuja vida começou tão recentemente e já passam por tamanha provação. Eles querem ver aquele rosto coberto de rugas pela última vez, dar um último beijo em sua face. “Que crueldade meu Deus”, exclamou Álvaro desesperado vendo aquela cena absurda. Não houve como aquele velho senhor conter as lágrimas, elas vieram abundantes, estavam

reprimidas há meses, vendo desenrolar pelos noticiários a hecatombe mundial. Ele se sentia altamente emotivo ultimamente, sensível aos tristes acontecimentos diários. A partir desta data resolveu não mais assistir aos telejornais, no que a família concordou, temia ser dominado pela depressão, o medo da doença já se tornara um fantasma com o qual passou a conviver, agora outra ameaça rondava a sua saúde mental. As tenebrosas cenas vistas na televisão aumentavam as chances de se deprimir, assim ele pensava, por isso passou a evitá-las. Álvaro não ouviu, nem viu pela televisão que em determinado momento o Brasil se tornou, segundo a Organização Mundial da Saúde, o epicentro da doença em todo o mundo, o que significava que era a região do nosso planeta onde mais se contaminava pelo covid-19. Caso ele tomasse conhecimento desta notícia, seu estado psicológico teria piorado muito.

Não se pode, entretanto, ficar alheio a tudo. As boas notícias, apesar de raras, às vezes chegavam: cientistas de todo o mundo se empenhavam para em tempo recorde conseguirem a vacina imunizadora para combater a doença. Os mais otimistas previam para o final de 2020 o início das campanhas de vacinação. Álvaro se animou com essa informação lida passada por familiares, havia a possibilidade de brevemente se iniciar a esperada imunização.

Entretanto, junto com as alvissareiras notícias da vacina surgiu um novo grupo de pessoas identificadas por um vocábulo até então pouco utilizado: “negacionistas”. Pessoas de todas as camadas sociais, inclusive autoridades, condenavam as medidas preventivas contra a doença, como o afastamento social, o fechamento do comércio não essencial, o uso de máscaras e pior, se opunham à campanha de vacinação da população. Felizmente a grande maioria da população brasileira correspondeu ao chamado dos órgãos de saúde pública, cumprindo os protocolos estabelecidos.

Álvaro voltou a assistir aos jornais televisivos após alguns meses, o medo foi se arrefecendo, em um programa de entrevistas surgiu a pergunta a qual ele próprio se fazia: como sairia a humanidade, em termos de comportamento, desta experiência pandêmica? Melhor? Pior? Ou sem mudança alguma. Especialista no assunto presente àquele debate foi categórico na sua resposta, após a traumática experiência, sem dúvida o homem sairia melhor, no mínimo mais solidário. Álvaro também pensava dessa forma, seu raciocínio era que não havia como o homem não mudar para melhor depois de passar por tantas vicissitudes. Contudo, os fatos ocorridos durante o tempo de maior intensidade da pandemia, mostrariam que a lição não

fora suficiente para mudar algumas mentes: com a dispensa das licitações nas compras com dinheiro público, em função do caráter emergencial da crise provocada pela doença, começaram a aparecer os casos de corrupção nos governos de todos os níveis, municipal, estadual e federal. Fraudes em licitações, superfaturamentos e desvios de recursos públicos. Álvaro, decepcionado comentou com os familiares: “Enganei-me”, e filosofando complementou, “uma pandemia é pouco para mudar a essência do ser humano”, mas, para não de dizer que não houve atitudes nobres, afirmou que em contrapartida o pessoal da área de saúde dera um grande exemplo de solidariedade e dedicação.

No mês de dezembro de 2020, depois de dez meses confinado em seu apartamento, os males causados por este isolamento imposto ao Álvaro, de plena atividade antes da pandemia, começaram a aparecer. Num sábado se sentia inquieto, com taquicardia e com formigamento nas extremidades dos dedos da mão; medindo a pressão arterial a confirmou alterada; apesar de ser hipertenso a mantém controlada com medicamentos. Necessitou fazer algo que procurou evitar desde o início da pandemia, ir ao Pronto Atendimento de um hospital. Após ser examinado o diagnóstico: estava tendo uma crise de ansiedade. Nenhum medicamento receitado, apenas uma orientação, voltar às caminhadas, deveria fazê-lo cumprindo os protocolos, máscara, álcool em gel, distanciamento. Álvaro superou o medo e voltou a essa atividade, que lhe devolveu, em parte, o bem estar.

O ano de 2021 chegou com a certeza que se iniciaria a campanha de vacinação no combate ao vírus, que dizimava parte da população do planeta. Ainda no mês de janeiro, efetivamente começou a imunização da população. As autoridades sanitárias de todo o mundo criaram a ordem de prioridades: primeiro as pessoas com doenças graves e os idosos com mais de oitenta anos, depois os trabalhadores da área da saúde e policiais. Seguindo a ordem de idade, Álvaro foi contemplado na quarta chamada, com alegria se dirigiu ao posto de saúde para a primeira dose. Com o passar dos meses, e a aceleração da vacinação, os bons resultados começaram a ser notados, apesar da intermitência de ondas devido às mutações do vírus que obrigavam as autoridades de saúde avançar ou regredir nas restrições impostas às populações das cidades de todo país. Apesar da guerra contra o esse mal moderno ainda não estar totalmente ganha é notória, graças à vacinação e aos protocolos preventivos, a vitória da humanidade sobre o Covid-19.

Álvaro já recebeu a quarta dose, já retomou a maioria de suas atividades, sempre com muita cautela, pois o “inimigo” ainda está aí, à espreita; mas ele tem

certeza que agora é questão de tempo para tudo voltar à normalidade plena.



JOÃO BAPTISTA DOS SANTOS (CHARLES) é militar aposentado. Recebeu os prêmios da Academia Cultural Barretense (Barretos-SP); Prefeitura Santa Rosa-RS; Universidade de Alfenas - MG; Prefeitura de Ponta Grossa-PR e Mercedes Benz, Brasil, todos na categoria conto.

DIÁRIO DE UM VELHO URUBUSERVADOR

PAULO ROBERTO ALEIXO

Num diário vindo dos sessenta, escrito a pele e penas. Chegado de antes ao agora, mesmo para aqueles cuja leitura é pouca e a escrita nenhuma.

Lê-se a vida.

Trajetórias diversas que se assemelham em dar-se e receber.

Qual ave, Maria, seria bendita?

O Sinal!

O único semáforo naquela bela e revitalizada avenida à beira mar no litoral brasileiro obriga aos veículos uma parada de exatos sete minutos. Lá não existe um cruzamento, mas há um grande fluxo de pedestres vindos da praia que atravessam na faixa, cheios de areias e maresia grudada em seus corpos seminus e bronzeados. A lassidão e os petrechos abundam, as crianças, arrastadas pelas mãos choram por mais uns instantes de mar e os sete minutos, uma eternidade para os veículos, são efêmeros para o cardume de banhistas.

Pelas quatro faixas de rolamento da pista, coincidentemente rodam quatro automóveis dirigidos por quatro dos personagens dessa crônica que irão parar lado a lado, pois o sinal irá se fechar ao mesmo tempo para todos eles.

Os veículos param, obedecendo à luz amarela, depois à vermelha.

No topo do semáforo repousa um velho urubu, ensimesmado em sua eterna resiliência de comedor de carne putrefata. Ele observa os condutores, humanos solitários, no interior dos carros lá embaixo e tenta ler seus pensamentos enquanto acompanha suas reações e as do casal de idosos que esmola a vida na faixa de pedestres com performances pantomímicas naqueles parques, porém frequentes sete minutos.

Os anciões, suados sobre o tablado de piche, se esforçam para conquistar a atenção dos motoristas, enquanto a turba salgada atravessa a avenida às suas costas

formando uma cortina para o palco no asfalto escaldante.

Num dos carros, o médico geriatra aproveita a parada para responder algumas mensagens de seus pacientes e dos enfermeiros impacientes que o auxiliam no atendimento em sua clínica particular na área nobre da cidade. O urubu percebe os movimentos rápidos dos dedos do doutor sobre a tela de seu smartphone, em contraste ao branco alvíssimo do jaleco cujo bolso superior trás bordado o brasão de sua empresa de serviços de saúde.

Suas mãos e olhos somente se desviam do aparelho celular para posicionar melhor um espelho localizado no teto do carro, e pentear seus longos e bem tratados cabelos brancos. O especialista renomado, conhecedor do tempo de espera daquele semáforo, sempre que ali pára utiliza sabiamente os sete minutos para otimizar os cuidados com seus clientes pacientes merecedores de toda a atenção e carinho da profissão, mesmo quando em consultas virtuais. De soslaio ele vê o casal de atores mambembes e se põe a imaginar quantas demandas eles teriam se pudessem acessar um serviço de saúde de qualidade.

"Seriam magníficos os experimentos que jovens estudantes de medicina poderiam extrair de um contato com essa realidade social. Vou registrar essa reflexão para ser abordada na minha próxima palestra."

Ao lado do carro do médico conectado, está a proprietária e professora da academia de danças paramentada com polainas e collants coloridos. O olhar do urubu é atraído pelas manchas escurecidas em suas têmporas, enquanto ela retoca a maquiagem. Ela assiste à performance do casal à sua frente com um olhar crítico: "Falta-lhes ensaiar melhor a coreografia", pensa com desdém. Repara também na magreza esbelta da senhora e no porte físico do senhor que, se devidamente penteado, perfumado e banhado de chuveiro e loja, bem poderia servir-lhe de par nas aulas de dança e nas noites de sextas-feiras nos restaurantes beira-mar que tocam zumba e axé madrugada adentro.

"Na dança da vida, por vezes, alguns não se adequam ao compasso. Mesmo assim o baile segue animado."

A beata, no SUV branco último modelo, aproveita a parada para orar. A bíblia de capa preta com detalhes em ouro nas bordas e letras em relevo, que ofuscam a visão do urubu, aguarda pesada no painel refrigerado do carro repleta de marcadores de páginas tentando fugir do jugo dos versículos e dogmas. Em suas orações a crente inclui, além dos drogados alcoólicos convertidos pela igreja, os desvalidos do farol com desejos sinceros de que eles consigam, com fé em deus, perseverar e superar as

dificuldades que a vida mundana se lhes impõe.

"As provações divinas vêm para todos nós, pecadores do mundo, sem distinção."

Diz em voz baixa para ser ouvida somente pelo senhor e por ela mesma. E completa: "Que deus seja misericordioso e nos reserve um bom lugar a seu lado no paraíso."

Distraída com um lampejo áureo projetado em direção ao urubu e aos céus, a partir das letras douradas e relevantes do livro sagrado, a velhinha, artífice do asfalto, sente uma leve vertigem e titubeia, quase caindo no braseiro gris. De pronto é amparada por seu companheiro que dissimula o indesejável acidente com maestria.

"As pessoas odeiam pedintes que se vitimizam exageradamente." Cochicha ao ouvido de sua parceira de vida e de rua, enquanto aperta com força coercitiva seu braço esquelético e flácido.

O olhar da velha Maria se faz vazio como seu estômago, donde ecoa um ronco surdo de lamento. O lamento dos esfaimados.

Ela fita a dançarina que desvia o olhar para o urubu melancólico.

Do conversível amarelo, cuja capota preta está recolhida de forma a dar mais charme ao modelo dos sonhos dos adolescentes da terceira idade, vem o som gritado, mas muito bem equalizado de um *Classic Rock*. Sentado em banco de couro preto, ao volante está o belíssimo ator de novelas e minisséries românticas. Nas hastes de seus óculos escuros, a grife grita valores incabíveis aos bolsos e bolsas dos pedintes-fãs. Nos olhos famintos do casal o consolo daquela proximidade com o ídolo ameniza a dor e a desesperança. A alegria dos momentos compartilhados em tevês de vitrines de lojas de rua e paredes de barracas de praia sobrepõe-se à tristeza crônica de suas rotinas.

O galã fala ao celular e esbanja um sorriso alvo de olhares e invidia. A garota ao seu lado, inflada, penteia os cabelos sedosos antes da selfie. Seus seios fartos com bicos protuberantes constroem o urubu que tergiversa acanhado.

Desligado o celular é possível o aceno piegas do ídolo a seus fãs, que por alguns segundos se esbarram, ao pararem a travessia para admirarem o ídolo, o carro e as possibilidades que o glamour se lhes oferece.

"A vida imita a arte!" Filósofa o galã. "Quantas tragédias encenadas e reprisadas. Essa banalização da desgraça humana tende a arrefecer o interesse do público pelas obras televisivas e cinematográficas. Estarão os diretores e roteiristas atentos a esse

fenômeno?"

.... O semáforo abriu. Os veículos avançaram. O urubu alçou um vôo pesado levando consigo o diário cotidiano e os velinhos ficaram à margem aguardando. Em seus lugares! Maria, a anciã, sem transparecer engole a saliva revoltosa, dói-lhe a úlcera do desprezo, regurgita o ódio. Entumece-lhe o olhar, um vazio conformado, pois sabe que quando o sinal se fecha para alguns abre-se para outros. sempre para outros!



PAULO ROBERTO ALEIXO (ROBERT PORTOQUÁ), 60 anos. Criado no Capão Redondo, São Paulo. Estudou até 2º ano de Letras. Vive no Nordeste. Gosta de literatura contemporânea. Seus textos falam de pessoas e seus cotidianos reais e oníricos. Escreve, pois reter o verbo é insuportável. 1º lugar VII Concurso Literário ALLA - Academia Leopoldinense de Letras e Artes, com a Crônica “Ossos em Fila”. Alguns de seus textos publicados em coletâneas são: “Mudança”, micro-conto (A barca Editorial); “Abordagem”, micro-conto (Editora Persona); “Mãe, vou pra rua”, micro-conto (UFRR); “Renasce a flor no lixão”, conto (Editora Sinete); “Última passageira”, conto (33 Editora).

RECOMEÇO

MARCUS VINÍCIUS MELO DE ARAÚJO

Saí à sacada naquele meio da manhã. O céu estava em um tom de azul que há muito eu não via. Certamente era por causa da baixa poluição pois com a intensificação da quarentena as fábricas estavam produzindo o mínimo possível, sem considerar as que já tinham parado de funcionar. Agora terei bastante tempo para apreciar o céu, pensei. Era meu primeiro dia desempregado. Afinal, ninguém mais queria comprar revista semanal de notícias, que vinha perdendo público anualmente para os diversos canais digitais, cujo golpe de misericórdia foi o acordo mundial para liberação de todo o conteúdo dos canais de notícias e entretenimento e dos serviços de streaming na internet para que as pessoas ficassem em casa.

Voltei meus olhos para a avenida vazia lá embaixo. Onde antes passavam milhares de carros todos os dias, gerando grandes congestionamentos e um infernal barulho, agora algumas pombas tomavam banho tranquilamente em uma poçad'água. Olhei para os outros prédios ao redor e não vi ninguém. Parecia uma cidade fantasma. Todos estavam trancados em seus próprios cantos, com medo até de abrir as janelas e deixar a morte entrar. A ansiedade e as crises de pânico tinham dominado grande parte da população e deixado as pessoas inseguras e aflitas, ainda mais considerando o colapso econômico que se tinha instalado. Havia uma indiferença geral no ar e a luz da vida parecia ter se apagado em muitas pessoas.

Parecia tão longe o início da pandemia e sua disseminação pelo mundo. A tão esperada “imunidade de rebanho” não tinha acontecido e a cada nova mutação do vírus a onda de contaminação era ainda mais letal. A pandemia tinha tomado conta de todo o planeta. E algum tempo depois o pequeno vírus se tornara ainda mais mortífero. Ele passou a sobreviver por longos períodos no ar. Agora vivíamos um estado de emergência mundial, com um isolamento social extremo. Os mortos já passavam da casa de 500 milhões.

Eu me sentia muito triste e sozinho. Fazia 3 anos que Débora tinha morrido, juntamente com nosso primeiro filho que estava em sua barriga ainda no terceiro mês de gestação. Não pude acompanhá-los no hospital e nem me despedir deles! O velório foi com o caixão fechado!!! Meus sonhos se evaporaram, pensei. E agora não

teria dinheiro nem para pagar o aluguel, senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Meu pensamento refugiou-se no passado e levou-me a lembrar a primeira vez que eu tinha visto Débora.

Fui despertado de meu sonho pelo barulho de um drone fiscalizador que passou em frente ao prédio fazendo sua ronda diária de vigilância. Desde as grandes manifestações populares contrárias às medidas extremas de isolamento, resultando em muitas depredações e mortes, as viaturas da polícia e do exército começaram a patrulhar a cidade e prender qualquer um que saísse de sua casa sem uma autorização expressa para circular durante o estado de quarentena planetária. Estávamos em uma fase obscura da humanidade, um período de dúvidas e incertezas. Estávamos submetido a um controle mundial na tentativa de se evitar a proliferação do vírus. Tínhamos aberto mão de nossas liberdades mais fundamentais. Muitos não tinham conseguido reorganizar suas vidas e abdicaram de continuar vivendo. A dor, o medo e a solidão estavam presentes em grande parte da população.

Cansado de tudo isso, estava prestes a tirar a máscara e ser logo contaminado com o vírus quando vi, no quinto andar do edifício à frente, uma porta se abrindo. Um vulto saiu da sombra e se mostrou ao exterior. Uma mulher apareceu na sacada, permitindo que o vento brincasse com seus longos cabelos loiros, parecendo não se preocupar com a situação pavorosa que estávamos vivendo pois não usava nenhum tipo de proteção facial. De repente, ela subiu na sacada e fiquei assustado. Ela estava em pé no parapeito da fachada pronta para pular. Tirei a minha máscara e com toda a força dos meus pulmões gritei:

— Não pule!!! — Ela olhou assustada na minha direção e para minha surpresa deu um sorriso. Rapidamente desceu do parapeito e entrou no apartamento.

Quem era ela, perguntei-me, perplexo. Nunca tinha visto ninguém aparecer na sacada daquele apartamento. O sorriso que ela me deu lembrou o de Débora. Por que será que ela tencionava pular? Será que ela tentará de novo? Quem tinha perdido? Perguntas para as quais eu não tinha resposta e decidi que tentaria descobrir. Precisava ir naquele prédio e entrar em contato com ela. Minha vida tinha ganho um efêmero propósito.

Peguei a mochila e desci correndo as escadas, xingando as autoridades por terem desligado os elevadores. Ao sair do prédio recebi a mensagem no celular: “Aviso: você está deixando sua zona primária de segurança. É necessária autorização especial para se deslocar fora dela. Volte e fique em casa para sua segurança.” Desprezando o aviso digital, atravessei correndo a avenida que separava os prédios

procurando por possíveis policiais. Entrei na portaria do edifício e, esgueirando-me das câmeras, subi rapidamente as escadas. Estava ofegante quando toquei a campainha do apartamento. A porta se abriu e a mulher da sacada disse:

— Entre, eu estava te esperando. — E foi sentar-se na sala.

Fiquei totalmente sem ação com sua fala inesperada. Entrei.

Sentei na poltrona em frente a dela que olhava para além da varanda do apartamento. Comecei a observá-la. Devia ter uns trinta e poucos anos e aparentava ter sofrido muito ultimamente. Ela parecia enfraquecida e sem vontade de viver. O que será que aconteceu, pensei. Resolvi iniciar a conversa.

— Eu sou Carlos — disse —, vizinho do prédio da frente. Posso saber seu nome? — Thereza — respondeu mantendo ainda os olhos fixos no horizonte.

Tomando coragem arrisquei:

— Eu vou embora da cidade. Irei para o interior, nas montanhas. Você gostaria de ir comigo?

Pela primeira vez, como que saindo do transe em que se encontrava, ela me encarou e vi, naqueles cansados olhos verdes, um pequeno brilho de esperança. Ela abanou positivamente a cabeça e murmurou:

— Vou pegar umas coisas e já volto. — E saiu da sala.

Quando Thereza entrou no carro com sua pequena mochila falei:

— Teremos que deixar os celulares aqui pois estamos sendo rastreados através deles.

Sem pestanejar jogou o aparelho para fora do carro com raiva.

— Vamos para a vila São José. Não iremos pela rodovia pois está bloqueada. Vamos contornar a montanha e chegar no lugarejo por uma estrada que circunda o monte.

— Essa estradinha não é particular? — ela quis saber.

— É, porém eu conheço uma forma de passar sem sermos percebidos. Eu costumava acampar naquela região quando jovem — respondi prontamente tentando tranquilizá-la.

Já era o final da tarde quando paramos em uma curva na estrada, no alto do monte, onde tinha um belvedere. Sentamos no velho banco e descansamos enquanto

apreciávamos a paisagem. Tínhamos feito todo o trajeto da viagem até ali em silêncio e achei que era uma boa hora para conversarmos um pouco. Contemplando a beleza da serra e escutando o barulho das águas que corriam lá embaixo contei para Thereza o que tinha acontecido comigo e o porquê estava abandonando a cidade.

Ela escutou atentamente sem fazer nenhuma interrupção. Ao final da fala segurou minhas mãos e, olhando nos meus olhos, garantiu:

— Carlos, entendo o que você passou pois vivi algo parecido. — E começou a expor o que ela tinha passado desde o início da pandemia até o momento em que eu a vi na varanda.

Nossos desabafos tinham nos deixado mais leves e nos sentindo pequenos em meio a grandiosidade da natureza que nos cercava.

Já estava escuro quando parei o carro em frente à pequena capela.

Ela me olhou espantada e perguntou:

— Vamos rezar agora?

— Bem — expliquei sorrindo —, na verdade não existe hora específica para rezar, mas respondendo à sua pergunta, não. Vamos apenas falar com alguém que certamente nos ajudará. Nos dirigimos à casa ao lado da Igreja e, ansioso, toquei a campainha. Após alguns momentos um homem com camisa clerical nos atendeu.

Padre Inacio não tinha perdido seu porte atlético em todos esses anos. Estava apenas um pouco acima do peso. Os cabelos, totalmente brancos, juntamente com a espessa barba grisalha, davam a ele um ar de avó bonachão. Ficou feliz em me reconhecer, mesmo de máscara, e, apesar da pandemia, me deu um forte abraço como há muito eu não recebia de ninguém. Convidou-nos prontamente para entrar.

— Carlos, guarde seu carro na garagem atrás da casa. — E me passou a chave indicando o caminho. — Tranque o portão e depois venha para a cozinha. Vamos abrir um vinho para celebrar nosso reencontro e colocar o papo em dia.

Sentados à mesa começamos a conversar. Contei para ele o que eu tinha passado nesses últimos tempos e tudo o que tinha vivido. De forma acolhedora ele escutou meu desabafo e depois falou:

— Meu filho, os caminhos de Deus são imperscrutáveis. Sabemos, contudo,

que nada acontece sem ser para um bem maior de seus filhos. Lembremos que somos peregrinos neste mundo e que nossa meta é a vida eterna no reino celeste, quando estaremos todos juntos de Deus, nosso Pai. Pela fé acredito que Débora e seu filho, que você nem chegou a conhecer, estejam já juntos de Deus.

— Até os maus? — questionou Thereza, que até aquele momento tinha ficado em silêncio.

Padre Inacio olhou para ela e acrescentou:

— Todos que fizerem a opção por viver o seu Amor aqui nesta vida. — E após saborear o vinho continuou:

— E você, minha filha, tem uma história?

Thereza olhou para mim sem saber o que falar.

— Ela é uma amiga que está me ajudando a atravessar esse difícil momento em minha vida — intervim, mentindo.

— Não é verdade! É justamente o contrário — reagiu ela, imediatamente. — Eu ia pular da varanda do meu apartamento hoje de manhã pois estava cansada dessa vida e tinha desistido de viver. Tinha pedido a Deus que me desse um sinal... — E começou a chorar, baixando a cabeça de vergonha.

Segurei sua mão, tentando lhe transmitir um pouco de segurança. Ela olhou em agradecimento e começou a narrar sua história, pela segunda vez, ainda com as lágrimas caindo.

— Estou fugindo do Centro de Controle de Doenças. Eu era enfermeira lá e trabalhei com as pessoas contaminadas pelo COVID-19 desde o início e, embora a cada nova onda de contaminação muitos da equipe médica morressem, eu continuava imune. Começaram, então, a fazer pesquisas e testes comigo e me mantiveram enclausurada. Descobriram que eu tinha uma imunidade inata a todos os tipos de coronavírus. Meus anticorpos neutralizavam esses vírus, impedindo a infecção das células. Nos meses seguintes fiquei confinada no laboratório do CCD, com eles fazendo todos os exames possíveis e retirando litros e litros de meu sangue. Um dia houve uma queda de energia e alguém cometeu algum erro, que espalhou várias cepas do vírus no laboratório, resultando na contaminação e morte de muitos pesquisadores. Aproveitei a oportunidade e, não sei como e nem com que energia, consegui escapar. Fui para o apartamento de uma amiga que está na Europa e fiquei trancada lá por uns dois meses. Não podia voltar para a casa de meus pais pois provavelmente estaria sendo vigiada, além disso eles e minha irmã tinham morrido nos atentados do ano passado. Já não tinha mais comida e estava sem qualquer

esperança de sair dessa situação. Eu tinha desistido de continuar lutando pela minha vida...

— Minha filha — falou o velho sacerdote que tinha ouvido atentamente seu relato —, embora você tenha sofrido bastante nunca se esqueça que a força de Deus está do seu lado. Ele cuida de você em meio a todas as angústias e sofrimentos porque a ama com amor único. — Aquelas palavras conseguiram acalmar o espírito de Thereza.

Padre Inacio levantou-se, foi até um armário, e voltou a sentar-se.

— Você ainda sabe se deslocar sem GPS, Carlos?

— É como andar de bicicleta — respondi. — A gente não esquece. — Lembrando da época da minha mocidade quando acampava na mata.

— Ótimo! Esta chave — colocou sobre a mesa juntamente com um mapa e uma bússola — é de uma cabana que minha família tem nas montanhas. Fiquem lá por um tempo até que tenhamos uma volta à normalidade, se é que isso vai acontecer. A cabana está abastecida pois pretendia passar minhas férias lá, porém, com toda essa situação não tenho condições de abandonar minha comunidade.

Encolhido no canto da cama eu sentia uma dor extrema, insuportável. O quarto estava escuro e mesmo assim parecia que eu via tudo. Toda minha vida com Débora desfilou diante dos meus olhos. Os momentos que passamos juntos, as situações que experimentamos, os sentimentos que vivenciamos, nossos olhares, carinhos, sexo, amor. E nosso filho que iria nascer... Tudo isso tinha sido roubado de mim. Parecia que alguém tinha me esfaqueado por dentro, dilacerando todas as fibras de meu ser. Eu queria gritar, porém não tinha forças, não tinha coragem. Estávamos iniciando nossa vida juntos, tínhamos um caminho todo pela frente. Não era justo acontecer isso!!! Enfim, ficou apenas o sentimento de perda, o vazio infinito.

No momento seguinte vi Débora, tranquila, serena e bela como sempre. Seu sorriso, mas do que nunca, era doce, suave, meigo, angelical! Ela estendeu sua mão para mim e puxou-me do canto escuro em que eu estava para a luminosidade perto de si. Aquela luz me aquecia e acalmava. Então, falou:

— Carlos, não foi sua culpa. Foi uma fatalidade. Volte a viver a vida. Eu te agradeço por todos os momentos que vivemos juntos e estarei sempre contigo em

nossas lembranças. Agora, porém, você deve voltar a viver seus sonhos. Um dia nos reencontraremos novamente no céu. — E soltou minha mão, indo para longe. Dessa vez, contudo, não tive a sensação de perda.

Abri os olhos espantado e sentei-me na cama. Estava todo suado e com a musculatura tensa, parecia que tinha participado de uma verdadeira batalha. Respirei fundo e tentei clarear minha mente. O quarto estava escuro e levei alguns segundos para me orientar. Estava na casa do padre Inacio. Então tudo tinha sido um sonho... Porém, estava me sentindo tranquilo.

Tinha fechado um ciclo em minha vida.

Voltei a dormir pensando se haveria ainda alguma expectativa de futuro.

Acordei com a luz que entrava pela janela batendo em meus olhos. Um novo dia amanhecera. A claridade cristalina daquela manhã contrastava com a espessa escuridão que eu tinha vivido até então em minha alma.

Escutei barulho na cozinha.

— Como podemos agradecer, padre? — perguntei, sentado à mesa, após beber um gostoso gole de café quente que acabara de ser coado.

— Aproveitando a oportunidade que a vida está dando para vocês se conhecerem melhor, reflitam sobre tudo o que aconteceu e descubrirem qual o plano de Deus para vocês — respondeu ele.

Percebendo que Thereza queria falar alguma coisa com ele, padre Inacio adiantou-se e tomou a iniciativa:

— Filha, seu valor é infinito para Deus, como de todo ser humano. Não esconda seus talentos, coloque-os em prática. Você pode mudar o mundo e torná-lo mais belo! — Tenho medo do que pode acontecer... — confessou ela —, estou afastada de Deus há muito tempo.

— Não tenha medo, Thereza — afirmou o sacerdote, segurando suas mãos. — Os desafios aparecerão, porém confie em Deus. Peça a Ele para iluminar suas decisões, suas escolhas. E lembre-se que Jesus está sempre conosco, caminhando ao nosso lado. Basta abrir seu coração que o Senhor virá e fará morada em sua vida. — Percebi que aquelas palavras tinham sido um bálsamo para ela.

— Obrigado por me acolher tão bem e não me julgar — agradeceu Thereza, sinceramente, enquanto o abraçava.

— Somente Deus conhece intimamente as intenções das pessoas — disse

sabidamente o padre.

Dei um forte abraço naquele homem de Deus que tinha conhecido na juventude e que muito tinha ajudado em minha formação humana e cristã.

— À propósito — falou sorrindo, enquanto íamos em direção à porta —, eu chamo o lugar aonde vocês vão de “Jardim do Éden”.

Encaramos o religioso e falamos juntos:

— Obrigado por tudo.

Eu tinha pensado que ainda seria fácil me deslocar sem GPS, porém estava errado, e a certa altura do trajeto pedi a ajuda de Thereza:

— Dê uma olhada no mapa? Acabamos de passar por um riacho. Ali na frente tem uma bifurcação. Esquerda ou direita?

Ela me encarou com aquele olhar de “finalmente pediu ajuda”. E com um certo tom de ironia, respondeu:

— Direita.

— Tem certeza? — retruquei.

A expressão de seu rosto falou tudo.

Logo a estrada se abriu em uma pequena clareira.

A cena não podia ser mais idílica. Avistamos o chalé no meio de árvores frondosas e repleto de flores coloridas ao seu redor. O local é a própria imagem do paraíso, pensei.

Paramos na frente da cabana e, encantados com o lugar, descemos do carro. Na frente do chalé, antes de entrarmos, Thereza tirou um embrulho de sua bolsa e me deu.

— O que é isso? — murmurei.

— Um presente. A vacina feita a partir dos meus anticorpos que consegui pegar no laboratório antes de minha fuga. A partir de agora você não precisará usar mais protetor facial.

E abaixando minha máscara ela me beijou pela primeira vez.

Adentramos, de mãos dadas, o local onde recomeçaríamos nossas vidas.

FIM



MARCUS VINÍCIUS MELO DE ARAÚJO (EDMAR VENTURA) nasceu em 1963, em Bonsucesso (MG), morou no Rio de Janeiro até 1968 e depois foi para Brasília devido à transferência de meu pai. Estudou no Maristinha, no Maristão e engenharia mecânica na UnB. Fez muitos amigos na 110 Sul, na universidade e no Emaús. Trabalhou em várias empresas e, por último, ingressou nos Correios. Casou. Teve duas filhas. Mudou para Bauru (SP) a trabalho em 2000. Fez MBA em gerenciamento de projetos. Começou a escrever contos em 2017.

É

FLÁVIA DE ASSIS E SOUZA

Não. A teoria do monossílabo não se aplica só a palavras. Ela também se aplica a ideias. Quanto mais estupefato o indivíduo fica, menos palavras concatena. O cérebro articula curtas interjeições, vocábulos ou expressões. Como se fosse uma disputa com o silêncio, que prepondera em situações de estarrecimento.

Já iniciada a terceira década do século XXI, poderia aquele verão chuvoso para uns ou aquele inverno nevado para outros representar um conjunto de adereços, dos mais fiéis à estação até os intentos de sorriso e alegria em meio às dúvidas. Mas não era assim no coração de Dom, no hemisfério Sul, nem no de Liz, no hemisfério Norte.

O mundo mudou. Havia dois anos que Dom conheceu seu primeiro tapa-bocas. Em idade juvenil, usou máscaras em bailes de carnaval para celebrar a vida por vir. Hoje, já adulto, a máscara era para proteger a vida agora, trazendo a dúvida amordaçada do amanhã.

Dom passeava distraído pelas ruas semi-movimentadas da cidade onde vivia, sob roupa confortável e um boné de tiracolo para trazer leveza ao caminhar. Pensativo, inspirado na prática que adquiriu recentemente, mais introspectivo, de poucas palavras pela redução drástica do convívio social que o momento impôs. Observando vagorosamente de um lado a outro, no ângulo raso que seu olhar cobrisse, percebia a mesma natureza de antes, só que mais parada, cor mais opaca, eterna expectadora da ruptura ou da transformação que o enredo humano lhe atribuía.

O mundo de Dom viveu uma pandemia. Sem precedentes, como as outras pandemias que séculos anteriores e territórios diferentes conheceram. Cada pandemia, por mais que tivesse uma anterior extremamente aniquiladora e avassaladora, não se comparava à que a sucedia, pela ventura do complexo. Sempre há mais complexidade no presente que no passado, mais gente, mais problemas, mais escassez, e até mais abundância, desuniformemente distribuída.

Aquela rua por onde passava outrora tinha um trânsito diário de difícil convivência. Hoje ainda apresenta solavancos de baixa fluidez dos carros, mas nada comparado ao período pré pandemia.

Assim que encontrou uma sombra fresca em um banco da praça, Dom ligeiramente depositou seu corpo para deixar a mente vagar mais acelerada que seus passos. Uma viagem de roteiro imprevisível às lentes cinematográficas antes do último par de anos.

Dom se lembrou do primeiro caso de óbito de pessoa próxima, em função da pandemia. A tia de oitenta anos, embora com saúde impecável frente à sua geração, não resistiu ao ataque do vírus. Junto com seu óbito, o tio enfrentou uma quinzena de dias de solidão na unidade de tratamento intensivo do hospital lotado, quase sem vaga para sua acomodação. O tio sobreviveu ao ataque viral, porém continuou na solidão, a solidão de ter que guardar seu luto sem a última despedida, da incerteza para sua família e do que seria do mundo para seus entes queridos a partir dali. Escutou do tio um desabafo paradoxal, quem se confessou aliviado por ter vivido seus oitenta e dois anos com poucas batalhas e muitas vitórias, mas também impotente de estar no último ciclo da vida com um mundo tão complicado para os seus.

A colega de trabalho de Dom, grávida quando começou a pandemia, sofreu surtos de pânico, visivelmente perceptíveis pelas interações *online*. A ideia do perigo fora do seu lar, à espreita para atacar as vítimas inocentes, a levou a um estado de alerta máximo, potencializado pela carga hormonal acentuada do período gestacional. Dom lamentava vê-la sofrendo tanto e pouco curtir a gravidez tão prazerosa para a maioria das mulheres, assim como foi com sua esposa e suas irmãs.

Trazendo a memória um pouco mais próxima de si, dentro das paredes de seu lar, lembrou-se do quadro depressivo que seu filho mais novo enfrentou. Sem poder ir à escola, nem brincar com os amigos, encarcerado nos metros quadrados da casa que virou escritório, escola e parque de diversões, as paredes o apertaram e osufocaram. Desceu boas léguas no poço do drama e, com ajuda psicológica profissional, levantou antes que se afundasse de vez. As consultas eram *online*, nova modalidade que ganhou tração durante a pandemia.

Com um sorriso amarelo de quem constata como o mundo é desigual, acenou a cabeça em leve negação, recordando-se que a ajudante doméstica de seu lar não teve a mesma sorte. Reclamava de parentes que abusavam das regras de isolamento, apoiando-se no argumento de que precisavam trabalhar. Na cabeça de sua ajudante, em menos potência, mas de alguma sorte por ali, o mundo da pandemia se dividiu em dois: os que tinham recursos para ficarem em casa e os que tinham que trabalhar. Um julgamento tácito, simplista e cruel de massas que se polarizaram.

Estas mesmas massas sentiram fome, frio e desceram um degrau do lugar precário da escalada social em que se encontravam. Quem era pobre ficou mais pobre, quem era bem de vida com trabalho autônomo ficou pobre, quem era assalariado e foi demitido ficou mais pobre. Uns ficaram mais ricos, na jornada irresistível e insubstituível que o mundo tecnológico da informação e acesso permite.

Com um sentimento de pesar e também de superação, Dom se lembrou que seu matrimônio ficou bem balanceado, arqueando o tronco da árvore familiar, a ponto de não se saber se a raiz aguentaria segurá-lo. O excesso de convivência, sem válvula de escape, saturou a relação. Sob um nível de esforço considerável, ele e a cômputo buscaram arrimo no passado e na promessa de um futuro melhor para seguirem juntos. Assim a ruptura foi evitada.

Com um novo sorriso no rosto, desta vez colorido, como que um alento no emaranhado de estranhezas que o destino impôs ao planeta, Dom se lembrou do coração agigantado das pessoas. Em momentos extremos, em ocasiões da sacudida de valores em todas as mentes e lares, a solidariedade se sobressaiu. A doação, o afago, a palavra amiga, em tom retumbante ligaram corações no mundo e nos pólos formados.

A raça humana conheceu, pois, sua supremacia para o bem, unidos pela dor e, principalmente, pelo amor. Uma semente de que o outro bem e feliz reverbera para si próprio foi implantada nos corações de forma massiva. E, numa fração de tempo imponderável, o bem prevaleceu, tocando corações que se isolavam do coletivo em uma bolha própria até então.

Como contraponto, Dom inventariou as ondas de desinformação que abarcaram as mídias como nunca visto antes, ou para tumultuar, ou para negar, ou para desacreditar o momento difícil por que passava a humanidade. Tratamentos tortos, falácias descabidas, negação veemente, verdades e mentiras que se mesclaram no mesmo nível de proficiência para orientar e desorientar a população mundial.

A mesma solidariedade que brotou nos corações de forma imersiva foi parcialmente substituída pela animosidade frente a pensamentos e teorias diferentes. E a intolerância, característica milenar de disputas tácitas ou evidentes para catalisar o subjugamento, ancorou com precisão na lida coletiva.

Dom se lembrou com orgulho do avanço da humanidade em gerar a vacina contra a pandemia de maneira tão rápida e responsável. Muita ciência e foco por trás. Ele sabia que o ponto de partida não havia sido o zero, a ignorância, mas os

recortes de pesquisa e desenvolvimento científico que nunca param.

Mais e mais pessoas vacinadas no mundo, fronteiras começando a se abrir para circulação extra território próprio. Dinâmica acelerada e freada repetidas vezes, em função de novas variantes que o vírus trouxe na pandemia. Como qualquer organismo, busca sua longevidade, mutando, adaptando-se, com atributos de muita potência, desafiando a viabilidade da ciência implementada na velocidade desejada.

O ambiente de trabalho e de estudo se transformou para sempre, salvas as devidas ponderações que o acesso segrega entre distintas camadas sociais. Híbrido passou a ser um termo usual para caracterizar o trabalho, a presença física, a circulação dos indivíduos, do meio da pirâmide para o topo. A base da pirâmide continuou com as mesmas mazelas, potencializadas pela transformação que aconteceu no mundo e que a sua vã expectativa não pode acompanhar.

Com muito desgosto e preocupação, Dom se lembrou das estatísticas de violência urbana e insegurança social que se avantajaram nos últimos tempos. Em uma análise rasa, Dom julgava ser pela escolha entre o prato cheio em casa ou a retidão de caráter. Ou apenas a banalização da vida em si, que unanimemente foi vista como um sopro, banal para uns, fundamental para outros.

Cansado de pensar no seu inventário da última dupla de anos, Dom precisava de um combustível para encher os pulmões de ar e trazer leveza para o próprio ser. Avistou uma cafeteria na esquina de sua quadra residencial, velha companheira de paradas premeditadas ou não. Sem precisar do cardápio disponibilizado por *QR code*, já sabia de cor o café de que gostava: o mais simples, reto, direto, o café curto sem açúcar.

Antes que o café chegasse ao seu deleite, agarrou um jornal oferecido aos clientes que ainda valorizavam a informação em papel para desanuviar a atração irresistível ao celular.

Alçando-o com os dedos polegar e indicador da mão direita, cabeça inclinada para facilitar o trajeto do líquido que segue a lei da gravidade, degustou demoradamente seu café. Encheu os pulmões de ar e esparziu um sorriso. Harmonizou seus sentimentos e sequenciou seus pensamentos para que as boas impressões e esperanças povoassem o desfecho da sua reflexão matinal.

Na capa do jornal que tomou para seu momento do café, estava anunciado o novo enredo que ninguém acreditava pudesse ocorrer naquele momento: “Rússia invade a Ucrânia.” Era iminente, mas improvável. Dom apenas sussurrou um monossílabo: “Ai!”.

Em ângulo diametralmente oposto, estava Liz sentada em um café em uma cidade de porte médio da Rússia, nos fundos de uma livraria onde trabalhava como bibliotecária. A paixão pelos livros e pela história fez com que Liz escolhesse esta profissão, tendo a ambição de um dia abrir sua própria livraria.

Sabia do advento da internet e o quanto este novo formato de contato com o mundo da leitura era pujante. Mas acreditava no modelo híbrido, no qual o livro físico nunca morreria.

Conhecedora da história de seu país, das guerras que causou e atravessou, não tinha a mesma certeza se um dia a dignidade russa também morreria. Era uma pergunta que se fazia em relação às nações que preconizavam a guerra ou a fomentavam. O poder, a terra e seus recursos naturais eram elementos de cobiça de todos os tempos, aprimorados pelo alcance bélico a que as nações inclinadas se dedicavam.

Naquele dia todos os noticiários de seu país anunciavam a entrada de tropas russas em território ucraniano para defender os interesses da pátria, polarizada nos grupos a favor e contra.

Liz não queria que aquele enredo fosse dali, de onde nasceu e cresceu. Esta guerra não a representava. Os interesses por trás não eram os seus. Sabia que o mundo achava atroz esta atitude e temia que a generalização fosse inevitável: a Rússia, os russos...

Respirou fundo, ofegante no início até que a cadência de entrada e saída do ar pudesse ser mais harmoniosa. Alçou seu café com os dedos polegar e indicador da mão direita e o introduziu no seu trato digestivo de forma terapêutica, como que para abastecê-la de ânimo e de fé.

Desejosa como uma soma suprema da população mundial para o não progresso desta guerra, também desejou que o mundo não generalizasse e não visse nas Lizes e nos Alexanders e nos Dimitris a perpetuação do ódio que seguramente se instalaria em algum grau, alguns lugares, algumas gerações. Buscando uma esperança que a acolhesse, então suspirou: “Sim!”

No mundo onde Dom e Liz vivem, o mesmo mundo de todos nós, a história é um “e” em letra cursiva, escrito seguidamente, sem interrupção. Os eventos e sentimentos, bem como suas manifestações, se repetem de tempos em tempos, continuamente.

Haverá um ponto final para iniciar-se outra frase com letras diferentes, imprevistas e harmoniosas? Sim, mesmo que comece com “e”.



FLÁVIA DE ASSIS E SOUZA nascida em Rio Verde/GO, é Engenheira de Alimentos, formada pela Unicamp, com pós-graduação em Qualidade e Produtividade, Marketing e Comércio Exterior pela USP, ESPM e FGV, respectivamente. Vive em São Paulo, atuando em Marketing e Vendas há 25 anos. Tem um acervo de mais de 380 poemas, 40 contos e 1 romance. Publicou o livro de poesia *Sobre hoje*. Pelas mídias sociais, leva uma escrita autoral de forma leve, com o objetivo de despertar e conectar pessoas.

“PRAÇA DE GUERRA”

CELSO LOPES

Frente a frente, cada qual em seu canto da mesa com a cabeça curvada sobre os braços; o olhar de ambos, o olhar de cada um deles, certamente, dirigido ao outro. Ali estavam, imóveis e inertes até a descoberta. O filho, radicado em outro estado, o único do casal, cansara de ligar para o telefone da mãe e do pai. Em seguida, a informação chegou ao zelador do prédio, que, pressentindo algo estranho no apartamento, levou o caso à polícia que, instantes depois, chegava com aparato técnico para o arrombamento da porta e posterior autópsia dos corpos. Ali no antigo edifício Maria Eliza, de 10 pavimentos, um prédio característico dos anos 50, com andares individuais e restritas vagas de garagem, o casal de idosos, aposentados, era conhecido como dona Branca, a antiga professora de história, e o professor Pio, biólogo, antigo chefe de laboratório da faculdade, onde se conheceram ainda jovens. Ambos eram moradores do quinto andar, no apartamento comprado há muitos anos, ali na região da Bela Vista, em São Paulo. Quem os conheceu, ainda que de vista, no dia a dia do edifício, ou nas imediações, por onde sempre caminhavam, informava que havia dessas coisas entre eles. Saíam e chegavam juntos. Sempre juntos, mas era visível um certo embate desafiador eles, o que podia, visivelmente, ser percebido pelo silêncio profundo e tenso, que seguia à vista de todos. Assim que entravam no elevador, nascia um rancor íntimo entre ambos, e então, as palavras surgiam como pedras talhadas, ásperas, nuas e pontiagudas, como dardos certos, punhais, ora atingindo um, ora outro, transformando ambos em ávidos combatentes de uma guerra eterna e incessante.

Sobre a mesa, a perícia técnica levantou os devidos registros fotográficos, onde se via um considerável número de palavras cruzadas, abertas em páginas diversas; no local, ainda, um volume sisudo de cor marrom, sem qualquer indicação na capa, um pequeno livro de poesia, além de dois dicionários, esses abertos, que

pelas digitais, pertenciam, distintamente, a cada um deles: o Caldas Aulete seria o da Mulher, e o Aurélio, o do Homem. Os corpos, nesse período de “repouso”, segundo o laudo técnico, datavam de pelos menos 24 horas antes, indicando sinais de um eventual embate ocorrido, realmente, no dia anterior. Para os peritos, as sandálias da Mulher deixaram rastros indicativos de horário, com abrangência para mais ou para menos, às 12 horas, meio dia, um horário suposto como o da refeição de ambos. Mapeado este ponto, observou-se que a Mulher teria se deslocado para fora da mesa da copa, e por fim, alguns metros dentro da própria residência, até à cozinha, onde a xícara indicava que tomara café na Térmica; depois de pausa relativa seguira rumo ao banheiro, e também no quarto junto às gavetas da cômoda, onde foram percebidos indícios de movimentação nas roupas que, após retiradas, foram dobradas, redobradas e guardadas novamente. As pistas seguiam a Mulher também para um outro ambiente. Seus passos detiveram-se durante um bom tempo, frente à estante da sala. Ali, como se pusesse olhos para escolher algum livro, retirara o Volume marrom, em cuja página interna destacava o título: “*Instrumentos de Guerra da Antiguidade*”. Também foi registrado no laudo da Mulher, por um dos peritos: “ - é bem provável que tivesse conhecimento deste livro desde os tempo das aulas do seu curso de história”. O volume permitiria demonstrar aos alunos um verdadeiro campo de batalha da antiguidade, destacando instrumentos e estratégias que assustavam e arrasavam os antigos exércitos na idade antiga e média. Seu uso, pressupunha dizimar Inimigos inteiros, com a força daquelas potentes armas de Guerra. A foto do perito, de uma página aberta e específica do Volume, indicava, por exemplo, o “Apito da morte”. Descrito ali como “- um objeto sonoro criado pelos Astecas, que soava de forma aterrorizante, sendo utilizado em batalhas para simular estridentes gritos de pessoas em sofrimento, induzindo os adversários a um estado de transe desesperador, colocando-os à mercê do exército dominante”.

Apanhado o livro, a Mulher se dirigira à mesa do embate. Então, ali, avaliaram os técnicos, a partir dali, o silêncio voltara a perdurar. Assim, era quase possível “ver”, ou mesmo “sentir” a caneta nas mãos da Mulher, dando mostras da sua agilidade na escolha das palavras e desafios endereçadas ao preenchimento das Cruzadas. Seguindo a lógica desses passos, conforme o laudo, a Mulher, concentrada no desafio vertical e horizontal, sem dar trégua ao adversário, seguia firme e impiedosa, “comendo pelas beiradas”, buscando armas ferinas para fazer o uso preciso dos seus pensamentos; o registro indicava que, num determinado instante, os olhos da Mulher foram ao encontro dos olhos do Homem, que a fitava

do outro canto da mesa. O abalo causado por esse olhar fulminante, por certo, fragilizara o oponente durante um longo tempo – garantiram os Peritos. Nesse ponto, um deles alertara que, seguindo as pistas sobre a mesa, algo de pessoal sobrepunha-se naquele momento. “percebi pelos indícios – destacou o Perito - que dois nomes levantaram evidências, além de uma data. O primeiro poderia ser, digamos, um buquê de flores... o segundo, esse em sintonia com o primeiro, o nome de uma mulher: “Rose”. Nessa direção, o perito assinalara que poderia ter havido ali, um estranho caso. Talvez indícios de um antigo triângulo amoroso, nunca resolvido, ou uma falta imperdoável, pois a data assinalava o dia do aniversário de dona Branca, o que bem poderia ser traduzido por “Rosas”. Neste ponto, não aprofundaram tanto, frisaram que, apenas indicavam como referências compiladas para atendimento legal aos serviços da autópsia.

O Homem, ficava evidente pelos sinais indicativos da sua chegada ao prédio, havia saído por algum tempo. Fora visto no dia anterior passando pela portaria do prédio com embrulhos amarrados para facilitar o carregamento. O Zelador sabia de cor e salteado o produto no interior daqueles embrulhos. Quando interpelado, afirmara sem tropeço: “São palavras cruzadas. O professor Pio, uma vez por semana vai nos sebos de livros na região da Luz e imediações, comprar essas revistas por preço inferior ao de capa. São baratinhas, ele garantia. As difíceis ficam sempre para a Mulher, dona Branca, as médias e as fáceis eram dele.” Os sinais de passos levavam o Homem, após sua chegada em casa, direto para a mesa do embate, à exceção de uma pequena parada que fizera na cozinha, onde tomara meio copo d’água, conforme detalhamento pericial. Já na “Praça de Guerra”, o espalhamento das revistas indicava que a estratégia do Homem fora rápida. A ordem sequencial das suas revistas apresentava-se, como suas próprias armas de combate, prontas para o disparo. Por certo, inferiram os peritos, o Professor Pio sabia das suas limitações no “Palco de Guerra”. Afinal, afirmaram, dona Branca lecionara anos e anos sua matéria de História Antiga, dominando tópico por tópico – haja vista, sua ampla e preciosa biblioteca disponível na sala. Ao Homem, sobrava-lhe alguns recursos, indicado por publicações em seu nome, sobre filmes, teatro, música, além de alguns volumes referente à biologia e elementos químicos. Tudo isso, registrado em livros no espaço identificado como dele, junto a um canto da estante. Solicitado a falar sobre o contato de ambos, o filho destacara a prodigiosa memória da Mãe, e portanto, praticamente imbatível nas Cruzadas, além de, certa vez, num jantar de “Bodas”, ter reconhecido que ninguém sabia mais sobre filmes, teatro e armas químicas que o

marido, completando que fora a única vez que vira a mãe dando o braço a torcer. Na “Praça de Guerra” o silencioso embate seguia o seu curso. As palavras, ali, dispostas, orientadamente, em cada página aberta das revistas, não deixavam por menos. As palavras são fortes – garantiam os Peritos - já próximos a encerrar o laudo. Em rápida leitura, via-se que a Mulher não deixava nada no vazio, com o seu hábito das perguntas retóricas naquele antro das palavras cruzadas. Novamente, “pressentia-se” sobre a mesa, a voz interpretativa e explosiva sobre o território da disputa: “ - *Animal mitológico associado à virgindade, que possui a forma de um cavalo com um único chifre frontal?*”

Bingo. “Unicórnio”. Assim estava assinalado pela Mulher. Por vezes, afirmaram os peritos, simplesmente ela perguntava por perguntar, pois, num átimo, já se debruçava sobre os 4 quadradinhos do papel, desenhando as letras do alfabeto indicadas nos espaços solicitados. Ao Homem, disseram no laudo, em silêncio ouvia tudo, porém, por vezes, fingia não ouvir, sobrava-lhe o sofrimento e a dor diante de uma pergunta quase sussurrada para si mesmo: “- *O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo?*”

Por isso, a voz do Homem saía baixa. Os sinais mostravam, vivamente, que ele estancara-se com a caneta no ar, pois a pergunta dava a ela, à Mulher, muitos e muitos pontos de vantagem. A história antiga não era mesmo o seu forte. Talvez visse a Mulher, nas entrelinhas sonoras daquele embate infernal que dominava a sala, um sorrisinho maroto e confiante, apontando-lhe uma das armas de Guerra registrada no compêndio marrom. È bem provável que a Mulher dissesse a si mesma, que usaria primeiro uma Catapulta, arma de ataque capaz de quebrar silêncios e barreiras dos homens, especialmente os encastelados e protegidos em cidades muradas. Haveria de destruí-lo, caso ele persistisse naquela paralisia. Lançaria sobre seu adversário as mais potentes armas, que haveriam de liquidá-lo com pedras e pedregulhos lançados aos muros do seu palácio. Recuasse, portanto, ou então, receberia o golpe mortal: haveria de lhe atirar a maldição das esposas incompreendidas!...

Segundo os peritos, era visível que o Homem se agitara, sofrendo tamanhas pancadas e ataques. Mas não fora difícil notar através das Cruzadas espalhadas, que a mente do Homem dirigira-o para uma vida inteira à frente do laboratório químico da escola, onde eles se viram pela primeira vez, e para sempre. Havia indicativos de que a Mulher levara-o para leituras adicionais, o que dera a ele maior sustância no embate das horizontais e verticais, com temas sobre filmes, música, teatro, incluindo

o Universo e as Galáxias, elementos químicos e outros, além da sua especialidade: a Biologia e relações e interações dos seres vivos com seu meio ambiente.

Pela disposição esparramada na mesa, garantem os peritos, que, por vezes, a Mulher seguia, sim, com perguntas retóricas, pois, num átimo, as suas impressões digitais e papiloscópicas disponíveis, além de impressões palmares, plantares e poroscopia – todos a serviço da perícia para a autópsia – indicavam que ela já se debruçava sobre os quadradinhos do papel, desenhando as letras corretas. O Homem ouvia novamente: “- *O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo?*”. Era inevitável, garantiram os técnicos, agora ele receberia o golpe mortal que ela lhe preparara; haveria de atirar- lhe a maldição das esposas quando abandonadas, tal qual, as pragas e animais putrefatos endereçados pelas armas ao abrigo dos inimigos para infestar-lhes doenças e epidemias....

O Homem, garantiam, sentiu o baque. Doeu-lhe, a força desse punho gigante. Por isso, olhava, agora, de dentro do silêncio, com temor, para dona Branca, enquanto lançava mão do seu Aurélio para se livrar do peso, pois precisava ganhar tempo. E para isso, teria de ser ágil nessa descoberta: *O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo!*. Sofria com isso. As tentativas pareceram infrutíferas. Não localizava as referências como previra. O silêncio seguia naquele território de batalhas, quebrado, apenas, pela retórica ascendente da Mulher.

“- *o Santo Graal também é chamado de. ?*”

Agora, informaram os Peritos, adicionando ao laudo: “ - ali na sala, avolumada de silêncio, podia ser percebido, pois a leitura é crível, os contornos grandiosos dos olhos de ambos, do Homem e da Mulher, como fossem eles, Dona Branca e o Professor Pio, os guerreiros autênticos das antigas Cruzadas, onde estavam a postos como os soldados de Cristo, identificados pela cruz sagrada. Então, enquanto a Mulher já se debruçava nas Cruzadas horizontais, sem sequer uma dúvida, mínima que fosse, ganhando tempo nos desafios mais difíceis de uma Coquetel Super, um certo vazio se instalara no ambiente, como fosse uma planta que encontrasse solo fértil e a umidade necessária para o surgimento dos brotos, ávidos de frutificação. Agora, agora as horizontais do Homem pediam mesmo ajuda aos Deuses da sabedoria: - *Trepadeira comum em muros, com quatro letras? - Aflor da idade, no sentido figurado, com nove letras?...*

Enquanto o Homem entendia a necessidade de respostas, ela, a Mulher, garantiram os peritos, ela, ali, criava, a seu jeito, um universo sob domínio. Lia as verticais, mas, espertamente, respondia até mesmo as horizontais. Com isso,

ganhava a olhos vistos, uma velocidade de maratonista na execução das tarefas. As palavras cruzadas exigem mais que um passatempo, ironizava em seu silêncio, como se mostrasse a ele, ao Homem, as linhas formando os quadrados em branco na vertical e na horizontal; e insistia sob o silêncio: as linhas não vacilam, não fingem, não dão golpe, nem disfarçam. Mostre-me ser capaz de preencher pela descoberta, pela sutileza dos nomes, pela grandeza da escolha...e mais: a Mulher preparou-lhe um olhar fulminante repetindo uma poesia latente que a sua mente captara no livro aberto sobre a mesa: *“Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto, lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco. Algumas, tão fortes como o javali..(...)”* A Mulher, então, quebrara o silêncio e embasbacava o Homem pelo poder das palavras ditas: *“ palavra, palavra – digo exasperada - se me desafias, aceito o combate”*. E assim seguiu ela, nesse diálogo imaginário de palavras para todas as coisas, assim como, acusações, falta de conhecimento, agressões, ironias, desatenção, agressividade... E então, retomou os seus conhecimentos de história, e sob suas mãos, as palavras passaram a ganhar formas definidas de ataque: - primeiro as pontiagudas, como fossem setas de um lápis ... depois as cortantes, como facas e tesouras, e depois as explosivas, como pólvora para canhões, fuzis, revólveres, espingardas e metralhadoras... E assim, disseram os técnicos, lançara, inapelavelmente, sobre Homem, sobre o adversário, de forma incisiva, os seus *Escudos especiais* - *“ -tal qual um canivete suíço em tamanho dimensionado”*, afirmaram os Peritos. Ao ataque, ela dizia a si mesma. E logo mostrava-lhe as garras impregnadas de lâminas e lanças serrilhadas, o que a levaria à vitória em qualquer combate de contato físico. Ao Homem, lutando pela vida, sobrava-lhe a atenção de se manter a uma distância adequada, para não ser ferido de morte.

Por instantes, disseram os peritos, os grupos de letras impregnadas na Coquetel Plus pareceram arrancar-lhe pedaços do próprio corpo. Mas eis que, para sua festa, surgiram os filmes!...Filmes, teatro, música, artistas e afins. Sorriu muito, sorriu largo, o Homem, pois, estava, momentaneamente, a salvo; ganharia distância, agora, nas páginas das Cruzadas: E assim seguiu ele devorando com gulodice as anotações: - *Em que cidade nasceu Yusuf Islam (que era conhecido como nome de Cat Stevens)? - Qual série de TV tinha como protagonista o Ator Peter Falk? - Personagem da Commedia Dell’Arte, conhecido como uma das figuras mais tradicionais do Carnaval? ...*

Como previra, o Homem avançara três páginas no conjunto das oito Cruzadas sobre a mesa. Mas, ainda era pouco. Entretanto, com o rabo de olhos,

como indicavam as nuances de análises com fotocélulas dos Peritos, percebera que a incomodara. A Mulher, ali, embatucara-se ao definir os símbolos químicos do Enxofre, Lítio, Bário, Cobalto, Cádmiio, Carbono, Cobre, Níquel, Grafeno, Potássio, Flúor, Iodo.... Ele ouviu, sim, a ênfase retórica, insistente e carregada de nervosismo: “- Enxofre... enxofre... enxofre?... Lítio... Lítio... Lítio?...”

E então, assim à frente, o Homem, buscou recursos de que dispunha na sua área. Mesmo afastado há muito das bancadas do laboratório químico, a mente não lhe faltaria nessa hora. A toxicidade de substâncias químicas dançava à sua frente, tal como, o gás mostarda, o cloro, o ácido cianídrico, o gás sarin.... mas ele definira-se, naquele instante, informaram os laudos, pelo *Napalm*. Para os técnicos, “o conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina gelificada, utilizados como armamento militar”. O gel pegajoso e incendiário haveria de atacá-la aos moldes idênticos do seu uso nas guerras do Vietnã, Laos e Camboja... A Mulher tremeu, quase derrotada, ao se deparar com a força química e o poder eficiente desse explosivo incendiário que queima e queima e mata ou deixa marcas irreparáveis... Nesse ínterim, a caminho da vitória, garantem os técnicos, com base em referências de busca no Aurélio, além do conhecimento disponível das publicações, o Homem lembrara-se do engenheiro Jeff O. Stanford - o Chefe do Laboratório Químico nos USA, responsável pela preparação e envio do *Napalm* às frentes americanas no Vietnã, que experimentara o grito antibélico do mundo na própria pele, na própria alma; e culpando a si mesmo, pela obediência cega às normas e às ordens da sua Corporação, no cumprimento rigoroso da sua missão de apoio às políticas de guerra, admitindo toda a sua culpa naquele genocídio, suicidara-se.

Diante dessa quase desistência do Homem, dessa derrocada que sentira na pele, novamente a Mulher ganharia a dianteira. Agora, ultrapassaria páginas e páginas das Cruzadas bíblicas vencendo questões do mundo antigo: - *Península que abriga a Grécia e a Croácia?* - *Nome de Deuses da Mitologia Grega?* - *Tribunal em Jerusalém formado por sacerdotes, anciãos e escribas?*...

E, então, decidida a trucidá-lo, sem perdão, agiu de forma implacável, lançando mão de armas decisivas. Com destreza e maestria dona Branca traria para a sua frente de trabalho, os Culverins, segundo os peritos, “- objetos originários dos primeiros canhões, armas de fogo medievais atiradas contra a cavalaria inimiga, a ser dizimada, sem perdão”. E mais, com um simples gesto, a Mulher lembrara-se dos Estrepes, segundo os técnicos, “as fotos revelavam um material retorcido de pregos e metais, como espinhos que se espalham ao longo dos campos de batalha”..

E então, podia se ver a Mulher, indicado pelas marcas das sandálias, espalhando e jogando-os sobre o chão da sala, pelos corredores adjacentes ao banheiro, à cozinha e varanda, fazendo uso da porção que lhe cabia desses estrepes, usados para retardar o Homem em sua corrida nas Cruzadas. Desviando desse campo minado que a Mulher lhe preparara, o Homem seguia titubeando nas garras do abecedário, ainda que, levemente, sob seu controle: - *Instrumento usado para aplicar a pena de morte durante a revolução francesa?...- Substância encontrada em vegetais, de grande importância para o funcionamento do intestino?*

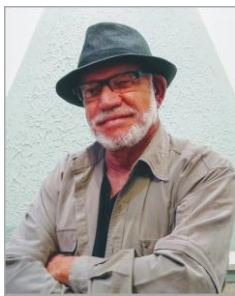
No entanto, as páginas seguintes formariam a barreira implacável. A cada item, o Homem sentia-se sucumbir diante dela. Sofria a cada pergunta retórica que fingia não ouvir: - *O maior império do mundo (em duração)? - Rei pagão denominado pelos judeus como o Messias? - Primeiro nome de um grande imperador grego, que venceu os Persas? - Nome com o qual os reis do Egito são conhecidos?...- Lugar famoso, cujo nome significa entre rios?*

E então, suas muralhas e fortificações postas ao chão naquela Guerra, levaram-no à rendição. O ar lhe faltava – disseram os exames disponíveis à Autopsia. Portanto, acomodara-se na mesa com a cabeça inclinada sobre o braço, e o olhar, certamente, dirigidos às pupilas da Mulher. E então, a Mulher, com sua respiração ofegante naquele campo de batalha sangrenta, em que vencera o homem encastelado, em que colocara sob seus pés tudo o que pode naquela luta, silenciosamente inumana, reconhecera, nele, um grande guerreiro, um desafiador consistente e à altura. O que a levava à rendição definitiva. O ar também lhe faltava – disseram os exames disponíveis, com alerta para eventuais exames e checagens sobre a presença do Vírus reinante ao longo do país. Portanto, também ela, também dona Branca, acomodara-se na mesa com a cabeça inclinada sobre o braço, e o olhar, certamente, dirigido às retinas do professor Pio.

Dona Branca, ainda que inovasse nesse desafio, ampliando as suas técnicas no jogo das Cruzadas, e se aprimorasse, cada vez mais, na forma rústica para decifrar códigos, chegando mesmo, durante sua fase mais produtiva, a ser considerada como autodidata no “Cruciverbalismo”, informariam os técnicos no laudo final, que, “Tal qual os pioneiros das Cruzadas, a Mulher revelava um virtuosismo destacado, ao usar, por exemplo, todas as letras e dígrafos do alfabeto, além de mensagens ocultas, em cada trabalho. E mais – podia-se ver, num deles, um diagrama cruzadístico, incluindo todos os planetas do Sistema Solar, em uma disposição semelhante às órbitas dos mesmos em relação ao Sol.”. Nesse sentido, as Cruzadas de Dona Branca,

ainda que poucas, apresentavam um modelo digno para estudos. “ - E foi o que prometi aos Peritos, quando fizeram chegar os seus escritos de dona Branca a essa editoria da “*Cruzadas em Revista*”, onde, ainda hoje, atuo em contínua busca de talentos e preciosidades nesse campo de entretenimento” – afirmou o Editor.

Nota: o parágrafo final mantém referências aleatórias, adaptadas livremente, sobre “Euro Oscar”, reconhecido autor brasileiro de palavras cruzadas e charadas. Os “versos poéticos”, editados, são do poema “O Lutador”, de Carlos Drummond de Andrade.



CELSO LOPES (MR. CROTONA) é natural de Guará, interior do estado de São Paulo, e está radicado na capital Paulista há vários anos. Tem formação em Letras (USP) e pós-graduação em Literatura (UNICID/SP). Atua, eventualmente, na área de comunicação corporativa. Livros publicados: *Pedra na contraluz* (contos), *Dias contados* (contos), *A inquietude íntima das Ostras* (poesias), *Porões* (contos) e *Dei bandeira, hein?* (mosaicos urbanos).

UMA HISTÓRIA POR UMA VIDA

CARLOS JOSÉ FERREIRA LOPES

O ano é 2020, o Brasil assim como o resto do mundo foi assolado por um novo vírus que se chama Covid-19, trazendo consigo uma pandemia avassaladora, causando a morte de muitos e o isolamento total de toda uma nação. Junto a isso instalou-se o caos, o pânico, a solidão, o luto e as preocupações financeiras. O mundo que nós conhecíamos já não era o mesmo, nas Tvs e rádios as notícias eram as piores e na cabeça da população o fim era eminente.

Dentre milhões de histórias relacionados ao caos da pandemia, a que eu irei apresentar se destaca por ser uma história de superação, força de vontade, amor-próprio e amor ao próximo. Eu nunca poderia imaginar que uma história pudesse ter tanto poder, já me disseram que palavras ditas são flechas atiradas e essas flechas me acertaram direto no coração. E o personagem central dessa história, hoje é meu mais novo e melhor amigo, o que eu não sabia e nem ele era que suas histórias iriam me fazer rever todos os meus conceitos e me abrir para um novo mundo de opções em minha trajetória de vida. Vamos ao que interessa.

Seu nome é José Antônio Meireles, um motorista de caminhão que foi forçado a se aposentar por motivo de força maior, a pandemia. Hoje com seus setenta e dois anos de idade e cinquenta e um de estradas, casado com a não menos importante nessa história a dona Maria Alice Meireles, setenta anos, ex-professora do jardim de infância, apaixonada pela leitura, pela família e principalmente pelo marido. Nesse ano em questão eles completaram cinquenta e três anos de casados, tudo em suas vidas aconteceu de maneira muito precoce, se conheceram ainda na escola e não se lembram mais como era a vida sem estarem juntos. Sua família é composta por eles, os três filhos, Pedro, Carlos e Christiane e quatro netos, Catarina, Gian, Sophia e Nicolas. E se tem uma coisa de que o senhor José Antônio e a dona Maria Alice se orgulham é de nunca terem perdido uma data importante sequer junto à família. Nesses cinquenta e três anos de casados foram vários aniversários, batizados, casamentos, natais, festas na escola entre outros, até no nascimento dos filhos e netos eles estavam juntos e presentes, e isso demandava deles muita estratégia, energia e organização.

O senhor José Antônio começou bem novo a trabalhar, como só tinha a 5^a

série do ensino fundamental, o seu primeiro emprego foi em uma oficina de caminhões, oficina essa onde o dono era o pai da Maria Alice, que também era um caminhoneiro aposentado, o que provavelmente serviu de inspiração para que o jovem José Antônio desenvolvesse o seu amor pelos caminhões e pela profissão de caminhoneiro. Ele passava horas depois do trabalho só ouvindo as histórias dos estradeiros que ali ficavam à espera de seus caminhões para seguirem viagem. E essas histórias mexiam com a imaginação do jovem José Antônio, ele fazia planos, sonhava e falava para todos que um dia também seria um estradeiro e viveria muitas experiências na boleia do seu próprio caminhão cruzando esse mundo chamado Brasil. E isso não demorou a acontecer, quando completou dezenove anos e Maria Alice dezessete eles se casaram, dois anos depois Maria Alice descobriu que estava grávida e nesse momento o José Antônio decidiu largar a profissão de mecânico e se dedicar exclusivamente à profissão de motorista. Seu primeiro caminhão foi um Ford F8 Big Job 1951 verde. Um caminhão considerado herói pós-guerra, e para o jovem José Antônio ele foi mesmo o salvador da pátria.

Esse caminhão pertenceu a um cliente antigo da oficina, e o José Antônio já estava acostumado tanto com ele e com o dono, os dois tinham gênios difíceis. Ele conta que gastaram todas as suas economias para investir no que ele carinhosamente chama de “meu segundo pai”. O caminhão se encontra hoje no museu da cidade onde mora e vocês saberão o porquê.

A vida do José Antônio assim como a de milhares de pessoas, sofreu uma reviravolta com a chegada do novo vírus, a pandemia afastou o José Antônio de tudo que ele gostava, dos caminhões, dos amigos, e principalmente da família. E pela primeira vez em setenta e dois anos ele sentiu medo e solidão, ele já não sorria, não contava histórias sobre suas viagens e não tinha mais o convívio com seus netos, a razão maior de sua alegria.

E a situação só piorava, as notícias estampadas nos jornais eram sempre as piores, a última que ele se lembra foi essa:

“Até o momento, a Covid-19, doença respiratória causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV 2), já matou mais de 3,5 milhões de pessoas e infectou mais de 170 milhões em todo o mundo. O Brasil já tem mais de 16 milhões de casos confirmados pelas autoridades de saúde e mais de 460 mil mortes”.

Sendo bombardeado todos os dias durante meses com essas notícias o semblante de José Antônio mudou, ele se tornou ansioso, angustiado e começou a perder peso, noites de sono e a vontade de viver. Sua esposa Maria Alice já não sabia

mais o que fazer para tentar ajudar e ver outra vez seu velho companheiro alegre e sorrindo. E olha que ela tentou de tudo, filmes, comidas diferentes, piadas, jogos e até massagens, e nada! José Antônio parecia ter envelhecido uns dez anos em apenas, dez meses, era uma cena lamentável para todos que conheciam o velho caminhoneiro.

Em uma bela manhã, Maria Alice estava sentada na varanda de sua casa com um jornal nas mãos e de relance no final da página uns versos lhe chamou a atenção:

“O amor sem esperança não tem outro refúgio senão a morte” “O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo” (José de Alencar).

E logo abaixo:

“Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira” “De longe te hei de amar – da tranquila distância em que o amor é saudade e o desejo, constância”.

“Basta-me um pequeno gesto, feito de longe e de leve, para que venhas comigo e eu para sempre te leve” (Cecília Meireles).

Ao ler essas frases, Maria Alice imediatamente se lembrou de uma história que José Antônio sempre contava a respeito do seu nome e como ele era famoso, José de José de Alencar e Meireles de Cecília Meireles. Seria isso um sinal?

Serenamente Maria Alice se levantou, foi até onde estava seu marido, chegando até ele, ela pediu para que ele contasse algumas histórias sobre suas viagens, de quando ele era jovem e viajava pelo Brasil em seu Ford F8 e posteriormente em um Mercedes L-1113, “o fusca das estradas”, seu segundo caminhão, esse ele comprou novo quando seu segundo filho nasceu. Sem pensar muito e sem saber que sua esposa estava gravando-o, se ajeitou em sua poltrona, tomou um pouco de chá que estava em sua xícara predileta com a foto dos seus netos e começou a contar as suas aventuras.

A primeira história foi a última dos tempos de caminhoneiro antes da pandemia, ele conta que certa vez viajando pela Rodovia MT-060, mais conhecida como Transpantaneira, uma estrada de chão que cruza o Pantanal do Mato Grosso e liga a cidade de Poconé ao distrito de Porto Jofre, às margens do Rio Cuiabá, já bem na divisa com Mato Grosso do Sul, aconteceu um fato incrível. Nesse dia em questão, na verdade nessa noite, estava chovendo muito e estava muito escuro, a estrada de terra estava que era pura lama e o seu fiel amigo, o fusca das estradas estava sendo guerreiro resistindo fortemente e não ficando atolado, até que ao longe ele conseguiu

ver duas bolinhas brilhantes se mexendo porém presas em uma poça de água com barro, como a estrada tem a fama de ser a estrada onde as onças sempre caçam e já rendeu muitas histórias de caminhoneiros, ele pensou logo no pior, mas resolveu dar uma olhada, era um pequeno felino com toda certeza. Ele ficou alguns minutos torcendo para que o pequeno animal conseguisse se livrar do barro e fosse embora, ou que sua mãe viesse lhe ajudar, mas nada aconteceu, então ele desceu no meio da chuva e do barro e resgatou o filhote que na verdade se tratava de um gato rajado com uns dois meses de vida, só que uma coisa fez com esse gato, na verdade umagata tocasse tanto no velho coração daquele caminhoneiro. A única coisa que se podia ver no meio da escuridão e de tanta lama era uma letra “M” que ela trazia na testa, “M” de Maria Alice sua amada esposa, então bateu a saudade. O resto da viagem foi como um sonho, de um lado sobre o banco do carona uma gatinha suja e com medo enrolada em uma velha blusa de frio que seu neto havia deixado dentro do caminhão uns dias antes com uma estampa de um caminhão de bombeiros resgatando um gato na árvore, quanta coincidência! Porém ela estava com olhos de agradecida por ser resgatada. Do outro lado um velho estradeiro apaixonado pela família, com saudades e com o coração sereno por ter feito uma boa ação, lembrando que ela seria seu primeiro animal de estimação. Hoje essa gata tem o nome de Psiquê, por representar uma alma tão indefesa e ao mesmo tempo tão apaixonante, e ele naquele momento se sentiu como o deus Eros, apaixonado pela esposa e pela família e poderoso o bastante para resgatá-la daquela situação. E como na história, esse fato era quase que impossível acontecer por serem tão diferentes, mas o mesmo poder de união que ligou o José Antônio e Maria Alice, naquele momento ligou ele com aquela gatinha. E uma coisa ele deixa bem claro, depois dos meus netos quem manda na casa é a linda Psiquê, uma gata linda e mimada com seus cinco quilos de formosura e amor e um belo “M” na testa. Ainda que nada explique cada uma das situações, isso faz com que cada relacionamento seja o mais claro possível quanto aos seus limites.

A próxima história foi da vez que ele encontrou com um comboio de caminhões que transportava um circo itinerante com o nome de COLISEU, segundo o dono do circo esse nome foi escolhido por ser o nome do segundo grande circo existente que se tem notícias, o primeiro seria o Circus Maximus, construído por volta do século IV a.C. durante a Roma Antiga. A estrutura tinha capacidade para 150 mil pessoas, um pouco maior que o deles que abrigava umas quinhentas pessoas, ria o dono quando contava, o Maximus exibia corridas de carruagens, lutas

de gladiadores, apresentações com animais ferozes e pessoas com talentos incomuns. Mas depois de ser destruído pelo fogo foi substituído em 40 a.C., pelo Coliseu, o seu Coliseu e novamente começou a sorrir.

Mais tarde ele ficou sabendo que o Coliseu que conheceu nesse episódio não tinha animais selvagens e sim palhaços que se fantasiavam de animais, além de malabaristas, contorcionistas, mágicos, e outros personagens que buscavam divertir e surpreender o público.

Para terminar e agora falando sério, o dono lhe contou que existem sinais de que as artes circenses já eram praticadas há 4 mil anos em várias civilizações da antiguidade, desde a China, Grécia, Egito e Índia. E que o circo é uma arte, uma manifestação artística e popular que consiste em um grupo pessoas diferentes, de artistas, com habilidades distintas, que se apresentam em *shows* itinerantes, ou seja, percorrendo várias cidades assim como eles faziam, entretanto, foi no Império Romano que o circo se desenvolveu nos moldes parecidos ao que conhecemos hoje. Tanto é que a palavra circo tem origem no latim *circus*, que significa "círculo" ou "anel". O termo remete às arenas romanas, lugares onde se praticavam esportes e lutas. Outro fato curioso sobre esse circo e que eles tinham atores anões e o espetáculo principal era a representação de Eros e Psiquê, mas ele só deu conta disso agora que acabou de contar a história de como encontrou a sua gata naquela noite chuvosa e olha que segundo ele esse encontro com o circo aconteceu uns vinte anos antes.

A próxima história que ele contou foi a do viajante solitário, e aconteceu pelos lados de Pernambuco, precisamente em Serra Talhada, conhecida como a capital do xaxado que fica a 415 km da capital pernambucana, Recife. A cidade é a segunda cidade mais importante do Sertão de Pernambuco e o principal município da Mesorregião do Sertão Pernambucano; polo em saúde, educação e comércio e a cidade natal de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. O nome do viajante solitário era Sebastião Amaro, mais conhecido por Timbu, uma espécie de gambá que é mascote de um famoso time de futebol da cidade. São bons escaladores de árvores e são generalistas oportunistas, podendo se alimentar de frutos, pequenos vertebrados, ovos de pássaros, insetos e restos de comida deixados por seres humanos, um animal solitário que apresenta hábitos noturnos. É inofensivo sedeixado em paz. Se acuado, ele abre a boca e emite um som rouco e agudo, mas muito raramente atacará uma pessoa, e assim se denominava aquele viajante. Ele lhe pediu carona e disse que estava indo fazer uma visita a um grande amigo que

estava enfermo e nas últimas, mas que ele não poderia deixar de vê-lo antes de sua morte, porque para aquele velho viajante, se temos que prestar homenagens, reconhecimentos e demonstrar nossa amizade, que façamos isso para as pessoas enquanto elas estão vivas, porque depois que a morte chega, só os que prestam homenagens são os arrependidos. Fiquei feliz e triste ao mesmo tempo, disse o velho caminhoneiro, feliz por ainda existirem pessoas dispostas a largar tudo e ir ao encontro de um velho amigo na hora de sua morte para lhe prestar as últimas homenagens e ao mesmo tempo triste porque aquele senhor estava indo se despedir de um grande amigo. Reflexões que a vida joga em nosso colo e temos que saber lidar e aprender com elas.

Nesse momento sua voz embargou, seus olhos lacrimejaram lembrando de todas as histórias que viveu por esse Brasil, de tantas pessoas que conheceu e que a maioria nunca mais teria notícias, se o comboio do circo ainda viaja e se apresentam, se o velho viajante conseguiu encontrar seu amigo antes da morte, se os atores de Eros e Psiquê ainda contracenam juntos, são tantas perguntas sem respostas, tantas histórias que não saberemos o final.

Mesmo com tantas indagações, Maria Alice via o brilho em seus olhos e o sangue ardendo em suas veias, era ele outra vez, seu velho e amado marido caminhoneiro.

No fim da noite, pouco antes de dormir, Maria Alice volta com o celular nas mãos e os olhos cheios de lágrimas e para em frente a José Antônio. Na mesma hora ele pergunta:

- Quem morreu?

E ela responde já em prantos:

- O velho José Antônio dos últimos dez meses.

- Como assim? Pergunta ele.

E ela mostra um vídeo dos seus netos com cara de apaixonados, vendo e ouvindo atentamente as histórias contadas pelo avô. Naquele momento os olhos daquele senhor de setenta e dois anos se enchem de lágrimas e sua esposa lhe diz:

Você se lembra da história que contava de que seu nome era famoso por serem partes de nomes de grandes escritores? Então! Você agora é famoso para os seus netos como um grande contador de histórias. Eles se abraçaram e choraram juntos, nesse momento José Antônio redescobriu uma nova vontade de viver, contar suas histórias seria seu novo propósito de vida. Um recomeço.

Os dias iam se passando, as histórias aumentando, a pandemia diminuindo,

seus vídeos foram divulgados e já não eram só os seus netos que se alegravam com suas histórias, centenas de crianças, jovens e adultos tiveram suas esperanças renovadas e a certeza de que tudo iria melhorar e a vida voltaria ao normal. Suas histórias eram como viajar sem sair de casa, e rapidamente José Antônio passou a ser conhecido como Vovô Hot Wheels, por trabalhar tanto o imaginário das crianças.

O tempo passou, sua fama aumentou e hoje, pós-pandemia, as histórias do caminhoneiro aposentado, viraram livro, palestras e visitas regulares em escolas, hospitais e faculdades. José Antônio, leva esperança, exemplo de força e uma nova visão de vida para muitas pessoas que pensam ou já pensaram que sua vida havia acabado ou que não tinha mais valia, assim como foi com ele. Porém ele mostra que tudo nessa vida se resume a fases, e sendo assim essas fases irão mudar, só depende de nós se para pior ou melhor.

E sobre o velho Ford F8, 1951 Verde que falei no início e que hoje se encontra no museu de sua cidade, ele foi restaurado e colocado em um ponto de destaque para mostrar a todos que por ali passar, que ele representa perseverança, esperança e principalmente força de vontade. Assim como ele sobreviveu a guerra e as viagens constantes por esse Brasil, e o seu último dono, José Antônio conseguiu criar e educar seus filhos e netos e vencer uma pandemia, nós também conseguiremos.

Hoje em dia é muito comum ver os netos de José Antônio lhe acompanhando durante suas apresentações, segundo eles, as histórias do Vovô Hot Wheels nunca são chatas, mesmo quando contadas mil vezes.

E eu sou a prova viva de que tal afirmação é verdade, só estou contando essa história porque sou um entre os muitos que foram tocados por suas histórias de vida e perseverança. Quando ouvi a primeira história do José Antônio, eu estava desempregado, sem dinheiro e sem expectativas de vida por causa de tudo que me aconteceu durante a pandemia. E no momento de minha maior tristeza, já quase me entregando ao pior, eis que meu filho de cinco anos me chama para assistir com ele um vídeo com uma história do Vovô Hot Wheels, pensei seriamente em recusar, porém parei e fui ver com ele.

Minha vida mudou a partir daquele momento. Um senhor de cabelos brancos e óculos sentado em uma velha poltrona de couro falava de como era maravilhoso estar vivo para poder contar para muitos como sua vida mudou depois de ver seus netos felizes por ouvir uma de suas histórias, mesmo ele passando pelo pior momento de sua vida e já achando que nada mais faria sentido para ele e que o melhor seria viver a espera da morte. Porém hoje ele sente novamente o brilho e o

calor da vida tomando conta de todos os cantos do seu corpo, e aquilo me tocou muito. Passei horas com o meu filho ouvindo as histórias daquele senhor e isso me fez ver que o mais importante em estar vivo é a esperança de que coisas melhores estão por vir. Hoje sou um novo homem e faço parte de um grupo de contadores de histórias para crianças em minha cidade, levo um pouco de tudo que vivi e do que aprendi com o velho e bom Vovô Hot Wheels. A sabedoria por trás daquelas histórias que parece ser tão natural para ele toca bem nas feridas de pessoas como eu, que estavam no fundo do poço, no fim do túnel, na sarjeta e que encontraram a luz.

Como ele sempre diz ao terminar cada uma de sua história. Uma história por uma vida! E ele salvou a minha.



CARLOS JOSÉ FERREIRA LOPES (KHRONOS) é um escritor amador, casado, pai de dois filhos, graduado em Psicologia, pós-graduado em TCC, psicologia do esporte e equoterapia, atualmente mestrando em desenvolvimento regional e meio ambiente. Apaixonado por leitura, cultura, viagens, é corredor amador e professor de artes marciais. Já participou de várias coletâneas, recebeu alguns prêmios e menções honrosas. Quando não está escrevendo, Carlos passa o tempo com seus familiares, amigos e animais de estimação.

A MENINA DOS CABELOS COR DE FOGO

MARCI EZILI

Manoel se olha no espelho enquanto abotoa o punho da camisa branca. Vê as primeiras rugas que se formam no canto das pálpebras e sorri cinza. Fecha os olhos e suas férias escolares desfilam diante de si.

Nas férias seus pais lhe mandavam para casa dos avós no interior do Pará.

A viagem de ônibus durava dois dias e seus olhos bebiam a cor da Amazônia: casinhas coloridas que se perdiam no horizonte iam se transformando aos poucos em arames farpados e pastos. Ele contava: um, dois, três, quatro, depois parava, não conseguia desembolotar tanto boi, vaca e bezerro em números matemáticos. Fixava seu olhar nos vaqueiros montados a cavalo que circulavam entre os rebanhos. Reinava uma tranquilidade inquieta nas paisagens salpicadas de bois que pastavam mexendo os rabos. O cheiro do esterco lhe fazia abrir um sorriso de covinha no canto esquerdo da boca, mas as imagens das moscas não.

Na chegada da rodoviária estavam seus avós entre olhos úmidos e cenhos franzidos. Não havia tempo para abraços demorados. Sua avó não resistia e lhe puxava contra o peito. Como era bom sentir o cheiro do leite de rosas que ela exalava.

O avô interrompia: — vamos, rápido, não podemos perder a próxima van.

A viagem interestadual não significava o fim da jornada: ainda havia van, moto táxi e barco até chegarem à casa à beira do rio. De todos os transportes o que mais agradava a Manoel era o barco popopô com letras pintadas em vermelho: Deyse, minha princesa com flozinhas decorativas ao lado do nome. Pertencia ao Seu Marinaldo, vizinho dos avós.

O corpo moído de Manoel se desembaraçava da dor quando avistava a casinha coberta de cavacos e paredes de barro no meio dos jambeiros, mangueiras e a castanheira imponente. Ele sentia que o tempo se tornava mais lento.

Lá, a escassez de comida se transformava em Graça de Deus. O avô pescador nem todas as vezes conseguia voltar com panela cheia de gó para casa.

Às seis da tarde Manoel gritava: — Vó, que vai ser a janta, hoje?

A avó respondia: — sopa e graça de Deus.

Na casa dos pais do menino Manoel havia fartura de carnes, legumes, frutas, mas graças de Deus só era possível degustar na casa dos avós.

Depois da janta, finalmente acontecia o momento que Manoel esperava. Sua avó pedia para o menino sentar junto dela à beira da rede. E o brilho fraco da lamparina a querosene e a voz suave da avó lhe transportavam para o mundo mágico dos encantados. Quando a avó começava a contar histórias o corpo dela crescia na rede conforme sua voz aumentava o volume.

No interior das matas próximo dali morava uma garotinha franzina de tez marrom dourada, cabelos crespos cor de fogo e pés para trás que costumava malinar¹ dos caçadores e pescadores que pescavam e caçavam apenas por esporte e não por necessidade.

Um certo dia, a garotinha de cabelos cor de fogo e seu irmão brincavam de esconde-esconde nas matas perto do rio quando se depararam com um pescador encostado no tronco de um açazeiro. Ao ver o homem curvado e com a cabeça baixa, a menina se aproximou e perguntou: — O que fazes? Cadê tua pesca?

O pescador respondeu: — oh, garotinha, faz uma semana que os peixes sumiram, não consigo pegar sequer um Cará. Na minha casa as panelas estão penduradas na parede. As crianças estão tomando apenas caribé, minha mulher não sabe mais o que fazer. Não consigo voltar pra casa e enfrentar o olhar delas, cá estou eu, outra vez de mãos vazias.

A menina de cabelos cor de fogo olhou para o irmão e falou: — damo um presente pra ele?

O irmão sacudiu a cabeça para baixo em sinal de sim.

Surgiu então nas mãos dela um minúsculo panelinho coberto com folhas de cacauzeiro. Ela estendeu o cofinho de palha em direção ao pescador: um regalo pra ti e tuas crianças. Atenção, não abras o presente aqui na mata. Pois é uma prenda a ser compartilhada com os teus.

O homem agarrou com mãos trêmulas o presente ofertado. Quando levantou o rosto para agradecer viu as duas cabecinhas vermelhas sumindo no meio da floresta. Ao se ver sozinho o pescador pegou o caminho de volta à casa, o caminho parecia esticado. Ele para, olha o cofinho de palha e começa a arrancar as folhas que o protegem. Uma por uma, uma por uma, uma por uma.

¹ Expressão bastante utilizada na Amazônia que substitui o termo racista judiar. Significa fazer travessuras.

— Eita, que essas folhas não se acabam.

Quando consegue arrancar a última folha ele se dá conta que quebrou a promessa feita a menina dos cabelos cor de fogo. Ele estica a boca do cofinho de palha e vê o primeiro peixe pular de dentro. Pululam peixes e mais peixes, começam a pular também caranguejos, camarões, todos vivos.

O cheiro do pitiú dos peixes invade suas narinas enquanto ele tenta botá-los de volta no cesto. Em vão visto que os peixes continuam a sair de dentro do minúsculo cofo de palha. E assim o pescador continua até hoje no meio da mata tentando pegar os peixes para guardar no paneiro. A avó terminava a história falando que devemos respeitar todas as formas de vida na floresta, os encantados que a protegem e jamais quebrar promessas.

Manoel abre os olhos quando escuta o celular vibrar: uma mensagem que o Uber está a caminho para levá-lo ao aeroporto. Ele termina de se vestir, dá uma última olhada no espelho e anda em direção à sala. Pega a mala, bate a porta e aperta o botão do elevador. Depois do isolamento social é a primeira vez que retornará a casa dos avós no Pará. Ele e os avós já estão vacinados contra a Covid-19. O reencontro será ao vivo e salpicado de histórias e cores da Amazônia.



MARCILENE SILVA DA COSTA (@marciezili) (MARCI EZILI) é natural de Santa Isabel do Pará (PA), pequena cidade do Norte do Brasil. Gosta de lidar e brincar com palavras. Acredita e trabalha pela democratização da leitura e da escrita como direito fundamental para populações marginalizadas. Doutora em Antropologia pela Universidade de Toulouse (França) e mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, Brasil. É autora de *Amazina, poemas de chuva*. Belém: Folheando, 2022 e *Entre Nós: poemas de memórias canceladas*. Cotia: Urutau, 2022.

OLHOS AMALGAMADOS

VERONIKA FERBER TOPIC ELEUTERIO

Deixou o primeiro andar da loja de departamentos completamente distraída ou indisponível para flertar com o amor. Trocava de andar, elevada pela escada rotativa, e subitamente tomou-se de um baque ao chegar a seu curto destino de nove segundos. Não era um daqueles sustos conhecidos, aos quais já se habituara.

Os grandes olhos que no topo do segundo andar esperavam por ela sequestraram sua alma, e até hoje quando lhe perguntam o que aconteceu, ela culpa o magnetismo dos globos oculares do rapaz. Vermelho era a cor das vestes dele, daquele ruje natalino, contrastando com a calça clara e desbotada. Sorriram-se e pronto, pareciam velhos amigos, conhecidos.

O olhudo a convidou de imediato para guloseimas no restaurante do grande magazine, inundou-a de mimos e sobremesas. Acertou em cheio o paladar de olhos pequenos, que diminuiriam mais ainda ao saborear as centenas de calorias. O verde dos pequenos olhos e o olho negro agigantado de súbito se amalgamaram e magicamente encontraram seus antídotos para as mazelas de suas feridas de amor.

O grandes olhos, sereno, engraçado e de voz calma, apaziguou e intrigou a mulher. Por hora, ela se encontrava diante de um ancião cosmonauta, discutindo sobre a possibilidade de vida nas galáxias, teoria das cordas, depois de verem estrelas, não as do céu, mas as liberadas pelas endorfinas. Noutras, agraciado pelo espírito criativo e uma mente fértil, o olhudo jorrava pela boca conteúdos complementares às necessidades da psique da mulher que, tal como ele, também oscilava numa dança de arquétipos.

A apaixonada, sacerdotisa nas questões terrenas, sabia resolver como ninguém as questões práticas da vida, mas nunca deixava de se aventurar em oportunidades que lhe fizessem cócegas nos cinco sentidos. O olhudo exalava um cheiro único, um elixir de sensações que latejavam nas narinas de olhos pequenos, pedindo aproximação imediata. Sábia e contida pela velha boa educação de seus

impulsos domados, elogiava os feromônios dele de forma sutil, valorizando cada tocar de pele.

Grandes olhos negros por vezes se assustava com o excesso de otimismo, ânsia de viver e empolgação da parceira. Achava graça das ousadias da enamorada, mas lucrava com o balé involuntário dessa aventura amorosa à qual foi arrolado. Riados rodopios e estrepolias da amada, tal como uma criança feliz, e ganhando também maleabilidade, passava a se arriscar mais nessa nova dança da vida.

Num terreno ao qual ambos nunca antes se sentiram de fato conectados com os antigos postulantes, habitava entre o casal uma sintonia magnética, sem qualquer evidência científica, onde os amalgamados se vêem tomados por adivinhar o querer alheio. A dupla dinâmica pipocava em assuntos diversos, polêmicos. Havia discordâncias, divergências políticas, partidárias e de ideias, porém os valores unificavam as pautas.

Prestes a concretizar uma união estável, solidificando o que já era cristalizado, o homem quis ter a certeza da escolha irreversível da mulher de olhos pequenos. Antes de responder na cerimônia àquelas perguntas batidas e tradicionais, chamou a candidata para um café antes da assinatura dos papéis e pediu uma justificativa quanto à certeza dela em ser ele o escolhido. Inseguro, confessou a olhos pequenos que tinha medo dela despertar de seu devaneio e abandoná-lo. Rasgando-se em risos, olhos pequenos beijou-lhe a testa, abraçou e apertou-lhe o corpo, deixando os grande olhos mais arregalados. Desferiu-lhe um conjunto de justificativas do porquê de sua sábia decisão.

— Porque você abriu a porta do automóvel, quando o outro perguntou se eu estava com os pés limpos para entrar no carro.

— Porque você queria que eu experimentasse o menu completo com você no restaurante, enquanto o outro sempre repetia o mesmo prato.

— Porque você quer passar a noite dormindo abraçado comigo, enquanto o outro precisava de espaço.

— Porque você adora jantar fora, enquanto os outros reclamavam do preço dos restaurantes.

— Porque você lê revistas femininas, adora conhecer e se compadecer de nossos dilemas, enquanto os outros se interessavam por revistas sobre nosso eu exterior.

— Porque você não se oprime diante de mulheres fortes, enquanto os outros acham que lugar de mulher é estampando uma cozinha.

— Porque você sempre me empurra e incentiva meus projetos, enquanto os outros sentiam-se inseguros a cada degrau que eu subia.

— Porque o meu prazer é seu prazer, enquanto outros tinham medo da mulher que goza.

— Porque você ampara e valoriza a minha irrelevância, enquanto os outros buscavam a mulher perfeita.

— Porque você acha graça quando quebro os copos e ainda me ajuda a recolher os cacos, enquanto o outro reclamava do prejuízo.

— Porque você quer me poupar do excesso de afazeres, enquanto o outro achava um disparate eu mandar roupas para a lavanderia.

— Porque sou péssima na cozinha, e saboreando meu risoto empapado você elogia e jura que eu deveria abrir um restaurante, enquanto os outros preferem a comida feita pela mãe.

— Porque com os quilos que eu ganho, você brinca que aprecia gordurinhas, enquanto os outros criticam o engordar e envelhecer unilateralmente.

— Porque o seu único vício é trabalho, enquanto os outros queixam-se do fardo laboral.

— Porque nosso gosto pela literatura é distinto, mas complementar, enquanto os outros quase não lêem.

— Porque você confia a mim as nossas finanças, enquanto outros mantêm contas secretas.

— Porque você quer que seus filhos se pareçam comigo, enquanto os outros querem a cópia de si na prole, sem deixar dúvidas de quem é o pai.

— Porque consegue ver beleza no meu acordar atordoado e de olhos borrados, enquanto os outros fantasiam acordar com beldades.

— Porque minha ausência é sua angústia, enquanto os outros adoram oportunidades para fugas.

— Porque você confia em si, sabe que por vezes me ausento, mas volto para você, enquanto os outros querem tolher minha liberdade.

— Porque você quis convidar todos os meus amigos para nossa festa de casamento, enquanto os outros só pensavam em me afastar de meu passado.

— Porque você quer me mostrar paisagens e monumentos que já visitou, enquanto outros acham viagens com parceiras tediosas ou um fiasco.

— Porque adora escolher comigo objetos e móveis para aquecer nosso ninho, enquanto outros se negam a cuidar dos detalhes das coisas cotidianas.

— Porque sempre me coloca no mesmo patamar intelectual que você, enquanto os outros sabotam ou maldizem o meu saber.

— Porque você me espera com paciência no cabeleireiro e elogia um simples escovar, enquanto os outros dizem, inseguros, que mulher vaidosa está tentando chamar a atenção masculina.

— Por que quando falo alguma asneira, você se diverte como criança, enquanto os outros invalidam as minhas falhas.

— Porque quando resolvi voltar a estudar, você vibrou e me empurrou adiante, enquanto outros acham que mulher aprendendo é perda de tempo e dinheiro.

— Porque quando digo-lhe que tenho medo de parir filhas, por causa deste mundo machista e cruel, você me tranquiliza e diz que elas encontrarão homens a altura delas.

— Porque quando você me ouve reclamando que vou ficar enrugada quando velha, você me mostra sua calvície em andamento e me lembra que a decadência do envelhecer é inerente, enquanto os outros se divorciam para casar com mulheres mais novas.

— Porque o toque do seu corpo me causa um frenesi alternado com paz, enquanto os outros eram somente uma faísca, tal como uma caixa gasta onde o fósforo não consegue mais acender.

— Porque quando eu digo que estou cansada, você me abraça e diz que vai me energizar com amor, enquanto outros dizem que mulher que reclama é vitimista.

— Porque numa simples gripe, você vira meu cuidador, enquanto os outros se preocupam se é contagioso.

O olhudo sorriu e tocou os lábios de olhos verdes, calando-a.

Olhinhos verdes lhe devolveu a pergunta.

— E você? Por que quer se casar comigo?

Estufando o peito, olhos negros expirou todo ar e aliviado respondeu:

— Eu já estava convencido desde o beijo na testa. E por que tu és o bálsamo que alivia as minhas agruras.

Assim o casal balzaquiano assinou o pacto de união, com o apoio de mais quatro olhos de vidro.

Os filhos chegaram e o casal enfrentou um aborto e mais uma gestação gemelar. O casal univitelino foram uma surpresa agradável aos pais e a duplicidade não gerou insegurança na matriarca, que de personalidade um tanto prática, lidava

bem com a rotina e cuidados em cadeia.

A harmonia reinava na casa dos olhudos e olhinhos, porém um fato circunstancial afetou de modo negativo o sossego familiar.

A família sofreu um assalto e foram reféns sob arma de fogo. Pequenos olhos verdes, depois do evento passou a ter crises ansiosas, insônia, e com muita psicoterapia conseguiu superar os sintomas. Grande olhos negros, afetado psicossomaticamente, desenvolveu a partir dali uma gastrite nervosa, acompanhada de enxaquecas.

Os filhos foram crescendo, se formando e se casando. A chegada dos netos, agitou e energizou o casal, e mais ativos, passaram a se exercitar de modo a aproveitar o tempo de qualidade com os pequenos bálsamos.

Olhos verdes dizia que netos são filhos salpicados de açúcar, e que ser avó é retornar a tenra infância, mas numa viagem de primeira classe.

E nos longos anos seguintes, completando bodas de jade, eis que a amálgama se rompe e olhos verdes enrugados parte. Olhos grandes, de cabelos brancos, irreconhecível, arroxeados e esgotado, jaz em sua poltrona escura, na sala dos troféus. Uma grande clarabóia joga a luz solar em sua direção, mas ele foge. Não quer contato com nada luminescente porque aceitar de novo a luz, trairia sua ode ao luto.

A biblioteca, ou sala dos troféus, com decoração vitoriana – desejo de olhos verdes – foi no passado uma pauta de desacordo entre o casal. Olhos verdes enrugados decorou a sala da claraboia com livros e a intitulou biblioteca, olhos negros de cabelos brancos preferiu chamar de sala dos troféus, já que todos os objetos ali guardados representavam a soma de tudo o que importava.

Olhos grandes apreciava um design espartano, enquanto a esposa se encantava com as decorações palacianas. Vencido pela insistência da mulher, sabia que a renúncia em alguns assuntos eram fruto da sabedoria. Preferia ser feliz ao invés de ter razão. Acabou por encontrar algum prazer ao sentar-se nas confortáveis poltronas vitorianas. Desbravador dos sete mares, cacarecava e garimpava lembranças de todas as suas viagens. Os suvenires se acumulavam na mesma proporção de suas milhas aéreas. Olhos verdes ralhava a cada chegada do marido, atulhado de miniaturas, e ele de antemão justificava:

— São pequeninas, temos espaço para todas.

Aposentados, morando no verde e perto de muita água, o casal vivia enfiado naquele templo que fazia as vezes de esconderijo à dupla. Velhos, mas

não obsoletos, olhos verdes era fascinada pela disposição do parceiro, que de pronto topava aprender novas experiências e hobbies, a dupla se preenchia de saber.

Vivendo isolados numa zona rural, os gritos dos netos eram os únicos barulhos que olhos verdes tolerava. Escolheu residir num lugar calmo e silencioso, fugindo dos ruídos urbanos. Achou um alívio quando começou a ensurdecer, evitando assim irritar-se com a altura do volume da televisão de olhos negros de cabelos brancos, que já deixara de escutar há muito tempo. O marido se recusou a colocar aparelho para surdez, e ela, sem se dar conta, falava muito alto e assim se complementam mais uma vez, até na decadência.

E numa tarde, empalidecida, a esposa avisou aos olhos grandes seu súbito mal estar. Olhos grandes de cabelo branco correu para ampará-la, já sabia de antemão que algo não ia bem. E desfalecida em seus braços, essa foi a última vez que ele viu os pequenos olhos verdes abertos. Assolados pela pandemia da covid-19, o casal se manteve isolado, porém a contaminação que arrasava a região se espalhou rapidamente e, numa consulta médica hospitalar de rotina, o casal se contaminou.

Impedidos de realizar cerimônias fúnebres frente à crise que culminou em muitas mortes causadas pelo vírus, o viúvo e seus filhos dão um último adeus aos olhos verdes num triste velório virtual. Fingindo preparo emocional e serenidade diante dos seus herdeiros, olhos grandes anseia por privacidade. Também contaminado, sente-se cansado, e o oxímetro lhe acompanha o tempo todo, medindo sua oxigenação. Uma das filhas e a neta mais velha acompanham o enlutado. Medicado, ele avisa a dupla que vai se recolher e se despede com um boa-noite.

Adentra a cozinha e abre a geladeira. O pudim de pequenos olhos verdes, intacto, lhe dá as boas vindas e ele fecha de imediato a porta.

O negro gato de rabo cortado, rabugento e favorito da esposa mia pela casa, procurando pela dona.

Olhos grandes se abaixa e lhe presenteia com um envelope de comida molhada e um afago, mas o gato recusa a ambos.

As velas aromatizadas que iluminavam a casa usualmente, não foram acesas. A casa, agora sem identidade, é inodora e escura .

Dói-lhe o fato dela perder o tão esperado lançamento do livro da escritora amiga.

No hall, jazem os pacotes fechados com as compras da esposa, recém chegados. Ele se recusa a abri-los, não quer entrar em contato com os desejos não realizados da amada. Sabe que mesmo que os abra, não saberá para quem deveriam

ser direcionados os presentes, já que olhos verdes, vivia a presentear pessoas com objetos particulares. Comprava coisas estranhas que pensava serem soluções para os amigos, também idosos. Excitava-se em dar soluções para resolver pequenos problemas alheios.

Zelda, que recusava-se a viajar para longe por medo de deixar morrer suas plantas, foi surpreendida com os kits de dispositivos de rega automática e gotejadores de plantas. Olhos verdes insistiu para que ela fosse conhecer os netos, residentes em outro estado. Achava um disparate Zelda não vivenciar o deleite da avosidade. Generosa, diante da desconfiança da amiga quanto a eficácia dos presentes, se propôs a supervisionar de perto, garantindo que as verdinhas estariam amparadas.

Caminhando coxo para a sala dos troféus, desaba e chora ao olhar a biblioteca de olhos verdes. Pega duas taças, aquelas favoritas do casal, que transportavam o néctar de Baco para as suas almas, e checa se tem poeira, mas seus olhos, traindo-lhe, já não têm certeza da resposta.

Enche as duas e lentamente revisa todo arsenal que habita a sala. Engole o líquido e vaza lágrimas. Sorve uma delas e enxuga com seu pulso o córrego que atravessa sua face. Passa os olhos nas estantes e lembra dos objetos favoritos de olhos verdes. Daquela ovo *fabergé* comprado numa viagem, que foi confundido com uma granada pela polícia do aeroporto, quase culminando na prisão do casal.

Relembrou da vez em que viajaram e compraram um pedaço do muro de Berlim após a queda e o pedregulho foi jogado fora pela empregada. A inocente achou que fosse um caco aleatório recolhido no quintal pelos netos, e o sumiço rendeu muitas risadas entre o casal.

Toca a coleção de livros do escritor português favorito da defunta. Ri ao se lembrar que adorava importuná-la fingindo ciúme do apreço dela pelo homem que escrevia aquelas letras que a fascinavam. Olhos verdes fez questão de visitar a árvore de oliveira onde jazem as cinzas do homem e derramou uma cachoeira.

Pega o álbum da festa dos 45 anos de casados e, folheando, percebe que tudo passou rápido e num piscar de olhos, ambos envelheceram, mas a esposa ainda conservava sua beleza. Fechou o álbum, se levantou, menos coxo por causa do álcool, carregou consigo a segunda taça, deixando acesas as luzes da sala de troféus. Voltou para apagá-las, porque sabia que olhos verdes detestava qualquer tipo de desperdício.

Adentrou a suíte e dirigiu-se ao closet. Não teve coragem de abrir o lado da

defunta, e por pouco não tropeçou nos sapatos bicolores, abandonados no tapete felpudo.

Olhos negros carregava uma culpa. Superprotetor, por hábito exigia de sua esposa rotinas médicas enfadonhas. Era apavorante para ele a simples possibilidade dela adoecer e deixá-lo. Olhos verdes, tendia a negligenciar e negar seu envelhecimento e isso era motivo de discórdia.

Neuroses angustiantes o tornavam um idoso controlador e temeroso, desencadeando pequenas provocações entre o casal.

Olhos grandes, engenheiro, dizia que o corpo humano era uma máquina perfeita, cheia de tubos, bombeando sangue e gerando pressão. Reforçava que ela, idosa, necessitava de rotinas clínicas preventivas e não poderia negar o envelhecimento celular.

Cobrada pelo esposo na realização dos *check-ups*, olhos verdes agia se esquivava e justificava as fugas com frases clichês.

— Não quero ir ao médico, encontrar o que não está me procurando.

— Médico para quê, se nem estou doente?

— De novo me mandando para a manutenção? Não sou um carro velho. E grandes olhos negros diante da teimosia da velhinha, rebatia:

— Quem não ouve conselho, ouve: Coitada!

— Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça.

Pequenos olhos verdes evitou e procrastinou ao máximo a ida ao hospital e fora vencida pela pressão familiar. Gozava de boa saúde, temia pavorosamente o agente contagioso.

E foi durante a pandemia, naquela consulta que ela não queria ir, que foi desgraçada pelo vírus.

O pobre velho, angustiado, sente a dor do desespero assolar seu peito.

Exausto, sentindo falta de ar, se despiu e, pela primeira vez na vida, não fez a sua higiene. De pijamas, puxou a coberta e deitou-se. Sentiu o suave aroma que emanava das últimas células vivas de olhos verdes. Entornou a segunda taça de vinho, devolveu o cálice tremendo à mesa de cabeceira.

A cama macia, larga e de seiscentos fios, onde dormiam de conchas, agora é gélida e abismal.

Houve um desencaixe. O velho olhos negros não sabia dormir desacoplado, desatado, desligado, desentalhado de olhinhos verdes eternamente fechados.

Quis dormir onde antes ela repousava, mas mudou de ideia. Despejou-se nas molas ensacadas tocando o nada que agora jazia ao seu lado.

Lamuriando-se sussurrou preces e pediu perdão.

⁴Tomou para si o perfumado travesseiro, inspirando muitas vezes para armazenar o odor que ele tem medo de esquecer.

Desagou de novo até encharcá-lo e, já sem forças, cerrou os grandes olhos negros.

***Em memória a todos que sucumbiram à covid-19.**



VERONIKA FERBER TOPIC ELEUTERIO (NIKA TOTH), escritora e psicóloga clínica, é paulistana e residente nos Emirados Árabes Unidos. Fundou em 2015 o **Clube Literário Dubrasil**, fomentando discussões literárias na região do Golfo. Lançou o seu primeiro livro infantil *Cissa e a diversidade* em 2021 e o segundo, *The Houbara's nest*, foi lançado na feira **Sharjah Children 's Reading festival** em 21 de maio de 2022. Cursa no momento especialização em escrita criativa na Universidade de Fortaleza e é colaboradora da revista eletrônica *Abroad15*, abordando temáticas culturais sobre a região arábica.

VIDA QUE SEGUE

VICENTE DE MELO

Lá fora caía uma chuva fina, fria e insistente. Um fio de vento penetrava pela fresta da janela. Na cama ainda quente, eu só ergui o corpo, bocejei e olhei para o calendário sobre a pequena cômoda ao lado do aparelho de celular. Conferi os quadriculos dos números riscados, dos números vermelhos indicando os domingos e dos números azuis indicando os feriados, inclusive os feriados santos comemorados até pelos ateus. Ainda sem acreditar, passando as mãos pelo rosto sonolento, lembrei-me do meu aniversário. Sim, acordei completando sessenta e dois anos. Um leve tremor tomou conta de meu corpo e, sem querer, gritei para mim mesmo.

— Porra, sessenta e dois anos!

Após o espanto efêmero, me lembrei de que há pouco mais de dois anos, durante o período crítico da pandemia, eu completara sessenta anos. Naquele dia, literalmente, achara “sessenta” uma palavra forte, de sonoridade quase explosiva para quem a ouve. Sendo assim, sem poder sair de casa para comemorar o início da vida sexagenária, passei o tempo lendo, escrevendo e refletindo. Sessenta anos seria o início da velhice? A aproximação da morte? Nem sempre.

Agora, dois anos depois, eu estou aqui na cama agradecido por estar vivo. Me vacinei, mas continuo tomando todos os cuidados necessários ciente de que a pandemia ainda não acabou totalmente. Obviamente, sem deixar de pensar também na degradação incontestável, lenta e incontida de meu físico. Os joelhos estalando, amiúde travando na hora de se levantar de algum lugar. A cintura dura, enferrujada. Uma barriguinha saliente adquirida durante anos de cervejas, acepipes e feijoadas aos sábados. Os ombros doloridos diante dos mais leves movimentos. O fígado obstruído pelo excesso de gordura, frituras e álcool. Pequenas manchas escuras, ressecamento e verrugas asquerosas espalhadas sobre a pele do corpo. Para completar o quadro trágico, passei a conviver com a teimosia, a inquietude e a ansiedade de algumas noites mal dormidas, mas ainda longe de ser insônia, além

dos delirantes sonhos indecifráveis quase sempre povoados de pessoas mortas. Sim, diante de todos os sintomas explícitos, agora ficou bastante claro a chegada da tão temida, indesejável e até mesmo obscena velhice.

Mas e o pênis? O pênis, mesmo antes de se tornar preguiçoso diante do avanço da idade, sempre fora a maior preocupação dos homens. Um mito, símbolo da virilidade. Tudo na vida, menos brochar! No mesmo instante, eu olhei o meu pênis flácido escondido sob a cueca. Comecei a manipulá-lo devagar, até fazê-lo retesar. Abri um sorriso pálido de felicidade. Pelo menos nesse ponto estava muito tranquilo, pois o meu pênis ainda funcionava. Às vezes rateava no meio de alguns momentos de desconcentração, mas nada sério, preocupante e próximo à impotência. Até porque, tudo se normalizava com os carinhos de algumas mãos sedosas, habilidosas e beijos lascivos dos lábios milagrosos de uma mulher sedutora.

Ao ouvir uma sirene ululante, eu me assustei, abandonei as manipulações onanistas e saí dos meus pensamentos absortos de nomenclaturas torturantes. Levantei-me, senti uma dor lancinante no calcanhar ao pisar no chão e dirigi-me ao banheiro. Abaixei a cueca, mijei e contemplei os jatos amarelados da primeira urina do dia respingando na beirada do vaso sanitário. Tudo normal! Escovei os dentes, lavei o rosto e me olhei no espelho por um bom tempo. Fiz algumas caretas mostrando os dentes. Sim, tinha todos os dentes ainda perfeitos! Ajeitei os cabelos ralos, finos e grisalhos. Alisei a barba também grisalha aparada com esmero. Senti um alívio ao me lembrar de que não tinha mais a preocupação de raspar a barba todos os dias, de usar a gravata apertada e o sapato de couro lúcido também cada vez mais apertado. Afinal, para a minha alegria, conseguira me aposentar após quarenta anos dedicados ao serviço público. Quarenta anos sentado na mesma cadeira giratória de camurça preta. Quarenta anos debruçado sobre a mesa com tampo de vidro lendo, revisando, corrigindo e assinando processos de folhas amarelecidas pelo tempo. Quarenta anos de um serviço burocrático, inoperante e sem benefício algum para a população mais necessitada. Sim, quarenta anos encravado nos subterrâneos de um órgão público na Esplanada dos Ministérios. Para piorar, sempre tivera a certeza de que, devido ao longo período sentado quase oito horas por dia, passei a sofrer de incômodas crises efêmeras de hemorroidas. No período da ativa, ainda durante o regime militar, pensei até mesmo em escrever um livro de contos. A minha ideia, inicialmente, era de contar em forma de ficção algumas histórias reais acontecidas dentro dos órgãos públicos. Histórias de amores proibidos, histórias de sexo nos gabinetes, histórias de sexo nas escadas de incêndio, histórias de tráfico de

drogas, histórias de conluios, de ameaças e de chantagens em busca do poder e, principalmente, histórias de corrupção, muita corrupção. Cheguei a datilografar os primeiros rascunhos dos textos, coloquei-os numa pasta azul e tranquei-os na gaveta a sete chaves. Certo dia, no entanto, ao chegar no trabalho, descobri a mesma gaveta arrombada. Os originais datilografados desapareceram misteriosamente sem deixar vestígios. Bastante decepcionado, abandonei o projeto do livro por um bom tempo. Aliás, por muitos anos. Mas, quem sabe agora, aposentado, poderei finalmente realizar o sonho de ser escritor? Afinal, as ideias iniciais do livro ainda estão armazenadas em meu cérebro. Aliás, o meu cérebro, apesar dos sessenta e dois anos, também ainda funciona muito bem. Esqueço algumas coisas, mas nada de preocupante. As leituras constantes, as escritas e até as palavras cruzadas me ajudam muito a exercitar o cérebro.

Mais uma vez eu deixei as lembranças de lado. Saí do banheiro, troquei de roupa e entrei na cozinha. Bebi um pouco de água, bebi um suco de laranja e belisquei um biscoito. Dirigi-me à minha modesta biblioteca localizada num pequeno cômodo contíguo à sala. Contemplei os mais de dois mil livros de romances, contos e novelas das literaturas nacional e internacional. Sem dúvida, no mundo da modernidade eletrônica, trata-se de um verdadeiro tesouro literal. Suspirei de felicidade. Durante os dois anos de reclusão pela pandemia, consegui ler quase trezentos livros. Pouco? Muito? Razoável? Não sei! Mas tenho certeza de que a leitura me ajudou a sobreviver. Olhei para o computador desligado preguiçosamente. Na estante grudada à parede, destinada a autores nacionais, peguei o romance de Jorge Amado, “Os Subterrâneos da Liberdade”. Lembrei-me dos sonhos revolucionários, das aventuras políticas e da utopia de uma sociedade mais justa do comunista Luís Carlos Prestes, conhecido popularmente como “O Cavaleiro da Esperança”, porém chamado pelos mais íntimos de “Velho”. Mas por que ele era chamado de “Velho” tendo pouco mais de trinta anos idade? Provavelmente devido à sua liderança, inteligência aguçada, sabedoria e experiência. Menos ruim! Deixei o livro do escritor baiano de lado, dirigi-me à outra parte da estante destinada aos escritores estrangeiros e retirei o mais conhecido romance de Oscar Wilde, “O Retrato de Dorian Gray”. Folheei-o sem pressa, revendo algumas anotações. Encontrei numa das páginas, marcada a lápis, uma das melhores citações do livro que jamais esquecera: “...a tragédia da velhice não consiste no fato de ser velho, mas de ter sido novo”. Trata-se, literalmente, de a mais sensacional, profunda e verdadeira conclusão sobre a velhice. Pura reflexão senil-filosófica!

Lá fora a chuva cessou. O sol, ainda tímido, surgiu entre as nuvens brancas. Voltei para o quarto, calcei o par de tênis e, bastante disposto, sai de casa assoviando música “Tente Outra Vez”, do cantor baiano Raul Seixas, uma verdadeira lição para não se desistir nunca, lutar até o final e acreditar sempre na vitória. Caminhei, como todos os dias, pelas ruas retilíneas da cidade sem esquina. Observei os jovens sarados, esbanjando energia e correndo de um lado para o outro. Não senti nenhum pouco de inveja, pelo contrário, senti-me revigorado.

Continuei andando. No meio do caminho, eu me lembrei da última consulta médica de praxe com o urologista. Jamais me esqueci da figura do médico irradiando sapiência nos olhos azuis, miúdos e míopes, cobertos por um par de óculos de lentes garrafais, falando das disfunções mais sérias nessa fase da existência como sinais de outros problemas de saúde, principalmente diabetes, hipertensão e o temível câncer de próstata. A seguir, enfatizando sobre a fundamental importância da prática sexual, após os sessenta anos, para a saúde física, mental e psíquica. Naquele momento, sorri das minhas conclusões ocultas, sem poder falar na hora, logo após as sábias palavras de mero eufemismo do médico. Ou seja, pensei que, na verdade, como era sadio, o homem queria dizer que eu tinha de foder, foder e foder. Foder muito enquanto podia. Foder muito enquanto a próstata estava perfeita. Foder para manter um pouco distante o fantasma da velhice. No mesmo instante, excomunguei ideia de que no Brasil, ao se completar sessenta anos, as pessoas passam a ser taxadas de idosas, tratadas como inválidas. Ao mesmo tempo, condeneia política nefasta do governo durante a fase crítica da pandemia, algumas falas maliciosas de cunho fascista e a explícita ideia fúnebre de se eliminar os velhos para o bem da economia. Afinal, naquele ano fatídico, eu já fazia parte do grupo de risco. Canalhas! Assassinos!

Após quase trinta minutos de caminhada, saindo dos pensamentos absortos, eu parei em frente à uma loja, respirei fundo e enxuguei o suor da testa usando a palma da mão. Me abaixei, peguei uma latinha de cerveja do chão e joguei na lixeira. Ufa, não senti dor alguma! Sorri para um mendigo pedindo esmolas debaixo da marquise. Imaginei o sofrimento do pária bem mais novo do que eu, porém parecendo ter mais de oitenta anos marcados pelo alcoolismo, a dor, a fome e a miséria. Senti no meu corpo um revigoramento súbito. Senti-me bem mais jovem do que a minha idade real. Jurei suprir as dificuldades, os estereótipos e os preconceitos enraizados na sociedade. Para começar, a partir dali, resolvi apagar de vez a palavra idoso de meu vocabulário. Decidi também que a vida começa aos

sessenta? Para mim, na verdade, sessenta e dois, pois dois anos fiquei enclausurado devido à pandemia.

Sendo assim, como eu consegui sobreviver, agora chegou a hora de reinventar, de redefinir e de ressignificar. Porém, sem parar de sonhar, de amar e, principalmente, de foder. No entanto, sempre me cuidando cada vez mais, pois a pandemia não acabou totalmente. Acenei para o mendigo, limpei o suor da testa usando as costas da mão e voltei a andar. Andei mais alguns metros, sentei-me à mesa de um restaurante, bebi uma cerveja, almocei e deixei o tempo passar.

Ao entardecer, com o crepúsculo banhando a cidade de um vermelho-alaranjado, eu voltei para casa. Bebi água, bebi uma dose de uísque com gelo e abri uma lata de cerveja. Sentei-me no sofá, liguei a televisão e, para variar, não encontrei nada de interessante para prender a minha atenção. Desliguei a televisão. Olhei com desdém para o jornal ao lado, sem a mínima vontade de abri-lo, na certeza de encontrar as mesmas notícias de corrupção, violência, miséria e guerras insanas na luta pela supremacia econômica, territorial e religiosa.

Entre no banheiro, sentei-me no vaso e esvaziei o intestino. Tomei um banho frio, me enxuguei e vesti cueca, bermuda e camiseta novas compradas no “shopping center” um mês antes.

Na sala, eu olhei para o relógio da parede marcando oito horas em ponto. Antes de sair, me sentei na cadeira junto à janela. Contemplei a cidade banhada por uma profusão de luzes, cores e sonhos. Motores de automóveis, buzinas estridentes, sirenes ululantes, apitos, tiros, fumaça, vaivém de pessoas, choros, gritos, lamentações e lágrimas de desespero. Sem saber a razão, lembrei-me da minha ex-esposa. A pérfida me abandonara há mais de dois anos para fugir com um advogado corrupto, ladrão e dono de uma riqueza ilícita adquirida em negociatas com políticos, empresários e traficantes de drogas. Lembrei-me também do meu único filho. O ingrato, após se formar em engenharia, contratado por uma multinacional de automóvel, mudou-se para o interior de São Paulo, casou-se por lá mesmo e nunca mais voltou a me visitar. Nem mesmo para trazer o filho, o meu único neto, para eu conhecer. Mas deixa para lá, pois a tristeza familiar não vai atrapalhar a comemoração, a primeira pós-pandemia, do meu aniversário. Sessenta e dois anos caralho! Para isso, ainda tenho alguns amigos. Para isso conheço muitas mulheres. Putas? Sim, mas mulheres! Aliás, as putas são as mulheres mais sinceras, éticas e trabalhadoras da sociedade. Destilam empatia, qualidade ausente na maioria da sociedade hipócrita. Sendo assim, merecem todo o respeito por exercerem

fielmente a profissão mais antiga do mundo.

Após sair de casa, caminhando em passos lentos sob o brilho argênteo da lua, eu cheguei no boteco para encontrar os meus cinco amigos de infância também sessentões aposentados. Nós bebemos muita cerveja, bebemos algumas doses de cachaça e relembramos as histórias da adolescência entre amores platônicos, brigas, bebedeiras e cigarros de maconha na esquina da rua. Xingamos os governantes, os dirigentes e os políticos corruptos. Duplo sentido? Eufemismo? Sim, pois na verdade são todos ladrões. Afinal, não existe político sério, probo e honesto. Quem souber de algum que atire a primeira pedra. Continuamos a festa. Rimos muito. Protestamos contra tudo e contra todos. Choramos as mágoas, as decepções e as alegrias da vida. Falamos de projetos, de viagens, de mulheres e de sexo, muito sexo. Brindamos impudicos as foadas em voz alta. Brindamos as solidões imensuráveis nas noites inóspitas. Vomitamos sem ódio, sem desavenças, sem inimigos e sem tristezas. Aos poucos, algumas putas foram se aproximando, pedindo licença e sentando-se junto à confraria de alegres sessentões ébrios, fanfarrões e sedentos por alguns momentos de amor. No mesmo instante, um de meus amigos, o mais gaiato, se levantou, ergueu o copo e gritou:

— Um brinde às putas!

Todos nós sorrimos em uníssono. Até mesmo o dono do bar, também um sessentão carrancudo, apesar da expressão de lassidão, sorriu conosco.

Uma réstia de luz solar, penetrando pela janela semiaberta, lambeu lascivamente o meu rosto. Ainda meio sonolento, sentindo dores lancinantes na cabeça, eu olhei para a mulher ressonando ao meu lado, de boca manchada pelo batom vermelho e deixando transparecer partes dos seios intumescidos. No mesmo instante, esqueci-me das dores me afligindo. Sorri satisfeito ao me lembrar da primeira foda aos sessenta e dois anos de idade bem vividos. Sorri também do primeiro porre, com direito a séries de vômitos, na nova fase da vida se iniciando. Sorri por estar vivo após superar a fase crítica da pandemia.

Eu me levantei, entrei no banheiro e fiz as abluções. Bebi água, bebi um café e comi um pão com manteiga. Me dirigi à biblioteca, olhei para o computador e me imaginei escrevendo mais um conto. Mas sobre o quê? Já sei, vou escrever um conto sobre a importância da velhice! Isso, mesmo, todos têm que valorizar, respeitar e aprender com os velhos. Peguei uma folha de papel, anotei as ideias iniciais e resolvi deixar para escrever à noite.

Antes de sair da biblioteca, eu olhei mais uma vez para os meus livros jazendo

na estante. Decidi também a continuar a ler muito, mas muito mesmo. Sendo assim, tracei uma meta de ler, no mínimo, um livro por semana. Afinal, o tempo caminha em passos céleres. Até porque, sessenta e dois anos de idade não são sessenta e dois dias. E, também, não sei se sobreviverei a uma próxima pandemia.



VICENTE GERALDO DE MELO NETO (VICENTE DE MELO) nasceu em Uberaba-MG, em 1960, mas foi criado em Brasília desde os dois anos de idade. Venceu o “Prêmio SESC de Contos Machado de Assis”, edição 2005, realizado pelo SESC-DF, e o “Prêmio Amazônia de Literatura”, 2ª edição, 2021. Publicou as coletâneas *Contos Federais*, *Vidas Vazias* e *Contos de Um Maluco Beleza*, e o romance *A Saga de Um Candango*. Tem também inúmeros contos avulsos publicados em revistas e coletâneas de livros impressos e virtuais.

NÃO FOI IGUAL, MAS TAMBÉM ACONTECEU

EVELYN GASPARETTO

De uma hora para outra, a vida parou. Tudo o que era importante deixa de ser, e o que não aparecia, é o que chama a atenção.

Parar de trabalhar, de fazer, de produzir? E o que será de mim agora? O que será do mundo agora?

Entreí em casa numa sexta-feira pronta para sair novamente na segunda, pronta para trabalhar, seguindo o fluxo do natural, na verdade, do supérfluo.

De repente, descobre-se que não mais. Não mais o que? Não mais nada. Não mais a vida lá fora. Parecia bronca de mãe exagerada, “se você enfiar o dedo na tomada, você vai morrer”. Era isso mesmo que a televisão fazia, se você sair na rua, você vai morrer.

Como morrer? Onde está esse vírus? Onde ele se hospeda? Onde se pega? Pelo ar, pelo toque, pelo olhar, por tudo e qualquer poro que você se aproximar.

E assim fiquei em casa. Meu trabalho parou, os prazos pararam, as pessoas interromperam ligações rotineiras, e tudo se acalmou, menos o medo de perder a vida. Esse se alastrou e ganhou níveis altos. Muito mais altos do que podíamos imaginar.

Teses e teorias se alastraram, frases de efeito, mensagens sentidas, tudo vinha e ia na velocidade da globalização, sem qualquer obstrução de distância que as impedisse. As informações chegavam tão rápido, quanto a própria doença, que veio do outro lado do mundo, lá do meio do outro continente.

E agora? O que faria? Como podia?

Todos em casa, todos com saúde e alimentação, permaneçamos assim. E os que não tem, como farão? Como faremos? Era hora de pensar em si e muito mais nos outros.

Situações espantavam, governo brigava, pessoas se fortaleciam e se enfraqueciam, forças opostas se digladiavam para ter razão, para serem ouvidas; poder e dinheiro ainda assim ganhavam a força que precisavam para atacarem os seres humanos, que pareciam frágeis e inconsequentes. E eu ainda não entendia.

Não entendia por que eu dormia. É verdade. A pandemia com os níveis altos

de mortalidade, de susto, de histórias mal contadas e de fins inesperados, e eu conseguia dormir. Como eu podia fazer aquilo?

Não sei, mas eu fazia. Tudo o que não dormi em anos, dormi nos dois primeiros meses. Eu podia me sentir bem? Não era pecado?

Não era um BEM sossegado, era um BEM com culpa, por ser um BEM privilegiado, por poder respeitar as leis e a ordem do governo. Tentava me valer da minha situação, e, se me era permitido, por que não usufruir disso? Mesmo assim, eu continuava a me culpar.

Claro que eu sentia falta das saídas, de conversar, tomar um chopinho, mas eu me sentia melhor agora, trancada do que em liberdade. Seria normal sentir isso? Não, claro que não.

Eu não conseguia entender, e por isso resolvi pensar, resolvi reavaliar. Se me era permitido estar ali, nessa situação, eu teria que aproveitar.

O que me fazia tão diferente? Enquanto as pessoas reclamavam de estar em casa, se deprimiam por não ver os outros, por não encontrar, eu não. Eu estava bem. Tinham os vídeos, que a gente se via, que dava para matar a saudade. Eu não entendia por que as pessoas queriam o pessoalmente, o tête-à-tête. Era esquisito. Eu era uma pessoa esquisita.

E a reavaliação não parava, a autorreflexão me fazia pensar e repensar o que me colocava na situação de nada sentir de ruim, a não ser a clara preocupação de pegar a doença ao sair para ir ao mercado, ou a farmácia, ou em receber a comida em casa. E novamente me vinha na cabeça, e quem não tem o que comer, como comprar, como estão vivendo?

Era muito difícil esse enquadramento. De tudo da pandemia, acho que esse foi o sentimento que mais me perturbou, a falta de igualdade das pessoas em poder se precaver, como eu estava fazendo.

Um dia, cheguei à conclusão de que essa era a minha situação, e era assim que ela existia, me conformando ou não, era assim que eu vivia. Então, eu tinha que fazer alguma coisa com ela, e não só ficar me lastimando por ter essa condição, ou então, por não poder trazer todos para essa possibilidade.

Muitos foram para suas casas de praia, outros mudaram para estados mais quentes, várias condições eram mais privilegiadas do que a minha, mas eu não ligava, a minha condição me dava qualquer coisa de benefício que me incomodava. E quando chegava a níveis altíssimos de perturbação, voltava para a autorreflexão e tentava fazer com que houvesse, não o reconhecimento do que eu estava vivendo,

mas o motivo de não estar me sentindo mal com o lockdown.

Todo mundo se sentia mal, como eu podia me sentir bem? Não podia.

Mas eu me sentia. Dormia, acordava com calma, tomava café, me exercitava, aprendi a cozinhar, o trivial, o básico, mas eu fazia a minha comida. Lia, assistia a muitos filmes, conversava por vídeo, por telefone, ou por mensagem, e o mais importante, pensava.

Eu tinha tempo para pensar o que eu queria daqui para frente, a partir de agora, como eu me encontraria novamente. E me encontrei.

Na verdade, eu encontrei o meu caminho novo, mas o velho até hoje não me largou. Como posso me explicar?

Percebi que o passado, quando era presente, já não fazia mais parte de mim. O presente torto me mostrou que o eu que vivia no passado, já não queria mais ser eu. A reforma já estava batendo à minha porta, mas não havia tempo, o automático da agitação e da pressa, me cobravam uma postura, um posicionamento, e aquilo que não se encaixava, parecia trazer uma falta de sentido no cotidiano. E eu não sabia o porquê, o que era.

Fiz os diversos retornos à época anterior, onde me vi no caminho para o trabalho, na entrada, na prática da rotina daquilo que já estava na minha frente, sem paixão, sem gosto, sem morada naquele corpo.

Colocava a culpa no trânsito, no caminho, nas pessoas as quais convivia, mas nada se referia àquilo que já sinalizava. Nossa, como estava claro agora. Como fez bem esse tempo de reflexão e inatividade.

Não era um ócio, era uma inércia, eu podia ficar parada sem cobrança, sem prazo, sem busca incessante para cumprir a meta, para entregar na data, para ter que ter para mostrar para. Os sinais já eram dados antes dessa paralisação, mas não eram sentidos. Só agora eu puder ver e graças a quem? Ao lockdown, à quarentena, a tudo que todo mundo detestava, e eu precisei.

Era claro que eu não estava satisfeita e nem feliz com a quantidade de mortes e doenças que se apresentavam, os sofrimentos dos doentes e de seus familiares, era claro que a pandemia não era boa. Mas ela tinha um sentido para mim, um porque daquilo tudo. Se o mundo não percebia, eu conseguia perceber. No meu micromundo, no pequeno espaço, no ínfimo interesse que eu pudesse representar, eu estava sabendo o que ela significava para mim.

E me entendi. Consegui ver a falta de sentido de antes, os contatos forçados, a manutenção de ligações desnecessárias, sem razão de ser. E isso me dava uma

realização, uma satisfação pelo próprio entendimento neste novo momento. Claro que tudo isso vinha sempre envolto pela culpa. Mas eu sentia, eu não podia negar. Agora, eu me sentia. Acordei para mim.

Não tinha depressão, nem desespero para sair. Tinha medo, mas ele era menor que a minha conquista diária de mim mesma. Claro que muitos perguntarão, “mas você precisava de uma pandemia para se encontrar?”

Hoje já sei a resposta, que tanto ansiei. Ela viria de qualquer jeito, eu querendo ou não. Não precisava seguir a massa, não precisava ir com a leva. Os outros sentiam, eu não. Era de verdade ou eram indicados a fazer? A mídia forçava a tristeza, forçava o inebriamento de informação, para que se evitasse o pensar. A reflexão era a forma saudável de tentar superar o stress, mas quanto mais números, medos e pavor, mais controle os outros tinham sobre você.

Descobri uma nova forma de mim, um outro significado. Eu queria ser diferente e não tinha tempo para isso, a paralisação me deu essa possibilidade. Inabilidade minha não perceber antes. Da minha cabeça não saía, o que as pessoas comentariam: Somente com a pandemia, com números astronômicos de mortalidade, você conseguiu se achar? Quanto egoísmo! Essas eram minhas idas e voltas. Quantos metros percorridos e regressados.

Mas não era, juro que não era. Eu sentia a necessidade do próximo, mas também, sabia que em mim algo havia mudado e para melhor. Eu me vi, me senti, me encontrei. Tive tempo para mim, achei quem e o que faltava para a minha complementação.

Perdi pessoas, chorei mortes próximas e distantes, e conseguia ver a gravidade de tudo. Mas o silêncio, a interrupção daquele momento, não me abalava. Não era isso que me fazia triste. A cada dia que passava, eu conseguia me ver mais, me aprofundar mais no meu autoconhecimento. E me perguntava, para que tudo isso, se não encontro ninguém? Será que um dia voltarei a encontrar?

E aí esse tempo chegou. A volta ao normal, ao novo normal, ao começo da saída, dos encontros da vida pedindo para viver novamente. Aí foi que eu me vi em crise.

Eu conseguia ver a crise a um palmo de distância. Todos os traumas que as pessoas tiveram nos momentos mais trancafiados, eu passei a tê-los, quando tudo parecia retornar.

Eu comecei a sair. Por quê? Por que eu tinha que me arriscar? Estava tão bom, e agora, eu tinha risco de sair, de pegar, de contrair, de passar. Beija, não beija, está

perto, está longe, estava com máscara, passei álcool? Eram tantas dúvidas que minha insônia voltou.

O que era bom para mim antes, tinha virado uma dúvida de vida, insônias, preocupações e arrependimentos. Não que eu tenha querido ficar para sempre em casa, ou me recusasse a sair, mas a proteção que a casa tinha me dado, o retorno, mesmo que paulatino, estava me tirando.

Os motivos do meu desespero já não eram iguais aos anteriores. Agora era um medo da doença, um medo real, já que, agora, eu estava saindo. Já era permitido sair, não sempre, não total, mas já estava tudo voltando.

Será que eu não estava preparada para o retorno?

Quando eu estaria? Não fazia ideia. Será que um dia essa coragem, esse prazer em sair retornaria? Não era possível, eu não era normal. As pessoas estavam amando se encontrar, se rever. E eu? Eu não. Não que eu não gostasse das pessoas, mas eu não precisava me arriscar para saber que eu sentia isso.

Mas eu precisava voltar, a vida estava chamando, as pessoas estavam precisando disso. Por que será que eu não fazia parte?

De repente, me vi fazendo as mesmas obrigações do trabalho que eu não mais queria, aquele que eu percebi que já não fazia mais parte. Na minha visão, havia uma permissão ampla para o que não era bom, mas para o mínimo de bom, era advertido sair e encontrar.

Realmente eu não entendia mais o mundo, a minha função dentro dele. Todos se divertiam ao voltar, e eu, apenas sentia a saudade de ficar em casa, e de poder me conhecer mais, sentir o prazer da paz que eu já não tinha mais. Eu já não era a mesma de antes, mas eu podia sentir que os momentos que passei durante o tempo que fiquei trancada, estavam prestes a acabar, me escapava pelas mãos. E mais uma vez fui de encontro à maré. Não era normal, não era para me sentir assim. Por que eu não era igual a todo mundo e passava a me contentar com o que todo mundo gostava?

Claro que eu não falava, não declarei jamais, mas por dentro sentia. Para quem eu contaria? Talvez, se eu contasse esse meu desejo, essa minha vontade, provavelmente, eles me trancafiariam em algum lugar longe do movimento de novo, só pela clareza de estar louca. Mas não era esse tipo de afastamento que eu queria. Pretendia um geral, um total, não um isolado e sozinho, caso contrário, a culpa me invadiria de estar fora da roda da sociedade, da matrix imposta para quem vive nessa terceira dimensão. Não me via insana, me via quieta como antes. Habituar-me ao

barulho novamente, ao movimento, ao transtorno da capital, não me deixava confortável. Mas mais uma vez a vida se impunha e eu, querendo ou não, teria que estar presente. Em paz, ou perturbada, com prazer, ou com desgosto eu tinha que me acostumar com o que deveria ser vivido.

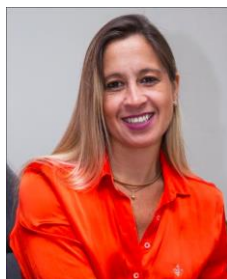
Nossa! Quanto conflito! Eu não sabia como proceder, mas o tempo é sábio e me trouxe com a sabedoria do isolamento, a postura da nova forma de agir.

Eu teria que me acostumar, e passar a viver, a sair. Eu voltei. A vida voltou, as pessoas voltaram. Percebi, então, que não era mais a mesma, idas e vindas vieram eu já não queria mais ser como era. Ainda sou o que minha essência impõe, mas coloco meus termos a mim mesma, passando a entender que, se por isso tudo passei, de forma a agradecer o vivido, teria que ser agora à minha maneira. Já sabia o que queria, sabia o que seria, o passado ainda não tinha me abandonado por inteiro, anos arraigados no meu ser, tinham se encrustado na minha alma, mas como se limpa pedras expostas à maresia, vou arrancando pouco a pouco o grude de outrora, que a partir de agora já não faziam mais parte do novo ser que me tornei.

Período difícil que me ajudou a refletir, a analisar, a entender o tempo e minhas responsabilidades, perante mim e perante o mundo, respeitando meus desejos, sem a necessidade de me impor um comportamento.

Eu me reinventei, não de forma brusca ou abrupta, mas sim, suave, sutil, deixando a alma mais pueril, sensível ao que virá, perceptível ao que veio, e preparada para, enfim, fazer da forma que for permitido, dentro do que for possível, sem culpar, sem me igualar, e nem me diferenciar, nem mesmo me imitar, querendo somente ser o que aprendi, o que pude fazer, o que posso ser, alguém que, agora, conhece melhor a si e aos outros. Percebi que a crise não vem na mesma hora para todos, e nem da mesma forma, e que nem mesmo por isso, há de ser menor, ou ter menos significado só por ter sido diferente.

Enfim, re-signifiquei o que antes não tinha sequer conhecimento e muito menos significado.



EVELYN ROBERTA GASPARETTO (EVELYN GASPARETTO) é paulistana, formada em direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1999, e com pós-graduação em direito processual em 2002. Apaixonada pela literatura, escreve e lê em ritmo constante para manter o estímulo pela vida, contribuindo constantemente para que a prática da leitura se difunda para todos os humanos.

UM ASSOCIAL NA PANDEMIA

ELAINE RIBEIRO TAVEIRA

Antônio, apesar da formação em Letras, prestou concurso para trabalhar na área administrativa. Nunca quis ser professor, pois isso implicava lidar com pessoas. Fez esse curso, simplesmente, porque amava as palavras. Em seus vinte anos de serviço público, lidou com muitos papéis e burocracia, gente quase nenhuma.

Quando a pandemia iniciou, achou que isso não chegaria ao Brasil. A única coisa que mudou em sua vida durante a propagação do H1N1, foi uma embalagem de álcool gel junto aos elevadores na entrada do prédio onde trabalhava. Não soube de ninguém que morrera ou tivera problemas com a doença causada por esse vírus. Pensou que o mesmo se daria com a Covid.

Certo dia, observou uma movimentação estranha em seu setor. O chefe correndo de lá pra cá, recebendo diversas ligações. Ao final do expediente, ele avisou que todos os funcionários com comorbidades prestariam seus serviços de casa, deveriam contatar o setor de informática para acessar remotamente seu computador de trabalho na sessão.

A princípio, Antônio preocupou-se, será que daria certo? Se o estavam mandando trabalhar de casa, realmente essa doença era perigosa. E se pegasse essa coisa? Era diabético e hipertenso. E se o trabalho remoto não desse certo e todos tivesse de voltar? O elevador subia sempre cheio, com certeza ia contrair.

Conseguiu trabalhar de casa, sem problemas, e assim foi por dois anos. Acompanhava as notícias com medo de ser obrigado a retornar sem ter sido imunizado, as vacinas estavam demorando a chegar ao país e quando chegavam eram pouquíssimas doses.

Notou que, tirando o medo de retornar ao trabalho presencial, sua vida melhorara e muito. Tinha mais tempo para a esposa e para seus afazeres domésticos.

Não teve filhos, afinal para que colocar mais gente no mundo? Gostava mesmo era de cães.

Amigos, tinha poucos. Uma meia dúzia que encontrava no bar para assistir a jogos de futebol e conversar um pouco. Realmente, gente não fazia falta para ele.

Agora, tomava sol pelas manhãs no quintal, coisa que nunca fizera em tempos de trabalho presencial, pois gastava muito tempo no trânsito. Começou, também, a fazer atividade física, tirou a poeira da esteira e resolveu utilizá-la todos os dias. Arrumou receitas saudáveis na internet e aprendeu a cozinhar. Com isso, emagreceu e sentiu-se melhor. Dormia bem melhor, tendo uma vida mais regrada.

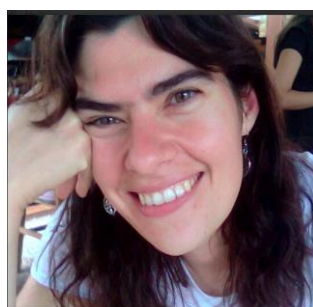
Notou que possuía objetos de mais. Passando mais tempo em casa, tropeçava e esbarrava nas coisas a toda hora. Resolveu que para ter mais espaço, seria menos consumista.

Aprendeu a tirar o máximo dos alimentos, evitando, assim, desperdícios. “Meu Deus! Como desperdiçávamos tudo”, pensou.

A única coisa que sentia falta era poder viajar. E descobriu que gostava, realmente, muito disso. Não era a mesma coisa ver os lugares pela TV. Queria sentir os cheiros, as texturas e os sabores que só lugares novos propiciam.

Entendeu que, na vida, como na escrita, devemos primar pela concisão. Não precisamos de muito para sermos felizes. Muitas pessoas, muitas coisas, tudo sem necessidade. Que o bem mais precioso que temos é o tempo. De que adiantam coisas e dinheiro sem tempo e saúde para gozar as dádivas oferecidas pelo mundo em que vivemos?

Quando a pandemia foi controlada e todos já estavam devidamente vacinados, retornou ao trabalho presencial, mas, agora, em sistema híbrido, metade dos dias da semana em casa, a outra, no trabalho. Valorizava mais a saúde e o tempo, começou a viajar mais vezes ao ano, gastar menos dinheiro com coisas supérfluas e foi mais feliz.



ELAINE RIBEIRO TAVEIRA (NUVEM SILENCIOSA) nasceu em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, em 1972. Formou-se em Letras no ano de 1995 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte. É pós-graduada em Língua Portuguesa pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Recebeu menção honrosa no 22º prêmio SESI Arte Criatividade por sua crônica “Vale a pena?”.

RE-SIGNIFICAR A VIDA PELA FORÇA DA VONTADE

DABDEVI

Maria Lucia, saiu de sua sala de trabalho e apoiou-se na porta da cozinha. Mal conseguia respirar e lágrimas escorriam pelo seu rosto sem que ela as enxugasse. Estava realmente atordoada. Havia revisado as últimas páginas do livro didático até a madrugada. Deixara ainda alguns pontos a serem melhorados, o que faria logo pela manhã.

Levantou cedo, pois a editora era criteriosa no cumprimento de prazos e aquele era o último dia para enviar os textos revistos.

Logo após tomar o seu café, foi ao computador para terminar o trabalho. Ao abrir a pasta, não conseguiu ler nada. Pensou que a pasta aberta poderia ser a pasta errada. Automaticamente, fez todo o processo novamente. Mal vislumbrava alguns traços ilegíveis. Um frio passou pela sua espinha. Fazia algum tempo que notara sua visão embaçada e, agora enxergava pouco e nem mesmo conseguia ler.

Estudar, ler e escrever eram a vida de Maria Lúcia.

Não podia ficar cega!

Foi por isso que sua irmã a encontrou soluçando a ponto de estar com o corpo tremendo. Levou algum tempo até que Maria Lucia conseguisse colocar a irmã a par da situação em que se encontrava.

Janete, a irmã, levou alguns minutos para avaliar o grau de aflição em que sua irmã estava. Tentou consolar a pobrezinha e tomou as providências imediatas e necessárias: marcar consulta com o oftalmologista, o mais rápido possível. Por se tratar de uma clínica particular, conseguiu marcar a consulta para o dia seguinte.

- Fechado, minha irmã. Amanhã mesmo você já vai ao oftalmologista; como ele já tem o histórico de sua visão, pode agilizar os procedimentos necessários. Agora, vem comigo e vamos tomar um bom café!

- Valeu sua boa vontade, mas prefiro deitar e colocar uma compressa de chá de camomila sobre os meus olhos. Pode ser que tenha sido apenas um surto.

- Vá, Maria, deite-se que eu preparo e levo a compressa para você.

Demorou a chegar o dia seguinte e, já na clínica, a hora da consulta parecia nunca chegar. Finalmente, Maria Lucia ,ao ser chamada, foi conduzida pela irmã para entrar no consultório. - Bom dia, falaram ambas ao mesmo tempo.

- Olá, dona Maria Lucia, como está?

Como vão os seus livros?

A pergunta do Doutor Luca era pertinente, pois ambos já haviam conversado algumas vezes sobre o trabalho da moça.

Lúcia, além de não responder, desatou a chorar; por isso, a irmã passou ao médico todas as informações, desde o dia anterior.

- Acalme-se, menina. Pode ter sido apenas um cisco, um vento ou qualquer outra coisa. Vamos ver o que está acontecendo!

Maria Lúcia foi levada até aos equipamentos para os exames a serem feitos. Agora o médico fazia e refazia alguns procedimentos ao mesmo tempo em que procurava acalmar sua paciente.

Após algum tempo disse à moça que deveria fazer exames mais específicos por que detectara problemas graves e não poderia fazer um diagnóstico preciso naquele momento.

- Vamos marcar alguns exames específicos e alguns deles só podem ser realizados em clínicas especializadas.

Vou lhe passar os encaminhamentos.

Maria, durante duas semanas, fez muitos exames e muitos procedimentos, agora pelo SUS (Sistema único de saúde). Em razão do pico da pandemia, teve que se subordinar a longas esperas. Atendimentos eletivos estavam em regime de contenção. Hospitais não estavam dando conta das emergências dos casos dos infectados pelo covid/19.

Não é de se admirar que o sistema nervoso de Maria Lúcia estivesse entrando em colapso.

Após algumas semanas, a irmã, cujos motivos não entram no mérito agora, passou a deixá-la muito sozinha.

Janete saía na segunda-feira pela manhã e somente voltava ao anoitecer da sexta-feira. Maria Lúcia nem mesmo conseguia atender ou fazer ligações telefônicas por que não acertava a tecla correta do aparelho e ainda não tinha celular. Sentia-se muito infeliz e abandonada. Via-se obrigada a sair para comprar alimentos e não havia mercado por perto. Tinha que usar o transporte público para ir até ao centro,

mesmo sem ter certeza de que o Ônibus que embarcara era o que a levaria ao destino que queria. Sentia-se em total insegurança para fazer perguntas, até mesmo para o motorista. Nos mercados, aprendeu a pedir ajuda aos atendentes, pois nem sempre conseguia definir o que segurava na mão. Aprendeu a pedir ajuda para chamar um táxi. Espatifou-se no asfalto ou nas calçadas um sem número de vezes. Foi atropelada por um carro e duas motos, em ocasiões diferentes. Ela mesma não sabia explicar como chegava viva em casa, mesmo que machucada.

Maria Lúcia descobriu como calçadas eram esburacadas e cheias de entulhos e como eram poucas as ruas com sinalização horizontal. Os semáforos ficavam distantes para sua visão. Por isso, atravessar ruas e avenidas eram uma verdadeira aventura. Descobriu, também, que as cidades não tinham sido pensadas para pedestres e, muito menos, para pessoas que, como ela, tinham acuidade visual prejudicada. Idosos e crianças também estavam inseridas nos riscos que uma cidade planejada e pensada para veículos e calçadas para quem tinha uma boa visão, como se isso fosse algo natural e normal e como se crianças e idosos pareciam não merecer atenção. Maria não podia deixar de pensar no tempo em que sua visão era normal e de como ela tinha ficado alheia a todas essas dificuldades que as pessoas com problemas de saúde tinham para se locomover pelas ruas e como não devia ser traumático para aquelas que necessitavam de cadeiras de roda para ir de um lugar ao outro.

“Penso em mim como cega, mas eu era bem mais cega antes do que agora. Presto mais atenção aos ruídos dos carros; sei quando estão parados ou estão dando partida; distingo se são carros grandes ou pequenos; consigo sentir, pelo tom da voz da pessoa em que estado de espírito se encontra. Em casa, já sei como encontrar roupas e sapatos pelo tato. Para ser sincera, não estou totalmente inutilizada”. Esses eram os pensamentos da moça para sentir-se mais fortalecida.

Finalmente, chegaram os resultados dos exames: glaucoma, cataratas e degeneração macular da retina. A última já havia progredido assustadoramente. Era um dos problemas para os quais a medicina não tinha recursos tecnológicos, sobretudo quando o estágio de degeneração macular já estava muito adiantado.

Nova etapa de exames e tratamentos possíveis para o glaucoma. Os outros dois estavam na fila de espera para procedimentos eletivos que estavam custando muito a sair. A moça procurou um advogado e entrou com intervenção judicial para que o INSS liberasse os recursos financeiros para tratamento para a retina, o que lhe

foi negado. Estavam sendo atendidas somente as pessoas infectadas pelo vírus, em detrimento de quase todos os pacientes que eram portadores de outras doenças. Muitas vieram a óbito e outras, como o caso de Maria Lúcia, haviam perdido a oportunidade de cura em função da demora de atendimento.

Não tinha recursos financeiros para custear uma cirurgia em clínica particular.

Mas, o pior estava por acontecer.

Em uma noite, sua irmã, apontando-lhe o dedo indicador, disse:

- Eu quero que você vá embora daqui.

Maria assustou-se tanto mas logo pensou que era uma brincadeira. Mas não era. Não sabia bem o que estava acontecendo e tentou descobrir a razão pela qual estava sendo expulsa da casa que compartilhava com a irmã. Não entendeu as explicações dadas de tão desatinada que se encontrava. Devia estar incomodando demais a irmã em função de seus próprios problemas.

Soube então que teria que encontrar duas soluções: um lugar para morar e como e onde continuar os tratamentos para a sua visão. Andar pela rua sozinha estava cada vez mais perigoso. Ela não tinha com quem contar a não ser consigo mesma. Tinha a alma ferida. Precisava descobrir a sua força interior pois não desistiria perante os desafios que a esperavam.

Procurou muito em muitos lugares, sentia que o orgulho estava dificultando tomadas de decisão. Sempre estivera muito sozinha em suas dificuldades e decisões. Resolveu, então, pedir ajuda para o único filho. Havia entre eles pequenos desentendimentos desde que separara do marido, pai de seu filho. Sabia que teria resistências, silêncios e pequenas rugas. Mas sabia também que havia educado o filho dentro de alguns princípios de humanidade e solidariedade.

Pensou muito antes de falar com o filho e expor a sua situação, mas excluiu de suas explicações a decisão tão radical e definitiva da irmã.

Conseguiu, afinal, mudar de cidade e teve a ajuda do filho e da nora para a locação de um apartamento.

Entrou novamente no cadastro do INSS através de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e teve os encaminhamentos necessários para todos os exames e procedimentos de que precisava e não limitados apenas aos problemas visuais. A médica que a atendeu era uma dessas profissionais que levavam a sério o juramento de Hipócrates que fizera ao se formar.

Encontrou com pessoas ligadas a projetos de atendimento a pessoas com

deficiência, inclusive a que lhe dizia respeito. Foi aceita como aluna em uma escola em que funcionava um departamento para pessoas com deficiência visual.

Lúcia estava renascida.

O filho providenciou os aplicativos necessários para o computador, como, por exemplo, leitor de textos. As professoras que a atendiam cuidavam de promover exercícios de estimulação visual bem como introduzi-la aos “mistérios” do teclado e de todas as ferramentas das quais podia fazer uso. Além disso, aconselharam-na a usar bengala própria para deficientes visuais. Ao sair para a rua pela primeira vez usando sua bengala, um soluço profundo e rouco acomodou-se em seu peito. Parecia-lhe que todas as pessoas ficavam observando a sua dificuldade para andar. Com o tempo, fez de sua bengala a sua melhor parceira. Afinal, esta parceira garantiu boa parte de sua segurança para atravessar uma rua ou avenida. Por muitas vezes e ainda agora, a moça fica admirada por ações de ajuda e solidariedade que recebe quando sai sem companhia pela cidade.

Maria nem conseguia acreditar que poderia continuar a estudar e escrever. Seu principal projeto era o de produzir textos simples sobre sustentabilidade em ampla dimensão porque incomodava-lhe o fato de que os recursos naturais e a ambiência social tão degradados estavam sendo tratados como sendo algo natural. Ela sabia e sentia a pobreza da fome, a miséria da falta de conhecimento e tudo isso parecia girar dentro dela como se ela própria estivesse no interior de um grande liquidificador, ligado em plena potência. A par disso, o sentimento de impotência perante todas essas realidades a faziam sofrer como se estivesse em um dos infernos de Dante e, certamente, não era no primeiro inferno em que se sentia.

Então, o coronavírus entrou em sua vida. Mas ele foi condescendente com ela. Sem febre demais ou dores e incômodos. Somente muita, mas muita cansaça. Passou acamada por duas semanas.

A pandemia aos poucos foi vencida e os procedimentos e cirurgias eletivas voltaram a ser atendidas.

Maria ainda esperou por quase meio ano para que a cirurgia de cataratas fosse realizada. Os médicos já haviam alertado de que a visão central não teria melhoras mas que a visão periférica deveria ficar mais nítida.

Realmente, a degeneração macular da retina não tinha mais recursos médicos para que se pudesse revertê-la.

Chorou muito, em muitas e longas noites. Por fim, decidiu que viveria e encontraria um atalho na vida para ser feliz. Não podia ver completamente, mas

podia ouvir, sentir, falar.

Chorou no ombro de amigas e com elas aprendeu que a vida continua, manteve-se fiel nas orações diárias, fez-se uma aluna exemplar, decidiu que queria viver e viver sendo, a cada dia, um fator de soma na vida de quem a rodeava e muito gentil com todos. Aprendeu a exercitar a gratidão por cada momento e por cada flor que brotava nos vasos de seu minúsculo jardim. Maravilhosa Natureza, bem dentro da minha casa, dizia a si mesma.

Passo a passo, foi re-significando boa parte dos aspectos negativos de sua vida.

Entretanto, a sua grande vitória estava bem guardada em sua memória. Havia escrito, produzido e enviado para uma editora uma pequena história de um menino. O conteúdo principal era a sustentabilidade. Não correu atrás de patrocinadores. Economizou tudo o que lhe foi possível e pagou a Editora a quantia que tinha sido estipulada.

Através do texto produzido tentou ampliar a concepção de sustentabilidade que não ficava reduzida a “plantar uma árvore”, mas que carregava também a dimensão da sustentabilidade social, cujo alcance é muito maior do que apenas plantar ou não árvores. Tentou dizer aos seus possíveis leitores que a sustentabilidade ambiental constitui-se apenas uma das possibilidades de manter o equilíbrio do planeta, mas que sustentabilidade não podia ser vista somente em uma parte e sim pelo todo e por tudo o que compunha a Natureza, acrescida do trabalho humano. Preocupada demais com o que a humanidade estava fazendo com os recursos naturais do Planeta, havia tentado apontar, pelo menos, uma das possibilidades a seu alcance.

Ao tatear um exemplar do seu livro não conseguiu ficar quieta e disse: meu pequeno “filho”, ao escrever você, venci o vírus.

Doutor Luca, referindo-se a Maria Lúcia, disse:

“Somente aquele que conseguiu realizar aquilo que Maria Lúcia realizou consegue alcançar a dimensão das re-significações que foram incorporadas para substituir os traumas e suplícios mentais e emocionais que não podem ser comparados. São subjetivos e constituem-se como vitórias que não têm preço”.

.....

A pandemia provocada pelo COVID/19, além de mostrar o despreparo do

cidadão e dos governos, conferiu maior visibilidade a muitos dos problemas sociais e políticos que já vinham corroendo a saúde pública em quase todas as camadas sociais.

No Brasil, especificamente, as diferenças sociais foram escancaradas como grandes fendas de um vulcão há muito adormecido. Os estruturantes da sociedade brasileira nos níveis políticos, econômicos, educacionais e sanitários já existentes há muitas décadas indicavam a fragilidade dos pilares sobre os quais repousavam e ainda repousam as diretrizes para o gerenciamento das necessidades básicas da nação brasileira.

No que concerne à pandemia, entre outros fatores, a vacinação e obrigatoriedade de reclusão das famílias por causa da velocidade da transmissão do vírus foi muito diferente entre aqueles que faziam parte das classes C e D comparadas às classes A e B. O poder aquisitivo entre essas classes sociais estava e continua distante demais para que os mais ricos pudessem avaliar os estragos da fome para aqueles que, ou dependiam de cestas básicas e auxílio social ou passavam, literalmente, fome. Passar fome e frio é um dos “castigos” mais terríveis que existem. Digam-no aqueles que já estiveram em situações desse nível.

A pandemia exigia agilidade de soluções políticas, especialmente as de ordem sanitária. Exigia, também, novas atitudes de todas as pessoas, tais como usar máscaras ao sair de casa, usar álcool para lavar as mãos, cuidar com maior critério a limpeza de alimentos crus e frutas.

Entretanto, as dores mais pungentes foram as de enterrar os entes queridos sem ficar perto do caixão e fazer as orações de despedida sem, ao menos, poder olhar pela última vez, para o rosto de quem havia morrido por causa do vírus. Registrar tudo isto é uma necessidade histórica e é cuidar para que as gerações futuras tenham fontes de pesquisa sobre diferentes vírus e doenças pandêmicas, recurso que as pessoas que viveram no pico da peste negra não tiveram.

Sendo planetária, a pandemia dificultou o trânsito das pessoas de um país ao outro ou mesmo entre espaços locais diferentes, o que reclamava cuidados especiais de todo o cidadão no intuito de evitar a transmissão do vírus por contatos diretos ou pela respiração.

De outro lado, outras doenças, algumas endêmicas como a dengue e muitas outras foram deixadas de lado não sendo consideradas prioritárias por causa do volume de infectados pelo vírus. O sistema de saúde do Brasil, através de seus profissionais demonstrou determinação e resiliência. Ainda assim, quase entrou em

colapso.

A vulnerabilidade de idosos, crianças e pessoas com necessidades especiais que, antes parecia existir em número menor, acusou índices bem maiores do que se imaginava. O atendimento ao número de doentes, crônicos ou não, foi postergado e não pôde ser atendido a tempo e por isso, passada a crise mais crítica da pandemia, o atendimento desses pacientes foi retomado mas, para muitos, chegou tarde demais. Este foi o caso da protagonista da história relatada no início deste texto. Mil histórias diferentes entre si poderiam ser contadas e, ainda assim, as dificuldades de crianças, portadores de necessidades especiais e idosos não seriam mostradas em sua amplitude e totalidade.

O sofrimento, qualquer que seja a sua extensão ou causa, não é um sentimento fácil de ser traduzida em palavras.

Por isso, a história de Maria Lucia poderá servir como exemplo de como algumas pessoas re-significaram a sua vida , cada uma delas com suas individualidades. Caso não formássemos uma sociedade que se caracteriza pela individualidade, talvez o paradigma da solidariedade e o da fraternidade tivessem conseguido evitar dores de uma atrocidade indescritível. Como um dos exemplos, a solidão e a depressão não teriam levado tantas pessoas ao suicídio ou à loucura.

Nossas reflexões repousam muitas e muitas vezes, sobre o aprendizado que tivemos a oportunidade de desenvolver e, se de fato, aprendemos algo sobre o que é ser humano.

Considerando que a pirâmide etária brasileira vem sendo invertida, significa que em poucos anos teremos mais idosos que a população economicamente ativa (PEA) conseguirá sustentar.

A partir dessa premissa urge que os governantes bem como todas as instituições sociais adotem políticas educacionais e sanitárias que consigam construir valores que permitirão que, entre tantos exercícios de cidadania, o acolhimento aos idosos, portadores de necessidades especiais e crianças sejam realizados com um profundo respeito pelo humano. Pensamos que, no caso dos idosos, a sociedade brasileira deveria aprofundar um pouco a concepção de idoso e levar em conta a sabedoria, as vezes milenar, com a qual eles ainda podem contribuir para a construção de uma nova humanidade. A propósito, as representações de idosos em alguns veículos de transporte público mostrando um velhinho curvado e usando bengala é um símbolo que mostra bem a concepção ultrapassada que se tem dos idosos. Só lembrando que, pela lei, toda pessoa com 60 anos ou mais já é

considerado idoso.

Segundo um antigo provérbio indiano “Quando morre um idoso perde-se uma biblioteca”.

Aqui, no Brasil, podem-se encontrar estranhos contrastes: velhos de bengala que são os provedores tendo o dinheiro de aposentadoria usado por filhos ou netos. De outro lado, do ponto de vista daqueles que possuem posses e bons salários idosos,, idosas, deficientes de qualquer natureza são considerados inúteis e largados em asilos ou em casas de acolhimento onde, muitas vezes, são completamente esquecidos pelos familiares.

Por esta e outras razões, entre as mudanças necessárias para isso, o núcleo familiar também exige uma nova estruturação. Há que se reforçar que é a família que educa e a escola instrui e introduz as crianças, ao conhecimento historicamente acumulado, além de ampliar as noções de diversidade, Arte, Ciência e Cultura. Ambas – família e escola – deveriam andar de mãos dadas, o que já seria um bom avanço, embora lento. Gerações e mais gerações serão necessárias para que este avanço seja significativo a ponto de provocar mudanças quantitativas e qualitativas.

Necessário acrescentar que uma boa educação carrega uma dimensão e significado bem maiores do que a instrução escolar, igualmente necessária. Não podemos esquecer que, além da escola, as mídias educam, mas, e, em nosso entendimento, a maioria das redes sociais está conectada demais com os conceitos e conteúdos de um filme chamado MATRIX. Entretanto, nem mesmo as instituições escolares e o conjunto de seus profissionais, em sua maioria, tiveram acesso ao conteúdo de Matrix que em sua mensagem subliminar, foi muito bem compreendida e muito bem incorporada. O difícil será mudar os conceitos inseridos na mensagem. Também é possível que a maioria das últimas gerações, não teve acesso ao Mito da Caverna, de Platão, por exemplo. Discutir o Mito da Caverna – entre outros mitos - deveria ser uma espécie de introdução ao conhecimento sociológico e filosófico o que poderia desvelar as sombras do mito e mesmo do filme. Mas, o conhecimento dos saberes filosóficos ou sociológicos parecem não estar muito presentes nos currículos e/ou diretrizes básicas construído para as diferentes esferas do ensino institucionalizado.

Como a Filosofia é a ciência que introduz o estudante ao questionamento, parece não ser mais preciso questionar ou perguntar. Com o desenvolvimento tecnológico, as mil e uma ferramentas das máquinas já estão fazendo quase tudo. Máquinas não perguntam e, entre os humanos, aqueles que ainda pensavam e

perguntavam já estão invisíveis em nosso país.

Então, para que serve a Filosofia?

O conto que dá início a este texto é um exemplo real . A superação ou não da pandemia, incluindo todos os desafios a ela agregados deixou a marca de sofrimentos físicos e emocionais. A descrição desse sofrer alcança apenas uma aproximação das realidades vividas porque nossa linguagem é pobre para traduzir emoções e sentimentos.

Já não temos tempo para pensar e muito menos encontrar como sair das malhas da MATRIX ou então como encontrar a saída da Caverna. Por desconhecer que o mito traz em seu interior o significado pertinente aqueles que continuam presos às sombras e permanecem na ignorância, nosso mundo continuará, por muito tempo, na situação em que estamos.

Mas, re-significar é preciso. O êxito ou não desse processo vai depender dos atores e fatores que serão alavancados para a construção de projetos sociais em que os humanos são a prioridade.

O fato é que nós estamos demorando demais para nos transformar em verdadeiros seres humanos e re-significar nossos valores, valores esses que não podem ser comprados por que não tem moeda que os pague.



DARCY ALDA BARROS (DABDEVI) possui graduação em Ciências Sociais e Jurídicas e pós-graduação em Teorias da História. Trabalhou em cursos de formação de docentes do ensino fundamental. É autora e co-autora de livros didáticos nas áreas de História e Geografia e contos infanto-juvenis. O fio condutor para a produção desses textos prioriza a sustentabilidade, considerando-se que este conceito restringe-se à sustentabilidade ambiental quando esta, na verdade, é produto da sustentabilidade social.

RESSIGNIFICANDO - SEMPRE!

MÔNICA MOREIRA

Ela é uma senhora no alto de seus mais de 75 anos, com dezenas de netos e acostumada com casa cheia, barulho de crianças, música, discussões acaloradas sobre futebol e política, todos ao redor da mesa para as refeições, sempre precedidas de oração e agradecimento a Deus pelo alimento e pela união da família.

É muito ativa, boa vizinha, excelente companhia para viagens e uma anfitriã digna de receber as tão desejadas cinco estrelas do mercado hoteleiro.

Ela é super tradicional, apegada às origens e aos hábitos da roça, de onde veio para criar a família em Brasília. Adora receber visitas e ninguém pode sair de sua casa sem ao menos provar o seu delicioso cafezinho, sempre acompanhado de um bolo fresquinho ou o já famoso pão de queijo. Quando eu falo ninguém, é ninguém mesmo! Desde a vizinha que rotineiramente aparece para rezarem juntas, ou os filhos, netos e quaisquer parentes que estejam passando por ali só para dar um “oi”, até a mais ilustre visita – pessoas que não eram recebidas na sua casa há anos! Todos, sem exceção, são recebidos com a alegria de quem gosta de estar ao lado de gente!

E o que falar dos domingos?

Domingo era dia de celebração! Sendo católica fervorosa, começava participando, com gratidão e alegria, da missa na igreja mais próxima de casa, onde ia caminhando e conversando animadamente com as vizinhas. No âmbito da igreja coordenava grupos de oração e fazia absoluta questão de participar de todas as iniciativas relacionadas aos princípios cristãos.

Domingo era dia de almoço em família. Era visível o seu prazer em preparar os pratos favoritos dos filhos. Poucas vezes ela se sentava para comer junto – seu tempo era dedicado a verificar se todos estavam comendo, se estava do agrado, se faltava algo. Era uma felicidade sem tamanho quando ela percebia que todos estavam satisfeitos (mas com aquele tempero seria impossível não ficar!).

Com a família enorme havia uma certa troca de turno, ou seja, quando os que participaram do almoço iam se despedindo já chegavam outros para a visita vespertina. Assim, enquanto a louça era lavada e a cozinha colocada em ordem, já se iniciavam os trabalhos para o famoso cafezinho da tarde! Mais uma vez, família feliz ao redor da mesa. Mais uma vez, a matriarca grata a Deus por permitir tamanha alegria que era estar junto aos seus! E assim, nessa dinâmica, os domingos se tornaram sinônimo de alegria e confraternização da família.

Durante o restante da semana o movimento na casa dela era menor devido às obrigações profissionais de cada um dos filhos, todos casados e ocupados com os afazeres relacionados aos cuidados exigidos de suas respectivas famílias. Os contatos, ao longo da semana, eram prioritariamente por meio do telefone. Havia uma certa liturgia na ligação telefônica porque nesta época todos tinham telefones fixos no trabalho e em casa. Logo, não se tinha o hábito de ligar a qualquer hora – o horário de almoço ou o final do expediente eram os horários escolhidos. De uma forma ou de outra, diariamente eram trocadas notícias dos filhos, dos pais e da família, no geral.

Nesta época, o tempo dedicado para assistir os programas de TV restringia-se exclusivamente à programação noturna da televisão aberta. Durante o dia, se envolvia com as tarefas domésticas e com sua rotina de orações. À noite, sentava-se ao lado do seu velho (como ela mesma gostava de se referir ao marido) para assistir ao jornal, embora ele preferisse ler o jornal impresso – sua ocupação dos domingos pela manhã, quando se sentava no sofá para folhear cuidadosa e detalhadamente cada página do jornal, marcando com a caneta o que lhe chamava a atenção para oportunamente mostrar e discutir com os filhos.

Com o avançar dos anos, os dois começaram a dar sinais do peso da idade, principalmente o seu amado velhinho já que era 13 anos mais velho que ela. Naturalmente começou um processo de mais visitas a médicos e hospitais porque a manutenção da saúde assim o exigia.

É curioso observar a dinâmica da vida: um dia você é o bebê, sendo cuidado pelos adultos, no dia seguinte você é o adulto que cuida dos seus próprios bebês e passando-se mais um tempo, você volta a ser o bebê sendo cuidado pelos seus filhos hoje adultos.

Viver é um processo de adaptação incrível! Maravilhoso!

O ano era 2005 e, salvo as várias adaptações que se impuseram na vida daquele casal adorável de velhinhos (ela a Maria, ele o José), seguiam a rotina de

encontro semanais com os filhos até que os problemas de saúde do marido exigiram um acompanhamento mais sistemático por parte de todos.

Devido à fragilidade de sua saúde e de acordo com o médico geriatra que o acompanhava, as pequenas internações tornaram-se rotina, pois mostraram ser a forma mais eficaz de tratamento. Em uma dessas ocasiões, quando José estava internado, ela sofreu uma queda e, devido à osteoporose, fraturou gravemente o fêmur, tendo sido necessário um procedimento cirúrgico de emergência.

Após quase um ano do ocorrido, foi necessária nova intervenção cirúrgica uma vez que a primeira não alcançou resultados satisfatórios (por todo este tempo sentia dores e não pôde voltar às suas tarefas de rotina, sendo amparada pelos filhos e por cuidados profissionais). Desta vez, os pinos e parafusos - frutos da primeira cirurgia, foram retirados e substituídos por uma prótese! Finalmente a dor cessou. Porém, sua nova condição a obrigou a usar um andador e tirou a sua autonomia para as tarefas domésticas.

Eram necessários cuidados especiais, mais atenção com hábitos alimentares, administração de medicamentos etc. A saída foi a contratação de uma pessoa para auxiliá-la – o que não foi tarefa fácil dada a resistência em ter alguém “de fora” em casa para assumir os cuidados com o seu velho e participar das tarefas domésticas até então especialidade e exclusividade sua.

Aos poucos a nova rotina foi se estabelecendo - houve um período que foram necessárias duas auxiliares: uma para os cuidados da casa e outra para tudo o que se relacionasse à saúde deles. Nesta fase, o uso do telefone era a principal via de comunicação com a família.

Aos poucos, os filhos foram se organizando e assumindo todas as obrigações dos pais. Desde o acompanhamento médico, os compromissos financeiros, até a orientação/coordenação dos trabalhos das pessoas contratadas.

Por muitos anos esta foi a rotina da família – os pais sendo cuidados durante o dia pelas auxiliares e cuidadoras e os filhos se alternando durante as noites para dormir na casa deles, fazendo-lhes companhia e não permitindo que em nenhum momento ficassem sozinhos – amor é o que resume a relação familiar.

Nos finais de semana e feriados, casa cheia com as visitas dos netos e demais membros da família!

No conceito de família é importante destacar que os amigos dos filhos e dos netos foram se juntando como se da família fossem – o que era uma alegria para o casal de velhinhos, que tanto ensinou o significado de acolhimento e empatia. Se

alguém morasse longe da família, era ali que encontrava abrigo, especialmente nas datas comemorativas. Quanta generosidade!!!

A família aprendeu, com as adversidades, a valorizar o convívio com os pais e demais familiares. A união entre os irmãos em torno dos pais idosos certamente tornou menos dolorosa a nova realidade deles que, além de necessitarem de consultas sistemáticas aos diversos especialistas, conviviam com severas restrições médicas e limitações no seu direito legítimo de ir e vir – dependiam de alguém para conduzi-los aos lugares que outrora fizeram parte das suas vidas.

Apesar disso, a narrativa do casal era de gratidão a Deus por terem tido tantos filhos e agora poderem ser cuidados por eles!!!

Em 2012, após várias internações e com 100 anos de idade, José faleceu!

A vida seguiu com menos cor, com aquela saudade que nos assola em vários momentos: em uma frase ou expressão que alguém usa, em um cheiro ou uma comida que ele gostava, em frases que pegamos emprestadas dele sem nos darmos conta. A vida seguiu sem que fiquemos, até hoje, um dia sequer sem lembrar dele: seu legado é grande e feito daquilo que o dinheiro não compra!

Diante da possibilidade de uma depressão ou até o desenvolvimento de síndrome de pânico, a família, mais uma vez, se uniu em torno da matriarca para minimizar a solidão. A morte separou o casal após mais de 60 anos de casamento.

A rotina, novamente, foi ajustada. Desta vez, as visitas ficaram mais constantes e a casa voltou a ficar cheia, com mais intensidade nos finais de semana e feriados, mas incluindo os demais dias da semana, na medida da disponibilidade dos filhos.

Várias foram as internações hospitalares de Maria, para cuidar dos problemas relacionados ao sistema respiratório: desde uma simples alergia até a mais severa asma – ainda assim, a velhinha jamais se viu sozinha – em nenhuma hipótese ficou hospitalizada contando somente com os profissionais de saúde. Sempre teve nas filhas suas aliadas e companheiras de todas as horas.

Eis que chega 2020 e com ele a temida, apesar de desconhecida, pandemia do Coronavírus. O medo da contaminação tomou conta da família.

Aos poucos, medidas de proteção foram sendo implementadas e a casa, sempre tão cheia de alegria, longas conversas ao redor da mesa, papos intermináveis nas tardes de domingo foi se esvaziando.

Afinal, os idosos eram a presa mais frágil dessa terrível doença!

Os primeiros a serem afastados do convívio foram os netos: a maioria tinha

contato com outras pessoas por necessidade de trabalho, estudo ou mesmo por sua condição de jovem. A avó sentia falta da presença deles.

Eles sentiam falta da avó, mas jamais a colocariam em risco!

A desinformação tomou conta do mundo!!!

A cada noticiário uma informação mais alarmante: a própria Organização Mundial da Saúde - OMS não conseguia controlar a onda de pânico que assolou o mundo a partir das milhares de mortes a cada dia!

No Brasil, a doença encontrou o ambiente propício para se alastrar: o sistema de saúde falido, incapaz de suportar o impacto da doença, os poucos e insuficientes profissionais assustados com a novidade, as pessoas preocupadas sem entender realmente a gravidade dessa emergência sanitária que recomendava ações para contenção da mobilidade social como isolamento e quarentena. Sem disponibilização de testagem em massa, o pânico foi se instalando, na mesma velocidade em que houve uma degradação da saúde mental das pessoas, especialmente aquelas confinadas por temor ao risco de adoecimento e morte.

Só se falava na “pandemia”, sem prestar atenção ao significado da palavra (que, na realidade, é usada quando a doença é espalhada geograficamente e não tem relação com sua gravidade). Muitos foram os erros de estratégia! Faltava conhecimento científico sobre a doença. A disseminação veloz aumentava as incertezas sobre como atuar no enfrentamento da epidemia mundial. No nosso país, a situação agravou-se devido, principalmente, à grande desigualdade social, onde muita gente vive precariamente sendo praticamente impossível se falar em isolamento pois as pessoas vivem em situação de aglomeração.

Muitas foram as fases de enfrentamento da doença, desde a suspensão das atividades escolares, proibição de eventos até medidas mais radicais de distanciamento social, de toda a população. Estas incertezas no panorama brasileiro foram impactadas pelas divergências entre os governos nos 3 níveis (municipal, estadual e federal) pois a discussão foi alçada à esfera política, trazendo sérios prejuízos ao processo. Constatou-se que os dados não eram, sequer, confiáveis. Imaginem as políticas públicas construídas a partir destes dados.

Imaginem o impacto disso na casa de uma idosa, cuja companhia mais constante nesta confusão e desencontro de informações era a TV aberta!

Aos poucos, até os programas de TV tiveram que passar por um filtro, pois os noticiários traziam informações (reais e fakes) alarmantes, trazendo angústia e medo à população.

A angústia provocada pelo isolamento foi agravada pela restrição aos meios de comunicação. Além de não receber muita gente em casa, já não se tinha condições psicológicas de assistir a programação sem que tivesse uma supervisão da cuidadora ou de quaisquer dos filhos.

Por outro lado, passada a fase do pânico, foi possível perceber que as medidas sanitárias não eram novidade (ou não deveriam ser). Era um reforço daquilo que já deveria ser hábito de todos: lavar as mãos, higienizar os ambientes, preferir janelas abertas a ar-condicionado, não aglomerar, especialmente com pessoas com as quais não se tem convívio, manter a casa limpa e arejada, enfim, o que pesou foi a forma com que esses cuidados foram sendo tratados, tanto pela mídia quanto pelas autoridades sanitárias.

A preocupação passou a ser com testagem, medicação e vacinação. Era uma crise sem precedentes. Como poupar a velhinha? O que fazer para melhorar sua qualidade de vida em meio a esta realidade? Como continuar com os cuidados médicos necessários sem submetê-la ao ambiente hospitalar, naquele momento totalmente insalubre?

Aderiu-se à “moda” das consultas online, das coletas laboratoriais em domicílio, da interação com os médicos com o uso do WhatsApp, foram adotadas todas as medidas possíveis para que a transição fosse tranquila. Mas tinha um aspecto sobre o qual não se tinha nenhum controle: o número de óbitos diários e a infelicidade de ver naquela estatística funesta amigos da família, vizinhos, paroquianos, gente próxima. Impossível não se abater. Impossível não se entregar à tristeza e à incerteza. Quando será que isso tudo vai acabar? Essa era a pergunta que ela sempre fazia e, nos momentos de maior tristeza, emendava com a afirmação de que se tratava do “fim dos tempos”!

Toda a rotina da família foi alterada e as recomendações foram seguidas ao pé da letra. A relação familiar foi resignificada sem a perda dos valores e princípios. É uma família grande e amorosa, que se manteve junta apesar do distanciamento. Todos unidos pelo propósito comum que é o amor incondicional uns pelos outros. Os conceitos foram todos revisitados o que possibilitou perceber o amor existente nesta relação e o quanto é importante o bem estar de cada um. O conceito de família, que é lugar de amor, porto seguro de nossas inseguranças, fonte inesgotável de forças nos momentos de fragilidade – base da construção do caráter de cada um de nós foi colocado à prova a cada atitude.

Aí veio o programa de vacinação com seu calendário de acordo com a idade.

Cada dose foi recebida como um momento de celebração, com a publicação nas redes sociais, comemoração e agradecimento a Deus pela oportunidade, reconhecendo o esforço hercúleo dos profissionais de saúde e destacando o Sistema Único de Saúde, que bem gerido tem tudo para ser destaque positivo do Brasil no cenário mundial (em alguma medida já o é).

Finalmente foi alcançado um nível de maturidade em relação à pandemia que permitiu relativa tranquilidade e confiança no que estava por vir. Finalmente as notícias eram de contenção da pandemia, apesar de aparecerem novas cepas. Finalmente as divergências políticas foram substituídas pela busca de soluções.

A nova rotina estava estabelecida, incluindo todas as recomendações sanitárias. As críticas, o medo e a descrença cederam lugar à esperança de dias melhores.

Essa pandemia permitiu ressignificar o olhar desta família sobre várias realidades: (1) a importância do apoio à pesquisa tecnológica, (2) a necessidade de apoiar e incentivar as carreiras relacionadas, (3) a empatia como forma de se relacionar com o próximo, (4) o papel fundamental da família na formação de cidadãos, (5) o verdadeiro conceito de solidariedade - que vai além do que está escrito nos dicionários formais, (6) o poder da mídia e a necessidade de desenvolver uma análise crítica sobre as publicações, nem sempre oportunas, nem sempre verdadeiras, (7) a atenção, que deve ser dispensada, aos hábitos básicos os quais se negligenciados ao longo da vida trazem vulnerabilidade diante de enfermidades, (8) a descoberta de novas formas de atuação profissional, com economia de meios e possibilidade de melhor qualidade de vida aos trabalhadores, (9) a criatividade como ferramenta para evitar o aumento do desemprego, (10) atenção às necessidades das pessoas vulneráveis, especialmente as idosas, etc, etc, etc.

Foram tantas as lições e tantos os ajustes realizados a partir da pandemia. Analisando melhor, pode-se concluir que vários ajustes se aplicam a outras situações e, por este motivo, não serão retirados da rotina.

Felizmente, apesar de alguns familiares terem contraído a doença, a família não perdeu ninguém vítima do Covid. A perda foi de amigos, colegas de trabalho e vizinhos – o que não deixa de ser lamentável.

Maria faleceu em fevereiro de 2021, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral – AVC, aos 96 anos.

Hoje a família vive de saudades, mas continua cuidando uns dos outros - prática que foi intensificada desde o início da pandemia e que não será

descontinuada nesta família de amor.



MÔNICA MARIA MENDES MOREIRA (MÔNICA MOREIRA) é contadora, com MBA em Finanças. Após encerrar sua carreira no setor público, tem se dedicado a escrever um livro de memórias dos pais. No *Instagram* @monicaquatroemes compartilha reflexões a partir de sua visão de mundo. Prefere gente a coisas! Atua em ações sociais e preza pelos valores cristãos. Está sempre com a família e os amigos. Gosta de viagens, gastronomia, vinhos, arte e música. Está disponível para contato por *e-mail* moreira.monicamm@gmail.com para projetos que possibilitem partilhar experiências.

DESPEDIDAS

SANDRA KOELLING

Aquele domingo poderia ter sido mais um domingo como outro qualquer, mais um domingo de descanso das atividades rotineiras da semana. Enfim, seria mais um domingo qualquer, como os domingos que antecederam o anúncio do vírus da Covid, pois durante a pandemia domingos e dias da semana passavam-se num único cenário, o que causava uma certa confusão mental quanto ao que era trabalho e o que era descanso. Quando deixamos de usar máscaras e retomamos os locais de trabalho, eles passaram a ser como antes. Mas aquele não foi um domingo qualquer.

Primeiro, porque nunca saio no domingo pela manhã. O pão sempre está me esperando em casa, na prateleira da cozinha, e naquele domingo teria que buscá-lo. Pensei: não se fazem mais pães como antigamente, pães fiéis que nos aguardam para serem suavemente digeridos.

Então, num gesto de bravura extrema, saí para buscá-lo imaginando que seria uma ida como outra qualquer à padaria. Ao virar a esquina da minha casa, poucos metros após a curva, percebo algo movimentando-se. Eram asas no chão do asfalto. Ao me aproximar um pouco mais, outro de sua espécie pousa ao seu lado como numa tentativa de socorrê-lo, tirá-lo daquele lugar ou simplesmente perguntar: “o que foi, amigo”?

Não pensei por mais do que um milésimo de segundo. Olhei pelo retrovisor. Parei o carro e pedi licença ao seu companheiro para levá-lo até onde nenhum outro veículo pudesse concluir o trabalho feito pelo anterior que havia passado. Peguei-o em uma das mãos. O coração galopava em seu pequeno peito. Deitei-o na grama existente ao lado da rodovia, mas não me dei por satisfeita. Algum outro animal poderia encontrá-lo e ele seria uma presa fácil. Agora já estava tocada.

Levá-lo comigo até a padaria e depois para minha casa junto com o pão. Era o melhor a fazer por aquele ser indefeso. Durante o trajeto, o diálogo foi cheio de afeto. Seu olhar foi se transformando enquanto pronunciava palavras que pareciam ser

compreendidas por aquele pequeno ser.

O pão era uma desculpa, confesso, para sair de casa cedo. Já tinha evitado contato com meu marido na noite anterior, com alguma daquelas justificativas que as mulheres usam quando estão sem tesão, ou simplesmente sem paciência. Estávamos casados há 9 anos, passando por uma crise. Mais uma no caso. Minha irmã, que era casada há 16 anos, me disse certa vez que todo casamento passava por uma crise aos 7 anos, mas o meu já havia passado por umas três crises antes mesmo das bodas de estanho.

Bodas de ouro, bodas de prata, comemorações de origem germânica que remontam à idade média e que eram comuns enquanto a instituição do casamento era indissolúvel. A instituição do divórcio como direito aconteceu apenas em 1977 no Brasil. Assim, caso a convivência fosse insuportável, poderia um dos cônjuges pedir o 'desquite'. Se você não conhece o termo, pertence a uma geração que desconhece o ônus da separação para a mulher. A lei foi objeto de muita polêmica devido aos padrões religiosos que pairavam na sociedade. Na época, poucas eram as que conseguiam escapar da dominação do homem, devido muito à dependência econômica, mas também graças à intolerância e preconceitos que as mulheres separadas sofriam (e sofreram por muitas décadas) na sociedade patriarcal brasileira. Pensei na possibilidade de uma separação. A lei me garantia esse direito. Mais de 40 anos se passaram desde que ela foi instituída. Eu também tinha mais de 40 anos. O que me prendia então?

Há algumas espécies na natureza que estabelecem a monogamia. Quanto aos mamíferos, estima-se que apenas 5% sejam monogâmicos. O gibão, por exemplo, que é uma espécie de primata, divide com a fêmea as tarefas diárias, alimentando e protegendo os filhotes. Adentrando no mundo das aves, os casais de araras-vermelhas-pequenas, também chamadas de araracangas, podem passar a vida inteira juntos. É comum avistarmos essas espécies trocando carinhos e compartilhando a tarefa de cuidar de seus filhotes com penas.

Dez anos de casamento parecem uma eternidade. Para que comemorar as chamadas bodas de estanho? Sais desse elemento químico, como o SnCl_2 , são empregados nos laboratórios como agentes redutores de reações químicas. Talvez por isso, uma década de casamento seja representada pelo metal. Que reações químicas podem existir depois de 3.640 dias juntos, sem contar os anos bissextos?

Outra característica desse elemento químico com brilho prateado é sua flexibilidade. O estanho é um metal que pode ser facilmente maleável. Perguntei-me se

hoje, com 45 anos, ainda tenho essa habilidade toda, mesmo sendo uma praticante de yoga, de ser flexível como o estanho.

Não é por menos que as bodas de estanho são uma das mais comemoradas pelos casais. Quem hoje em dia consegue suportar 25 anos de matrimônio? Cinquenta então é para super-heróis da Marvel. Imagine a Arlequina preparando o café para o Coringa, após 10 anos de relacionamento, com suas brincadeiras sádicas e comportamentos doentios. Ela senta à sua frente com aquele sorriso irônico. *“Eununca vou entender por que o Super-Homem Veste A Mesma roupa todos os dias”*. Coringa em silêncio serve uma xícara de café e parece nem reparar em suas palavras. E ela continua: *“Oh, Pudinzinho! Você não vai querer acelerar a sua Harley hoje? Vroom Vroom!”*. Ele levanta levemente o olhar. E por fim declara: *Nunca mais! Acabou a obsessão, acabou a loucura, acabou o Coringa!*

Cheguei em casa com o pão nosso de cada dia em uma das mãos e o meu mais novo companheiro na outra. Percebi pelo toque em seu peito que já estava mais tranquilo, mas as pernas não se mexiam. Onde poderia deixá-lo. Sobre a mesa da cozinha seria presa fácil para a outra espécie que convivia comigo a nove anos, uma gata tigrada que em seu território não se submetia ao nosso boxer, o Paco. Deixei a cozinha onde o aroma do café passado já estava perfumando o ambiente e fui até os fundos de casa. Havia uma árvore onde instalei certa vez uma casinha para canarinhos e tico-ticos. Iria deixá-lo à sombra da aroeira, mas se um lagarto ou uma cobra, animais comuns na região, o encontrasse ali indefeso? Estava imobilizado por um trauma físico ou até pelo susto do acidente.

Contudo, meu desejo não era prendê-lo, muito menos colocá-lo numa gaiola para que fosse apreciado. Espécies companheiras, para demonstrar seu afeto, precisam de liberdade. Devem permanecer por perto pelo desejo de sua companhia, não como prisioneiros de masmorras. Quando alguém passa a te aprisionar ou até mesmo o hábito te conduz a permanecer no cativeiro, você não ama mais, o outro não ama mais. Chamar de amor o medo de ficar só ou estar confortável soa-me um tanto incoerente.

O meu amigo voador que o diga. Ele permaneceu comigo por aproximadamente uma hora até que chegou o momento da despedida. Tocamos um ao outro com a pele, as penas, o olhar e o afeto. Aquele domingo foi transformador para ambos, para mim e para ele. Aquele domingo que poderia ter sido um domingo qualquer, mostrou-me que a vida é surpreendente, mesmo quando desejamos apenas ir à padaria. Aquele domingo devolveu a ele a vida e a mim também. Eu era aquele pássaro paralisado, tentando sair do chão do asfalto.

Voa, querido, voa para onde tuas asas puderem tocar o perfume do vento. Voa, vai sentir novamente o aroma do céu.



SANDRA BEATRIZ KOELLING (SANDRA KOELLING) é professora do IFSC Câmpus Garopaba desde 2013 e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS. Atualmente compartilha narrativas em seu blog “Escrevendo histórias: reflexões e conexões”.

RITA

LUÍSA NOGUEIRA

“É hoje que vou conhecer e abraçar o grupo. E participar.” Rita pensava enquanto se arrumava diante do espelho. Seu vestido, comprado especialmente para a ocasião, lhe caiu bem. Passou as mãos pelo corpo, olhando-se. “Até pareço mais jovem”, disse a si mesma, emocionada. Com um gesto rápido retocou o batom. Os brincos balançaram, dando um ar de graça ao movimento. Lembrou-se de Pedro. Ele gostava desses brincos justamente porque balançavam. Passou levemente o anelar no batom para com ele dar um ligeiro rosado nas bochechas. Era assim que fazia antes.

Foi para a sala esperar o casal amigo que a acompanharia e, pensativa, sentou-se no sofá. As recordações chegaram rápido, mesclando as lembranças boas com os dias mais tristes de sua vida. A imagem de sua filha caçula, naquela mesma sala, tão feliz, tornou-se quase real. Nara contava, maravilhada, a primeira vez que viu o mar. Foi durante sua lua-de-mel em uma cidade litorânea brasileira. "Minha filha estava contente, fazia planos para outras viagens, sem saber que cinco anos depois estaríamos nesta mesma sala, desesperadas". Uma lágrima rolou pela face de Rita. Viu Pedro no hospital, com Covid-19. Ela e sua filha Nara abraçadas, chorando, sem poder vê-lo. Pensar que aqueles dias foram só o início de algo nunca imaginado, fez o corpo de Rita tremer. Lágrimas caíam. Quis gritar, chorar alto, rasgar a roupa nova.

A campainha tocou. Rita assustou-se. Lembrou-se do combinado e tentou se acalmar. Enxugou as lágrimas e foi abrir a porta. Pediu um minuto para tomar água. Os amigos notaram a tristeza em seu rosto e a abraçaram.

Sim, Rita passou por momentos não desejados por ninguém, os piores dias de sua vida. Rita e Pedro estavam juntos há 39 anos. Há algo pior do que não poder acompanhar o amor de sua vida, quando ele mais precisa de apoio, de consolo, de carinho? É um sofrimento sem tamanho, tanto para quem está internado nessas condições, quanto para os familiares. Mas para Rita foi ainda pior, seu calvário

estava apenas começando.

Rita teve duas filhas, Carla e Nara. Nara era sua filha caçula, temporona. Nasceu quando Carla já tinha 15 anos.

Carla casou-se e foi morar com o marido em um país próximo, onde ele trabalhava. Todos os anos ela vinha visitar seus pais. Em uma dessas viagens, aconteceu um acidente com o avião onde ela estava. Deixou dois filhos, netos queridos de Rita. Eles foram criados com a avó paterna, em uma cidade distante.

Todos de sua casa tinham ido àquele restaurante; portanto, deveriam fazer o teste do coronavírus. Alguns dias depois receberam a notícia. Ela e a filha estavam também contaminadas com o vírus. Por sorte, o resultado do teste de seu genro foi negativo, ele cuidaria das duas. Resolveram ficar juntas, isoladas, na casa de Rita. Ela não teve muitos sintomas, uma semana com dor no corpo e logo recuperada. Massua filha precisou ser internada. Ficou no mesmo hospital onde estava seu pai. Ele só piorando, já entubado. Rita, acompanhada de seu genro, ia cedo ao hospital, todos os dias. Eles ficavam na porta, não podiam entrar.

Nara não resistiu. Sua filha amada morta com apenas 25 anos e o marido em estado gravíssimo. Ele faleceu horas depois da filha, como querendo acompanhá-la na viagem desconhecida. Apesar de todas as recomendações contrárias, principalmente por Rita já estar com 64 anos, ela e o genro acompanharam os corpos até o cemitério. Caixões fechados, lacrados. Queriam ficar lá, naquele lugar frio, cheio de covas feitas às pressas. Foi doloroso o retorno para casa. Sabiam que nunca mais veriam Nara e Pedro.

O ano de 2020, trágico na vida de milhões de pessoas, desencadeou pelo mundo uma onda de depressão grave. Rita, abalada e ferida, acordava e dormia em lágrimas. Sua família fazia de tudo para distraí-la, mas nada conseguia trazer nem um leve sorriso ao seu rosto cansado. Chegou em 2021 como uma sonâmbula. Queriamorrer, não aguentava mais conviver com as lembranças. “Como posso viver sem minha filha? Pra que acordar sem estar ao lado de Pedro?” Queria estar com eles, abraçá-los, trazê-los de volta. Sabia que isso seria impossível; logo, “pra que viver?” era sua indagação constante. Por indicação do médico que a acompanhava nos últimos meses, uma psicóloga ia vê-la duas vezes por semana. No início, arredia, não queria receber ninguém. A paciência de sua irmã mais nova, também viúva, que veio ficar com ela, foi o que salvou Rita de não pôr fim à própria vida. Corpo forte, mas nessa altura tão fragilizado quanto sua alma. Mais de um ano depois do ocorrido, Daniela, sua psicóloga, notou uma ligeira melhora ao ouvir Rita comentar sobre o

barulho das máquinas da reforma de um prédio vizinho. A terapeuta viu aí um sinal, sua paciente começava a ouvir o mundo exterior, era uma porta que se abria. Dias depois ela lhe trouxe um caderno com dois lápis e uma borracha. Disse:

- Rita, quando você sentir vontade, escreva. Coloque no papel seus sentimentos, suas dores, seus desejos.

Uma manhã, Rita enxergou os raios de sol, vindos de sua janela, bem em cima do caderno esquecido na mesinha de cabeceira, onde Daniela o deixara. Só então notou a cor da capa, "azul da cor do céu", pensou. Ela o abriu e começou a rabiscar. Não sabia bem o que significavam os traços que desenhava. Passava quase inconsciente o lápis no papel. Viu que os riscos formavam desenhos de flores. Florese folhas. Escreveu embaixo, interrogativa: "Como anda meu jardim?"

Nos dias seguintes, continuou com os desenhos. De repente, sentiu vontade de sair. Queria ver as plantas de seu quintal, cheirar as flores, sentir o sol em seu corpo e respirar o ar puro do jardim.

Pouco a pouco seu semblante suaviza, dando lugar a esboços de sorrisos. Como nas páginas desenhadas, as flores brotam em seu rosto, ela sente a vida voltar.

Rita, antes de se casar, era secretária de uma grande empresa. Abandonou tudo para, como dizia, ser "uma boa dona de casa". No início sentiu falta da rotina do trabalho, mas a vida de recém-casada e os muitos passeios a dois compensavam, ela pensava. Quando Carla nasceu, não teve mais tempo para pensar em sua vida de solteira.

Com o incentivo da psicóloga, Rita retornou a escrita de um blog criado em seu tempo de estudante. "Para reviver minha vida de antes", falava para ela mesma. Deixou o blog no privado, seria sua terapia. Lia e escrevia para recordar. A veia poética de seu tempo de faculdade reapareceu. Entre textos saudosos, fazia, vez ou outra, algum poema. Um dia mostrou um deles para Daniela, que logo depois a colocou em um grupo on-line de pessoas com mais de cinquenta anos, chamado "Escrevo e interajo". Criado como apoio às pessoas que tinham perdido familiares durante a maior crise sanitária mundial, a pandemia, o grupo se firmava por auxiliare incentivar o retorno à vida. Gostou da proposta do grupo, das pessoas, fez amizades, comentava os textos colocados no grupo e postava seus poemas, sempre elogiados. Marcavam encontros virtuais, falavam de suas dores, de seus lutos e como adquiriram forças para continuar, apesar da saudade dos familiares e dos amigos que se foram.

Com a chegada das vacinas, pessoas moradoras de uma mesma cidade

decidiram fazer reuniões presenciais. Benditas vacinas! Já podiam, com cautela, saírem do isolamento voluntário. Uma trégua boa na quarentena prolongada.

- Quem sabe um dia, lá na frente, a gente se encontre com todos, alguém do grupo falou, cheio de esperança.

O grupo virtual, uma ponte de ligação entre todos, era um incentivo para a amizade, para a troca de experiências e o encontro de objetivos para uma vida plena. Cada participante escrevia a seu modo, incentivado por todos. Mostravam o que faziam em casa, além da escrita. Caminhadas, alguns em academias, filmes e séries, programas de televisão, passeios. A célebre frase de origem latina “Mente sã em corpo sã”, tornou-se o lema do grupo.

Além dos encontros virtuais, Rita participava das reuniões presenciais. Depois do primeiro encontro, levada pelo casal amigo, Rita participou de todas as outras reuniões mensais; elas lhe faziam um bem enorme. Ela ainda se lembra do poema que recitou para o grupo, naquele dia. Um verso dizia: "Ter amigos é ter o universo dentro de nós".

Rita agradecia o apoio recebido, postava seus textos, saudosos e esperançosos, com o coração leve, sabendo que não estaria mais só, que nosso caminho por este mundo por vezes tão incompreensível, tem espaço para outras pessoas. Podemos caminhar de mãos dadas, amparando uns aos outros nos tropeços ao longo da estrada. Postou no grupo: “Nossos entes queridos, desaparecidos em corpo, continuam conosco. Em pensamentos, em nossas preces e em nossos corações. Para todo o sempre.”

Uma nova fase começa na vida de Rita. Ela quer se sentir útil, ser útil. Um de seus interesses, compartilhado outrora com Nara, era sobre o aquecimento global. Elas faziam o que toda pessoa consciente faz em relação ao não desperdício de alimentos, de economia de água, de energia. Reaproveitavam embalagens, adquiriam o mínimo necessário, suas roupas, quase todas, eram compradas em brechós.

Rita agora quer fazer mais, muito mais. Ela tem consciência do impacto negativo causado ao meio ambiente com a desigualdade social. Pesquisa sobre os meios de vida das pessoas ao redor do mundo, a pobreza extrema de milhões de famílias, a miséria, a fome. Lê sobre a destruição da natureza através da contaminação do solo, do desmatamento e das queimadas de florestas, da poluição dos rios e mares. Ela também sabe que a Terra pode sobreviver sem nós e, portanto, pode nos expulsar através de pandemias e outras catástrofes. Sim, a Terra pode não

querer mais conviver com seres que a destroem. Indaga: “Como despertar o amor à Terra? Como sensibilizar mais pessoas sobre os problemas ambientais?”

Muitas pessoas do grupo de amigos compartilham seu desejo por um mundo melhor. Sabem que a Terra é a nossa casa. Sabem que a destruição da Terra é a nossa própria destruição.

Rita vê o desafio à sua frente e vai enfrentá-lo. Lê e discute com os amigos sobre os venenos jogados na terra e retornados a nós através das frutas, dos legumes, das verduras e demais alimentos de nossa mesa. Rita lutou por sua sobrevivência sem Nara e Pedro, filha e companheiro, partes de si mesma. Rita agora luta por uma vida mais saudável para todos.

Rita vê, claramente, que faz parte do lugar onde vive e quer abraçá-lo. Agradece a Daniela por tê-la colocado no grupo e tem gratidão ao apoio recebido de sua irmã e de seus amigos. Sua visão de mundo mudou, seus objetivos ficaram mais claros, abrindo horizontes e dando um novo sentido à sua vida. Rita segue sem medos de ser novamente feliz!



MARIA LUIZA COSTA NOGUEIRA (LUÍSA NOGUEIRA) é professora, blogueira, artesã e fotógrafa amadora. É licenciada em Letras (PUC-GO) e fez Linguística Aplicada na Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III, além de cursos de extensão em linguística, línguas e jornalismo digital, entre outros. Livros: *Acalanto: Sou pássaro e poesia* (2018); *Letras Falam: Poemas* (2019); *Balbúrdias na Quarentena* (2021). Seus amores são sua filha, família e amigos. É apaixonada por fotografia e artesanato.

Blog: Multivias: <

<https://www.luisanogueiraautora.com.br>>

POR UM POUCO MAIS DE ÁGUA NO FEIJÃO

RODRIGO CELESTINO ROCHA

A casa nunca havia estado tão cheia. Ao menos, não da maneira como sua lembrança, já um tanto quanto comprometida, lhe permitia recordar. E ainda por cima não parava de chegar gente. Gente que não via há muito tempo. Familiares distantes, que viviam em outros Estados, pessoas das quais somente se recordava da época de criança. Como sentia prazer em rever rostos tão queridos. Seres que tinham grande importância em sua vida. O Sol estava a pino num céu azul e sem nuvens. Domingo de manhã, em pleno mês de setembro. Calor! Muito calor!

No grande quintal, debaixo do pé de manga, cadeiras e mesas de metal espalhadas e muito bate-papo. A conversa rolava de maneira extremamente animada. Como sempre, tinham aqueles parentes que adoravam falar mais alto pra chamar a atenção. Os mais idosos, acomodados debaixo da grande árvore, tentavam usufruir da aconchegante sombra que aliviava um pouco a alta temperatura. Os mais jovens, circulavam pelo quintal conversando, sorrindo, e se divertindo. Muita comida e bebida.

Na área em frente a cozinha, junto ao fogão de lenha, tia Noca como sempre, com um largo sorriso no rosto, deliciava-se com a prosa enquanto com uma grande colher de madeira, mexia e remexia na imensa panela de ferro, lotada de feijão-tropeiro. Um pouco mais ao lado, seu marido, o velho tio Dirceu, segurando um copo de caipirinha em uma das mãos, abanava a churrasqueira enquanto conversava, alegremente, com um de seus filhos, Pedro, que acabara de retornar do exterior. Ao ver aquela cena, lembrou-se imediatamente da primeira vez que viu o mar quando, aos treze anos de idade, teve a oportunidade de conhecer a casa daqueles tão estimados parentes no Rio de Janeiro. Como sentia-se contente! Pessoas da mais alta estima ali, juntas e felizes.

Uma cervejinha pra refrescar. Senta-se ao lado de sua bisavó, Dona Valdetina. Noventa e oito anos de pura paciência e sabedoria vinda diretamente de Faria Lemos,

uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. Quanta saudade sente naquele instante. Sua primeira viagem na vida, aos sete anos, havia sido para a casa desta bisavó, naquela região. O gosto do biscoito frito da vizinha de Dona Valdetina, a quase parente, Geralda, lhe vem instantaneamente à boca. Lembrança viva de momentos marcantes. Nélio, o sapateiro vereador desta mesma cidade, marido de Geralda, também é presença fundamental no encontro. Com sua perna de pau e sua bengala, herança maldita adquirida em um acidente quando era motorista de caminhão, contava piadas sem parar. Retrato fiel de sua personalidade alegre e contagiante.

Primos e primas, alguns já adultos, com seus filhos, outros ainda jovens, espalhavam-se por todo o quintal. Quanto tempo não os via? Quanto tempo não se falavam? Para em um canto por um momento. Um gole e um pensamento:

– Como o tempo voa!?!...

Mal tem tempo de refletir sobre esta questão e gritos de saudação são ouvidos do portão. A atenção de todos volta-se para a chegada de um novo casal. Seus afilhados, Ângelo e Sofia, com sua recém-nascida filha, Carol, se apresentam sorridentes e orgulhosos. Muitos vão até o portão para recepcioná-los. Beijos, abraços, gritos, sorrisos, todo tipo de manifestação de carinho é o que se presencia naquele momento. O quintal é a própria visão do Paraíso. Paz, harmonia e felicidade transbordam naquele lugar. Encontro de gerações que o tempo havia distanciado e que agora uniam-se novamente.

Observa silenciosamente toda a movimentação. Por um instante, seus olhos lacrimejam. É a emoção da cena que lhe toma a alma. Mas o dia é de felicidade. Nada como um bom pedaço de cupim assado pra desfazer o nó na garganta provocado pelo choro contido. Que cheiro bom! Que gosto delicioso! Tudo o que permeia aquele momento lhe desperta, lhe aguça os sentidos de uma maneira surreal. É tudo tão vivo! Tão fluido! Tão lindo!

O filme de sua vida está ali. Sendo exibido ao vivo e em cores, bem à sua frente. Tão nítido, tão palpável, como se pudesse adentrar na tela do cinema e participar da história em tempo real.

Coloca-se, sob a sombra da frondosa mangueira, uma grande mesa de madeira a fim de que nela, sirva-se o almoço. Panelas e mais panelas com diversos tipos de comida, pratos, talheres, copos, garrafas, tudo é posto e tudo, finalmente, está pronto.

– Sentem-se meu povo! – diz seu avô José, patriarca da família e dono da bela

casa. Todos se ajeitam como podem. À mesa, os adultos. Pelos cantos, com pratos nas mãos, os mais jovens e as crianças. Tia Aparecida, filha mais velha da vó Maria, esposa do avô José, puxa uma serena oração em agradecimento pelo tão esperado encontro da família.

– Bora atacar! – diz em tom de brincadeira o tio Érico, como sempre fanfarrão, logo após encerrada a oração.

Todos comem, bebem, brincam e conversam de maneira tão descontraída e harmoniosa que, observando de longe, nota que parece estarem posando, propositalmente, para que daquele momento, daquela imagem, seja criada uma fantástica pintura tal qual “A Última Ceia”, de Da Vinci.

Após o almoço, percebe uma abrupta mudança no tempo. Enquanto todos permanecem conversando, ainda à mesa, nuvens surgem repentinamente, trazidas por uma forte ventania.

Alguns, incomodados com o forte vento que lhes bagunça os cabelos e faz voar os guardanapos de papel, levantam-se e, sem se despedir, começam a ir embora. Outros, mais insistentes e resistentes, permanecem sob a grande árvore tentando, mesmo incomodados, ainda continuar ali, junto de seus entes queridos.

Nesse instante o quintal já não é mais o mesmo. Em meio a grama, vários objetos jogados pelo chão. Muita bagunça e sujeira. Molda-se no céu uma grande e imponente tempestade. Nuvens negras evoluem, dançam sob sua cabeça, como um exército em plena formação para o ataque. Nota que de maneira lenta, serena e silenciosa, as pessoas desistem da continuidade do encontro e resolvem sair pelo portão. Percebe-se então só. Contudo, em seu íntimo, sente-se feliz.

Com sucesso, é realizada sua extubação.



RODRIGO CELESTINO ROCHA (EREMITA) Nascido em 1975, é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Roteirista, poeta, produtor e músico, é autor de vários contos, poesias e roteiros audiovisuais, tais como: “Ser Brasileiro”, “Geração Índigo” e “Menino”. Dentre suas mais recentes publicações estão: “Olho Mágico”, no livro *Transição e Silêncios*, da Assis Editora; “Espelho”, na *Coletânea Microcontos 2022* - Editora Toma Aí Um Poema; e “Máquina do Tempo”, no livro *Cada Palavra Conta* - Editora 3 Serpentes.

O AMOR NOS TEMPOS DO CORONA

NANKUPÉ TUPINAMBÁ FULKAXÓ/JOSIVAL MOREIRA DE SOUZA

Como será que o velho Gabo na sua genialidade retrataria essa história?

Para quem teve a oportunidade de ler (nunca é tarde), *O amor nos tempos do cólera* nos traz as recordações de uma vida, de um amor, do amor de Florentino Ariza por Fermina Daza, o amor que superou o tempo e a distância.

O amor que fez sofrer como um homem apaixonado deve sofrer...

E agora?

Nesses tempos de isolamento, como o amor se faz presente?

Talvez quando alguém te liga e só fala oi.

Talvez essa seja a maior demonstração de amor possível.

Alguém te ligou?

Alguém te falou oi?

Você só saberá, só sentirá, quando sentir que alguém se preocupa minimamente com você. Nesses tempos, talvez amar seja ficar longe, mas ficar longe não significa, não saber, não falar, não se importar, pode-se ficar perto de longe, sabia?

O isolamento é físico, apenas físico.

Vemos pessoas em pânico, preocupadas apenas em se resguardar, em sobreviver ao caos, a não se contaminar, em acumular seus recursos materiais e financeiros, pensando nos dias difíceis que estão por vir.

E o amor?

Onde está o amor?

Você saberá quem te ama de verdade agora.

Amor é mais que discurso, amor aciona, se preocupa, liga, compartilha, divide, se entrega.

Alguém perguntou como está sua cabeça, como você se sente, se está com medo?

Você se preocupou com o que os outros tem nas suas dispensas?

Você é capaz de dividir o que tem, ainda que não tenha muito?

Você se ligou que existem milhares de pessoas vulneráveis a essa situação?

Você está disposto a cuidar do outro, caso ele se contamine?

Acho que a grande maioria não!

Estamos vendo essa grande maioria cuidando apenas de si mesmo, preocupados com a economia, com as empresas que vão quebrar, em manter seu emprego, se vai ou não receber seu salário, se vai ou não manter seu poder de compra, seu status social.

Vemos discursos que falam de vidas com banalidade, dizem que morrerão milhares, mas que é preciso manter a economia saudável, como assim?

Vão comer dinheiro?

O que nos mostra os tempos do corona?

O que revela essa pandemia?

Alteridade?

Cadê as famílias?

Família são aqueles que te acolhem sempre independente de qualquer situação, estão com você, não te deixam pra traz, se preocupam, estão dispostos a sacrifícios por você, ligam, querem saber, estão perto ainda que longe, ajudam, se unem até mesmo quando estão afastados, isolados, impedidos.

Se você tem isso, ponha as mãos para o céu e agradeça, porque você é privilegiado, porque você é amado.

O amor nos tempos do corona, talvez seja um dia relatado como o desamor que provocou o surgimento do corona.

A falta do amor pelo belo, pela natureza, pelos animais, pelo divino, pelo homem do próprio homem.

A cura?

A cura está em cada consciência, na necessidade de se dar, de amar verdadeiramente, de acolher, de sofrer, de agir...

O amor nos tempos do corona.

É a cura para o próprio mal.

YETÇÁUCÁ!!!



NANKUPÉ TUPINAMBÁ FULKAXÓ/JOSIVAL MOREIRA DE SOUZA é indígena da etnia Tupinambá e também Fulkaxó. É liderança da aldeia indígena Tekoá Portal Tupinambá em Massarandupió, Entre Rios - BA. Jornalista, escritor, graduando em Filosofia na Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e mestrando em história (Educação Africana, Povos Indígenas e Culturas Negras) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Voluntário e Ativista do *Greenpeace* Brasil, ISA - Instituto Socioambiental, 342 Amazônia e Anistia Internacional. É militante e ativista nas lutas em defesa das causas indígenas, do meio ambiente e dos direitos humanos tendo como base do seu ativismo a literatura indígena.

MAIS CORES, POR FAVOR.

CIDINHA RIBEIRO

Havia uma quase desistência pairando no ar.

Muitas vezes o silêncio foi quebrado pela música. O artista tocava seu violino às 18h. Ele chegava à varanda diariamente, pontualmente, inexoravelmente. De tantas outras varandas, brotavam ouvintes. Tristemente, religiosamente. Olhavam a ruavazia. Nenhum carro, nenhuma viva alma.

A Ave-Maria saía lacrimejante das cordas movidas pelas mãos tornadas instrumentos de consolo. O som tocava fundo os ameaçados pela morte. Alguns ressuscitados imaginavam se chegando ao céu, ainda duvidando da própria vida retirada a fórceps daqueles tentáculos. Outros choravam pelos que não puderam se salvar.

Criava-se sintonia em torno do Ângelus. Feito espíritos prestes a deixar seus corpos, os vizinhos encontravam-se a caminho do Éden. Beiravam a salvação. A morte rondava, à espera do descuido. Os marcados para morrer pressentiam as estratégias de aproximação, sentiam o cheiro de rosas murchas. Amanhã ou depois de amanhã. Semana que vem talvez, quando o vírus perseguisse outras vítimas.

A morte desfez-se de sua característica de algo distante e abstrato. Apoderou-se da concretude. Podia ser tocada no supermercado, no elevador, no ônibus, na padaria, no metrô, na consulta médica. Ela chegava pelas gotículas de saliva, pelos pacotes das compras, pelas solas dos sapatos. Não havia onde se esconder dela.

— Todos serão contaminados — diziam os fatalistas. — Os prevenidos serão poupados — diziam os otimistas. Enquanto isso, conhecidos e estranhos, parentes e amigos perdiam suas vidas em corredores compridos, em leitos, na porta de hospitais. O ar lhes faltava, a voz lhes escapava na tentativa do último recado, da despedida.

Conceição chegava à varanda carregando o gato. Ele se incomodava com a mudança de ambiente e miava. A dona o calava à custa de petiscos trazidos com esse fim. O bichano comia o agrado no chão porque as mãos de sua dona se uniam, dedos

encostados um no outro.

As palmas das mãos de Conceição ajuntavam-se herméticas durante alguns segundos. Mas, logo depois, os dedos se descuidavam e permaneciam unidos apenas nas pontas ressentidas pela falta do esmalte colorido nas unhas. Separavam-se, encurvados, formando um túnel, como se estivessem cansados da posição e relaxassem.

As palmas das mãos desuniam-se porque Conceição se distraía. Viajava sem sair dali. Ela também fazia o caminho dos que morrem. Voava sem asas para as nuvens. Tudo era novo e ameaçador. Ela não sabia o que haveria de encontrar, mas sabia de um pouso ao fim da viagem.

Conceição acompanhava o noticiário. As vítimas fatais da doença perdiam a humanidade. Tornavam-se números, estatísticas, corpos depositados na prensa em covas sequenciais, abertas com urgência, dia e noite, sem descanso, perdida a esperança na vacina encomendada para um dia – depois de longa negociação, de selecionados os voluntários, feito o último teste, comprovada a eficácia, entregues todas as encomendas.

Enquanto isso, Conceição amargava o medo. Ela não tinha família numerosa. Havia um tio com mulher e filhos, moradores em outro estado, distante do seu. Antes de morrer, a mãe lhe contou sobre uns primos, filhos da tia Zefa, falecida há muitos anos. Eram agricultores e plantavam morangos. Foram-se numa leva de retirantes e apagaram-se suas pegadas. Perdeu-se o fio de ligação entre partes disjuntas.

— Se eu ficar isolada em uma UTI, a quem entregarei os cuidados de meu gato? Quem molhará minhas plantas duas vezes por semana? Quem abrirá meu guarda-roupa à procura de mofo, quem colocará uma novidade em minha cristaleira? — perguntas feitas por Conceição depois da Ave-Maria ouvida da varanda.

O sono não livrava a mulher de suas angústias. Os pesadelos se seguiam. Conceição viu se presa em um cubículo no qual mal podia se mexer. Não havia porta nem janela por onde pudesse escapar. De repente, o leão dormindo aos seus pés, impedindo-a de se mover. Vez em quando, o animal roncava alto, abria os olhos sonolentos, assustava mais ainda a mulher e continuava seu sono inquieto. E ela se enroscando, tentando se proteger com o nada de que dispunha, a respiração entrecortada pelo pavor.

Conceição corria, corria, corria cada vez mais ligeiro. O homem a persegue, a arma apontada para ela. O cipó. Ela tropeçou nele e caiu. Levantou-se, e o perseguidor cada vez mais próximo. Ele gargalhava, ela chorava. O rio. Não se viam suas margens.

O barulho da cachoeira ouvido a passos dali.

Os dois elefantes brigavam entre si. Rolavam na terra, urravam, espumavam, giravam pelo espaço com leveza e agilidade incompatíveis com seus pesos e tamanhos. Fechada com os elefantes em local cercado por peças de ferro e porta de aço, Conceição desviava-se dos animais, aterrorizada e indefesa. A porta. O livramento. Conceição caminhou para ela. Os dois elefantes enfurecidos rolaram na mesma direção e impediram a passagem com seus corpanzinhos suados. Do lado de fora, leões famintos esperavam os mortos naquele embate para devorá-los inteiros.

Conceição levantava-se cansada. Havia muito a ser feito em casa. A geladeira e a despensa exigiam reposição esporádica de estoque. Também os medicamentos de uso contínuo demandavam vigilância.

A mulher investia-se de coragem para enfrentar as ruas. O perigo passeava por elas. O vírus saracoteava sem parar, viajante sem paradeiro. Álcool em gel guardado em local de fácil acesso dentro da bolsa, máscaras cobrindo o nariz e a boca, Conceição estava pronta para a batalha contra o inimigo invisível e fatal.

Na volta a casa, o arsenal de limpeza começava na porta de entrada: solas dos sapatos e mercadorias borrifadas com álcool 70, mãos higienizadas antes de a água e o sabão do chuveiro lavá-las de novo, e elas lavarem o corpo todo. As roupas usadas iam para a lavadora. O ritual tinha novo começo quando as prateleiras se esvaziavam outra vez.

Os primeiros voos transportando carregamentos de vacinas baixaram do céu à terra feito andorinhas. Leves e bem-vindos, anúncio de nova estação. Depois, o transporte terrestre, a distribuição, as longas filas. Tudo moroso, arrastado, masmovido a fé em Deus e nos santos de devoção, nos orixás, na força do Universo.

Conceição sobreviveu à pandemia. Vacinada, decidiu viver com entusiasmo e prazer. Intensamente, amorosamente. Cheia de boas intenções, comprou pequeno sítio para criar galinhas, mudou-se para ele e levou o gato. Descobriu seu lugar no mundo. A natureza sempre esteve ali. Só ela não via.



ALCÍDIA MARIA RIBEIRO CAMPOS (CIDINHA RIBEIRO), nascida em Itapeçerica, Minas Gerais, 1950, pedagoga de formação, especializou-se em didática. Escreveu *Taperas* (romance), *Tricotando lembranças e costurando histórias* (crônicas), *Rascunhos* (contos), *No espelho das águas*, (memórias autobiográficas) e *O Sol deixa marcas no chão* (crônicas). Integra os coletivos de mulheres **Vira Verbo** e **Escrevientes**. Coparticipa de antologias virtuais e físicas. Escreve para revistas.

RE/SIGNIFICAR EM TEMPO DE PANDEMIA

DOMINGOS RAGAZZI

PARTE 1 - SEU NHONHO E CHICO SIGNIFICADO DA PURA AMIZADE VERDADEIRA

Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum, somente compartilhar as mesmas recordações. Há pessoas que nos falam e nem as escutamos, há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam, mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre. Era assim a relação desses dois amigos que se faziam bem e com o tempo tinham bons propósitos comuns de fazer o bem sem querer aparecer.

Ambos com idades em torno de setenta anos com um longa vida vivida decentemente, simples e felizes. É incrível ver uma amizade duradoura. É bom manter os amigos de antigamente, cultivas as amizades, alegrias, momentos e tudo o mais. Se você gosta dos amigos que tem desde o ensino médio, ou dos tempos de jardim de infância, imagina manter uma amizade por décadas! NHONHO E CHICO se faziam bem.

Ressignificar é dar a si mesmo a oportunidade de transformar algo ruim em algo positivo e continuar vivendo com esperança, motivação, otimismo e entusiasmo. Alimente emoções positivas, olhe para frente e dê a si a chance de também passar por seu próprio processo de ressignificação normalmente, as pessoas começam a pensar nesse assunto quando se deparam com algum desafio muito grande em uma dessas áreas, a partir de então começam a refletir como será dali em diante.

Perguntas como: “Eu vivi uma vida até agora que eu queria?” “O que eu fiz até agora está dando sentido a minha vida?”, “O que eu deixei de fazer que eu faria mais?” ajudam nesse processo de ressignificação. E nessa busca de um novo sentido

à vida, as pessoas continuam no caminho de outra busca bem comum: a da felicidade. E o que ressignificação tem a ver com felicidade?

Os dois amigos curtiam juntos pescar traíra e cascudo e pegar rãs e caçar e assim passavam juntos felizes finais de semana acampados na beira do rio.

PARTE 2 - INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA IGUAIS

Os pais de CHICO eram gente simples, mas ele teve uma infância rica, de molecagens que muito bem vividas, e sem lamentar a infância pobre, com poucos recursos financeiros. CHICO com alegria se lembrava de sua infância e assim refletia...:

Tive muitos amigos, brincávamos juntos, brigávamos de murros e tapas horas depois, ficávamos “de bem”. Ralei joelho, arranquei a tampa do dedão, furei o pé com prego enferrujado e espinho de laranjeira pois sapato era só para na igreja e na escola não tinha tênis na época, briguei na rua, toquei campainha e saí correndo, roubei jabuticabas no caminho da escola, fiquei de castigo, apanhei de chinelo, de cinto, de vara. Brinquei de pega-pega, mãe-da-rua, esconde-esconde, passa-anel, balança-caixão, morto-vivo, cobra-cega, nós quatro, cama de-gato, polícia e ladrão, pular corda, pião, bolinha de gude, rodei pneu, tive balanço na mangueira e muito, muito mais. Brinquei na terra, no barro, na lama, na areia, peguei peixinho com peneira e enfiava a mão nas locas do rio para pegar cascudo, fiz barquinho de papel. Fiz e soltei muita pipa! Meus machucados foram curados com *Merthiolate* antigo – que ardia muito, Mercúrio-cromo Violeta, Água Oxigenada, Iodo, salmoura. Os ferimentos eram cobertos ou amarrados com tiras de pano... ou, com esparadrapo, que parecia que não iria desgrudar nunca mais os casos de infecção com canfora com fumo de corda. Isso sim foi infância! Sem essas armadilhas tecnológicas que prendem as crianças em frente a TV, ao computador ou vídeo game. Aliás, não tinha TV em casa. Criança brincava com criança, com ou sem brinquedo. Usávamos a imaginação e criatividade. Quando ganhávamos um presente e que nunca era o que queríamos, aceitávamos, pois era o que os pais podiam dar – e éramos gratos por isso. A mãe de CHICO fazia bermudas para ele com saco de açúcar de uma usina da região, ele e os amigos iam nadar no rio do ZEZO onde os meninos para nadar de

uma margem a outra tinham que engolir um lambari vivo e depois ir rezar agradecendo na ÁRVORE DA VIDA que ficava no meio da invernada o grande feito. Chupavam as frutas do mato como pindaíba, gabirola, ingá, jatobá. e se caçavam rolinhas com estilingue e rã com a mão e pegavam bigodinho com visgo de jaca.

PARTE 3 - CHICO E MARIA

E CHICO quando jovem viu pela primeira vez MARIA uma bela e tímida mulata na igreja que frequentava e às vezes ela ia com as irmãs na quermesse da igreja tomar quentão e comer pastel e jogar bingo, CHICO começou a mandar correio elegante para ela. Daí com o tempo começaram a namorar e logo se casaram os dois ainda virgens e havia muita reciprocidade e em eterna lua de mel, assim tiveram seus 3 filhos. MARIA desde cedo ajudava a mãe a cuidar dos irmãos mais novos e muito jovem aprendeu a cozinhar e a cuidar da casa pois a mãe trabalhava de doméstica e ia logo cedo ao trabalho, então MARIA desde cedo sempre foi muito responsável e nem teve uma adolescência normal e ajudava a mãe a cuidar dos seus irmãos. MARIA sempre foi calma e bondosa e se tornou uma conhecida benzedeira fazia xarope com frutos de gravatá para cuidar da tosse das crianças, benzina as crianças e cuidava dos bernes da mulinha MOLEZA com rezas. Era uma bela mulata séria e responsável e CHICO foi seu único homem e como gostava dele viviam muito feliz, e com seus 3 filhos.

PARTE 4 - SEU NHONHO E A CASA DOS IDOSOS

A pessoa idosa tem direito à moradia digna, podendo morar com sua família ou, se preferir, morar desacompanhada de seus familiares ou em uma instituição pública ou privada (art. 37 do Estatuto do Idoso).

O cuidador e a pessoa a ser cuidada podem apresentar sentimentos diversos e contraditórios, tais como raiva, culpa, medo, angústia, confusão, cansaço, estresse, tristeza, nervosismo, irritação, choro, medo da morte e da invalidez

Depois que os filhos crescem e conquistam a independência financeira, é

normal que eles saiam da casa de seus pais para poder viver sozinhos. No entanto, em alguns casos, o idoso acaba sendo deixado de lado pelos seus familiares, que não vão mais sequer visitá-los.

Existem também as situações em que os idosos são inseridos em casas de repouso. Contudo, vale ressaltar que é muito importante que eles recebam visitas de seus familiares constantemente, o que normalmente não acontece. O abandono familiar é um assunto que precisa ser levado muito a sério, pois, nessa fase da vida, as pessoas tendem a ser mais sensíveis emocionalmente e, por isso, é essencial que você dê a atenção necessária para que ela possa se sentir amada e importante. Era o caso de NHONHO que desde sempre tinha poucos amigos e com muita dificuldade de se relacionar com os cuidadores por quem era tratado com indiferença e rispidez visto apenas como uma obrigação a cumprir. NHONHO sentia o clima depressivo que pairava e os únicos bons momentos que ele curtiã eram a visita de CHICO que sempre levava ele para pescar e caçar e a visita de LEONOR uma antiga funcionária muito fiel e que sempre gostou dele.

A visita de LEONOR era sempre alegre e foi ficando romântica pela empatia entre os dois e de uma maneira mágica começaram a namorar. Com isso NHONHO foi esquecendo da depressão que sentia na clínica e a vida para ele passou a ser mais colorida e sentia seu corpo renascer em plena maturidade e a pandemia, via a vida com mais amor. Na atualidade que envelhecimento da população brasileira é hoje uma realidade. Outro fato é que a sexualidade faz parte da natureza e obedece a uma necessidade fisiológica e emocional. Manifesta-se de forma diferente nas fases progressivas do desenvolvimento humano e sua expressão é determinada pela maturidade orgânica e mental. Infelizmente, convivemos em uma sociedade que priva os idosos da possibilidade de pensarem sua sexualidade e a procura de relacionamentos amorosos de forma autônoma e destituída de preconceitos e estereótipos. A capacidade de amar e de exercer práticas sexuais não tem limite cronológico. NHONHO E LEONOR começaram a namorar e foram morar juntos na confortável casa que NHONHO mantinha pois juntos saíram da solidão em plena maturidade e renascidos pelo amor e paixão. Dessa forma, resgatar o direito a uma vida amorosa e sexual na terceira idade implica poder pensar o amor em suas formas de transformação, ou seja, outras formas de amor que passam pela ternura, pelos contatos físicos, a expressão corporal, o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. NHONHO E LEONOR nos levam a fazer uma reflexão neste âmbito ao mostrar que independentemente da idade ou das

eventuais limitações físicas da terceira idade, os idosos podem ter os mesmos privilégios do exercício da sexualidade quanto qualquer um.

PARTE 5 - A PANDEMIA

A pandemia da COVID-19 chegou e trancou muitas pessoas dentro de casa, que passaram a adotar o modelo de home office. Porém, ao tentar se precaver de uma doença tão devastadora, muitas pessoas acabaram adquirindo outras doenças, mais silenciosas, em relação à saúde mental. Com isso, algumas empresas começaram a dar mais valor ao bem-estar mental de seus funcionários. Nesse cenário, empresas de cuidado ampliaram seus valores e esforços para ajudar aqueles que precisam. O universo de CHICO e sua esposa MARIA e o feliz relacionamento de NHONHO E LEONOR em plena maturidade em plena maturidade de ambos casais fluía uma enorme alegria sem grandes ambições material que percebiam o temor das pessoas com a pandemia que não afetava seu mundo.

PARTE 6 - CIDADANIA AMBIENTAL DOS DOIS

Os dois amigos curtiam juntos pescar traíra, cascudo e piau e pegar rãs com farolete de noitinha, e caçar rolinha com estilingue, caçar tatu e lagarto tiú. Ecurtiam caçar passarinhos de canto como bigodinho, canário do reino e coleirinha do brejo que NHONHO mantinha na casinha tosca no seu sítio na beira do rio, as chamadas cantadeiras que levavam na caça mais *alçapões* e o visgo de jaca.

Juntos eles plantavam mudas de árvores nativas para reformar as matas ciliares nas e agora motivado SEU NHONHO foi a uma FACULDADE DE ZOOTECNIA ESTADUAL apresentou um PROJETO PILOTO o que foi muito aprovado pelos professores e começaram repovoar rios com peixes mais resistentes, levavam rãs para os brejos, pássaros nativos cedidos pela faculdade e assim anônimos praticavam cidadania ambiental felizes e sem alardes. As matas ciliares são sistemas vegetais essenciais ao equilíbrio ambiental, portanto, devem ser uma preocupação central para o desenvolvimento rural sustentável. A preservação e a

recuperação das matas ciliares, aliadas às práticas de conservação e ao manejo adequado do solo, garantem a proteção de um dos principais recursos naturais que é a água. As principais funções das matas ciliares são controlar a erosão nas margens dos cursos da água, evitando o assoreamento dos mananciais; minimização dos efeitos das enchentes segurando e controlando as enxurradas que possam chegar às margens do córrego; manutenção da quantidade e qualidade das águas dando o equilíbrio erosivo e conservando as encostas da margem. Filtragem dos possíveis resíduos de produtos químicos, assim como agrotóxicos e fertilizantes que são aplicados nas lavouras. A possibilidade de uma nascente se extinguir é muito grande, quando não há uma preparação adequada do solo e manejo agrícola, a evasão da água no córrego decorrente das chuvas pode causar assoreamento, resultando num enorme desequilíbrio ambiental. Para isso não ocorrer, é fundamental a recuperação de todo o entorno dos corpos d'água, que vão servir como barreira para aumentar o fluxo de água. Com a recuperação das matas ciliares, ocorre à volta de vários animais, tais como pássaros, mamíferos e outros, transformando a paisagem local.

PARTE 7 - A MORTE DE NHONHO

E com um infarto sofrido por seu NHONHO que faleceu de repente.

O infarto fulminante é aquele que surge de repente e que muitas vezes pode causar a morte súbita, que pode ocorrer de 1 a 24 horas após o início dos sintomas, como dor no peito que pode irradiar para o braço, falta de ar ou suor frio. Essas duas fatalidades foram devastadoras para o CHICO que sofreu um AVCI. Ansiedade, depressão, distúrbios do sono, insegurança e outros problemas de ordem emocional elevam o risco de uma pessoa morrer devido a um acidente vascular cerebral (AVC) ou a uma cardiopatia isquêmica.

PARTE 8 - O AVCI DE CHICO

A formação deficiente e a falta de estrutura, sobretudo no serviço público, são as principais causas de erros. Infelizmente, hoje o médico sai da faculdade sem conhecimento suficiente para exercer a profissão”, afirma um corregedor do

Conselho Federal de Medicina. O AVC isquêmico é um dos principais eventos cardiovasculares encontrados na emergência. Por isso, seu manejo pode ser temeroso, já que além de ser algo grave, está numa área do conhecimento meio negligenciada por quem não é especialista: a neurologia!

PARTE 9 - ERRO MÉDICO

O erro médico e a descoberta de JOÃO sobre tempo e o não tratamento correto. Apesar de ser socorrido rapidamente, CHICO foi atendido por um plantonista recém formado que confundiu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) com embriaguez, o que impediu o tratamento imediato correto e originou sequelas definitivas na vítima, pois perdeu tempo fundamental no AVCI. João quando voltou rapidamente da viagem e vendo o pai muito sequelado pelo AVCI e analisando o prontuário e o histórico do acontecido logo percebeu o erro médico por perda de tempo e a falta do tratamento trombolítico

JOÃO após ter conversado com a diretoria do plano de saúde de CHICO e percebendo a tentativa de se encobrir o erro médico buscou uma advogada especialista no assunto e logo mandou fazer a perícia médica pois a vítima precisa provar o erro médico.

PARTE 10 - A PARTE JURÍDICA DE UM ERRO MÉDICO

A finalidade precípua da distribuição dinâmica do ônus da prova é transferir ao médico o ônus ou encargo de demonstrar que exerceu sua profissão dentro dos protocolos técnicos aplicáveis e excludentes de responsabilidade inculpidas no art. 14, § 3º, I e II, do CDC, como, por exemplo, o dano lesivo por erro médico ocorreu por causas naturais ou culpa exclusiva do paciente. Como o CHICO teve um AVCI muito violento e ficou um bom tempo na UTI só mexendo os olhos e escutando as pessoas e não podendo falar nem se mexer pode conhecer a síndrome de encarceramento é um estado de vigília e consciência com tetraplegia e paralisia dos pares cranianos inferiores, resultando em incapacidade para exibir expressões

faciais, movimentar-se, falar ou comunicar-se, exceto por códigos mediante movimentos oculares. E o clima depressivo e cheio de tristeza que reina numa UTI.

PARTE 11 - REFLEXÕES DE VIDA DE UM CADEIRANTE.

Como funciona a vida de um cadeirante? A vida de um cadeirante na sociedade conta com outras limitações, como o preconceito, a falta de oportunidades, o desrespeito dos que não têm deficiência, entre outras. O mercado de trabalho com essas pessoas é, no mínimo, cruel. Mas, mesmo que correspondam a uma parcela considerável da sociedade, as necessidades desses indivíduos continuam a ser negligenciadas e desconsideradas: a acessibilidade, por exemplo, permanece como um desafio diário a ser enfrentado, inclusive em termos de trabalho e lazer. Ao se falar de acessibilidade, boa parte da população considera apenas as dificuldades daqueles que têm deficiência física para se deslocar e movimentar, como calçadas em condições precárias, transporte sem adaptação, ausência de banheiros adequados e outros problemas de natureza arquitetônica.

Com tristeza, mas com aceitação CHICO pode sentir o que era sair da normalidade e se perceber cadeirante precisando de ajuda de todos para tudo e então que o amor de MARIA ajuda CHICO a lutar pela vida tendo ao seu lado a

ILUMINADA MARIA.

Ressignificar é entender que as coisas não precisam acabar, elas só precisam de um novo sentido.

Mude o ângulo que você olha a vida e encontre novos significados para as coisas que sempre estiveram com você.

A gente, quando enjoa da dor, começa a resignificar os acontecimentos, e percebe que se agarrar a um momento bom, acelera o processo de cura.

Com tristeza, mas com aceitação CHICO pode sentir o que era sair da normalidade e se perceber cadeirante precisando de ajuda de todos para tudo e então que o amor de MARIA ajuda CHICO a lutar pela vida tendo ao seu lado a

ILUMINADA MARIA.



DOMINGOS RAGAZZI (RENZO MANLIN) nasceu no dia 23.05.1953, na pequena cidade de Guariba, no interior de São Paulo. Filho de pais pobres, mas muito trabalhadores e honestos, que nunca lhe deixaram faltar nada. Estudei Agronomia e se especializou em perícia e seguro rural, por isso percorreu muito o campo e visitou muitas fazendas e, depois, por ter sido vitimado por um grave AVCI e consequente ERRO MÉDICO cometido por um falso especialista, tornou-se um deficiente na maturidade e agora suas reflexões sobre a vida têm novas reflexões.

A MANCHA DE MOFO NO TETO

LUIZ HENRIQUE AGUIAR

A Mancha

Pisquei os olhos e acordei. Pisquei de novo e encarei a mancha de mofo no teto. Uma mancha morta: não vai à frente, não sabe o que quer da vida, não cresce, não vira uma criatura de filme trash, não me engole de uma vez. Está ali só pra me lembrar que acordei novamente. Não pude evitar o riso, aquele riso de quem se diverte no início, mas vai minguando à medida que constata que uma mancha de mofo no teto não é algo agradável pra se ver quando acorda. Desviei então os olhos, estalei os lábios num muxoxo de desdém, afundei o rosto no travesseiro, busquei olhar outra coisa, até que voltei os olhos pro teto e a encarei com simpatia porque lembrei que acordei mais uma vez, acordei e vou saber, amedrontado (não como numfilme trash; filmes trash não amedrontam ninguém), que o número de mortos na cidade, no estado e no país aumentou na última noite; e eu, que não sou de agradecer, que fecho e abro os olhos fortuitamente, até suspirei (não suspireeeeeiiiiii; só suspirei: se a mancha ainda está ali, é porque eu estou aqui); suspirei por abrir bem os olhos e ver a mancha de mofo no teto quando muita gente não verá mais o rosto de quem estava acostumado a ver a cada manhã.

Não que eu queira (em nenhum momento passou pela minha cabeça; juro) estabelecer essa comparação esdrúxula de mancha de mofo no teto com entes queridos. Sei muito bem que a ausência de alguém amado na mesa do café, nas festas de aniversário ou na noite de Natal é experiência dilacerante. Foi apenas um gol contra que marquei, uma cusparada pro alto (mirei o alvo e acertei na minha testa), ao confessar que, nos últimos tempos, uma macha de mofo no teto tem sido uma das revelações da minha permanência neste planeta; pelo menos quando acordo. Acho que é mais ou menos aí que se encaixa aquele adesivo que vejo em alguns carros pela cidade, acho que é uma passagem bíblica; tem um número, dois pontos, outro número: “Em tudo dai graças.” Minha diarista também tem o

imperativo na ponta da língua. Os dez minutos que lhe dou pela manhã, antes de sair pro trabalho, são dedicados por ela a relatar seus muitos problemas familiares, mas no final ela arremata sempre da mesma forma: “Em tudo dai graças, né?” Agradecer é um lenitivo, um alento, um sopro que ajuda a seguir em frente, resignado. Aqui estaciono com minha mancha debaixo do braço; resignação é a palavra.

A Manhã

Abandonei a mancha e suas inevitáveis elucubrações. Escancarei a boca, estiquei os braços e as pernas num contorcionismo de sonolência sem fim. Movimentei com os pés a cortina pro lado. Abri uma pequena fresta na janela. Que dia é hoje? Que dia é hoje? Provavelmente, meu chefe vai mandar mensagem pra eu entrar no sistema e concluir alguns processos. Que mais? Que mais? Bom, melhor eupular da cama. Já são oito horas.

Chego à cozinha e tenho vontade de voltar quando vejo a pia botando louças pelo ladrão. Que falta você faz, Janete! (minha diarista) Arregaço as mangas e enfrento a pia; respiro fundo, entoo um mantra e caio dentro. É meu momento de maior paciência e disciplina: lavar louças e talheres. Olhar o caos e restabelecer a ordem. Começo agrupando tudo pelo tamanho, encaixo cuidadosamente vasilhas menores dentro das maiores, posicionando da mesma forma os pratos, copos e canecas, coloco os talheres dentro das vasilhas, dispondo tudo simetricamente dentro da pia. Só então começo a passar a esponja com detergente. Talheres e louças limpos, vamos tomar café e começar a sujá-los novamente (o eterno retorno doméstico). A rotina diária massacra, eu sei, eu sinto todo dia, mas ainda tenho uma rotina, leve, despreocupada, espaçosa. Em tudo dai graças.

Abro a geladeira, pego o leite, o café solúvel, o açúcar mascavo, a tapioca e, por ora, deixa eu ver se esqueci alguma coisa, é, ah sim, a ricota. Quatro colheres de tapioca na frigideira em fogo baixo, espalho bem, amasso uniformemente. Encho uma xícara média de leite, duas colheres cheias de chá de café solúvel, duas de açúcar mascavo e pitadas de canela em pó. Coloco no micro-ondas durante um minuto e trinta e oito segundos. Nesses dias de horas preguiçosas, dá pra mexer vagarosamente o leite com café, ouvir o atrito da colher contra a louça, observar a crosta de canela que fica na superfície e admirar as figuras, mapas, monstros que vão se formando e desaparecendo à medida que mexo meu capuccino diário. Sou surpreendido pela penca de bananas que me observa da fruteira: “Querem também

minha atenção? Ok. Vocês estão mais amarelas do que nunca, e suas sardas estão lindas. Daqui a pouco, eu amasso vocês.” Deu pra perceber que isso é um ritual? Fora da quarentena, em dias normais, não é assim; mesmo. Jamais deixo a pia pro dia seguinte; não daria tempo. Pulo da cama às seis, vou à academia, tomo banho e cumpro diariamente o ritual do café, mesmo sozinho. Só não dá tempo de criar historinhas com as formas da canela em pó na xícara, flertar com as bananas ou trocar acusações com uma mancha no teto.

Não vou mentir: minha vida é um ritual. E a quarentena forçada acentua a cada dia uma padronização que vai ficando pesada à medida que os dias se repetem vazios, longos, silenciosos, com períodos que mudam de acordo com a luz que entra pela janela, tudo isso entrecortado com momentos de leseiras profundos. A quarentena me faz, às vezes, ficar com a TV ligada, abraçado à almofada, com o pescoço caído, a boca aberta, olhando, através do corredor, o vão da janela que permite observar ao léu um pedaço da cidade. Daí, eu desperto e percebo que não estava observando nada. Foi tão somente o tempo, o senhor tempo descansando suas mandíbulas pesadas sobre minhas costas.

A manhã de isolamento se divide em horas que a gente precisa aprender a preencher pra não esmagar o relógio. Não tenho mais que escolher a roupa pro trabalho, combinar elegantemente as cores da calça, camisa e sapato; não tenho que verificar se peguei tudo o que vou precisar durante o dia por estar fora de casa; não tenho que listar coisas que, se der tempo, vou comprar na farmácia, mercado, padaria. Em dias normais, a manhã voa. Não se fica debruçado na janela vendo andorinhas cortarem o céu, não se repara lá longe em arbustos que nem se sabe o nome mas chamam minha atenção agora porque estão floridos de uma flor lilás, não se percebe com frequência os ruídos que vêm dos vizinhos, alguém que soca o tempero, refoga o arroz, queima o feijão. Não é o tempo em que os minutos são preenchidos com atividades mecânicas que fazem as horas correrem e a vida passar. É um tempo de silêncios, de visões, redescobertas de ruídos, aromas, imagens, instantes que vemos, ouvimos e sentimos todos os dias, imperceptíveis quando a manhã é um período do dia que apenas passa.

Descobrir ou redescobrir tudo isso é bom, é revigorante, traz frescor à alma, mas não confinado em cinquenta e sete metros quadrados. A paisagem da janela não muda, os vizinhos são os mesmos e também suas rotinas, e cinquenta e sete metros quadrados não são as ruas de uma cidade histórica, nem as areias fofas das dunas de Genipabu. Cinquenta e sete metros quadrados são a ilha onde Robson Crusóé foi

parar, só que infinitamente menor, sem coisas exóticas pra descobrir ou aventuras pra excitar. Tudo bem, o Robson Crusóé pode ser um cara de muita imaginação e garimpar ouro no asfalto. Por que não? Quando soube que alguém descobriu uma pista de corrida no seu apartamento e que corre meia maratona dentro de setenta e nove metros quadrados, eu assumi que uma ilha realmente abriga cavernas assombradas, fontes de águas misteriosas, trilhas que podem conduzir a civilizações extintas. O maratonista paulistano tirou leite de pedra; parabéns pra ele. Cada um tem o pedaço de terra que merece, ou que inventa, ou que herda. Uns garimpam ouro, outros exploram o tempo. Pelo menos, eu estou sozinho na minha ilha, não divido meus metros quadrados com ninguém, o que é um enorme privilégio em dias de distanciamento. Já imaginou dar de cara com o nativo Sexta Feira no banheiro e ter que dividir meu minúsculo espaço com ele? Novamente suspiro e dou-me por resignado. Prossigo na minha caminhada pelos cinquenta e sete metros quadrados manhã afora. Ponho a roupa na máquina de lavar e começo a varrer o chão. Aqueço a garganta e, na empolgação da faxina, solto a voz com Clara Nunes, limpando a alma profeticamente contra o vírus biológico: “O sol há de brilhar mais uma vez/A luz há de chegar aos corações/Do mal será queimada a semente/O amor será eterno novamente.”

A Tarde

A tarde se insinua com sua cauda gigantesca. Ela é um monstro. Ainda mais pra mim que almoço religiosamente ao meio-dia. Olho o relógio: se deu meio-dia, a fome bate. Pego a carteira, ponho a tela de descanso no computador e vou pra rua almoçar. No caminho, a barriga, que não roncava, sente-se vazia. Outra parte da minha vida ritualística: almoço ao meio-dia; inclusive aos domingos. Por falar em domingo, lembrei de uma casa amiga, uma casa de amigos em Vila Isabel, irmãos que moram na mesma casa onde se reúnem outros amigos; enfim, eles viviam me convidando pra almoçar aos domingos e passar o resto do dia bebendo, ouvindo música e jogando conversa fora (que falta vocês fazem na minha vida!). No início, eu não sabia e chegava lá por volta do meio-dia e meio, uma hora. Agora, eu chego às dezesseis. Dá tempo de almoçar em casa, dormir depois do almoço e ainda pegar a comida quente quando chego lá. Nossos períodos do dia são bem distintos: a manhã deles se estende até as quatorze horas, a tarde começa por volta das dezesseis e a noite dura enquanto houver cerveja gelada. O Sérgio, um dos irmãos, é o mais tenaz

de todos, o invencível: se a cerveja acaba, ele canta a música do Lenine e desaparece: “Vai ver se eu tô lá na esquina, devo estar/Já deu minha hora e eu não posso ficar/A lua me chama, eu tenho que ir pra rua/A lua me chama, eu tenho que ir pra rua.” Daí, ele só encontra o caminho de casa na mesma hora em que estou às voltas com minha mancha no teto. Ele é o nosso príncipe da noite, nosso boêmio inveterado. Vai aqui pra você, amigo querido, minha oração pagã: “O acaso vai te proteger enquanto você andar distraído.”

De volta ao monstro, a tarde é uma besta fera com dezenas de pernas, braços, três cabeças, olhos por toda parte. Uma aberração pachorrenta que se arrasta pelo relógio de infindáveis horas. Suas garras grudentas me fixam de tal forma às paredes brancas do apartamento, aos azulejos esverdeados do banheiro e à soturnidade crepuscular doméstica que, por vezes, tenho que reunir forças pra me descolar da superfície das coisas. Se eu fosse algum tipo de artista, pintor, poeta, sei lá, teria mil ângulos do apartamento e dos móveis pra retratar: a sala e suas facetas contemporâneas empoeiradas, a cozinha e seus significantes/significados da sobrevivência do homem urbano, a flacidez do banheiro e seus escapes de fluidos e proliferação de germes (ecaaaa). Só mesmo um artista pra enxergar curvas femininas num simples aparador de madeira, nuances de cores, matizes de luzes, o resto de sol da tarde entrando pela janela e iluminando debilmente a tez delicada da maçã sobre a fruteira. Um apartamento pequeno como o meu é um centro cultural repleto de instalações e exposições moderninhas. Ah, bateu saudade de caminhar pelo corredor cultural entre a Casa França Brasil e o Centro Cultural dos Correios, depois entrar no Centro Cultural Banco do Brasil, observar o frenesi das pessoas se movimentando debaixo da rotunda iluminada pelo sol, as filas que dobram o quarteirão pra verem as exposições famosas, vagar sem compromisso pela Livraria da Travessa. Até me animei e peguei o celular pra tentar fazer fotos, fotos, sei lá, fotos artísticas. Fotos que você vê e não consegue identificar do que se trata. Fotografei meus pés, minhas mãos, meus pelos, fotografei todos os cômodos. Tanta dedicação pra depois ter o trabalho de deletar tudo: descobri que não sei olhar para as coisas como artista. Acho que me falta sensibilidade, lirismo, ousadia na entrega.

Fico feliz mesmo quando consigo flagrar, perdida no declínio vagaroso do sol, uma lagartixa caçando pelas paredes. Só assim consigo arrancar, à força, alguns tentáculos do meu monstrinho vespertino. Ela sim esnoba o tempo. Usa e abusa delea seu favor. E ainda me auxilia a eliminar uns bons tique-taques da tarde. Nada mais encorajador do que assistir à paciência, à tenacidade, à frieza de uma...lagartixa é

réptil ou inseto? Bom, não interessa. Deve ser réptil, tem cara de réptil. É réptil. Acompanho agora sua caminhada sorradeira de cerca de um metro até sua iminente presa, uma aranhazinha inocente e desafortunada. Laboriosa em tecer sua delicada teia, ela sequer prevê o predador à espreita. Meu Animal Planet in loco. O pensamento devaneou e me fez ignorar a extensão da tarde; e ignorar é fazer o tempo passar. Viramos insetos indefesos com um caçador camuflado em cada esquina. Nem suspeitamos do real perigo invisível ao redor. Um perigo que não precisa de paciência na espera do momento certo pra abocanhar a vítima. O perigo que está nas ruas não vai ao encontro da presa, não a persegue, não a caça; pelo contrário, aguarda sua aproximação, sua mais frouxa distração pra enfim ser tocado feito uma planta carnívora. Acontece que as plantas carnívoras, quase sempre exuberantes em suas formas, atraem os insetos incautos com a beleza, as cores, o perfume que exalam, pra então fecharem suas folhas mortais ou grudarem as patinhas tontas no seu visgo assassino. O inimigo de agora é um invasor passivo, um sedentário cruel, um carona mortal. Ser invisível é mais ardiloso do que ser exuberante. Pode-se estar em qualquer parte, sobre qualquer superfície, disfarçado de qualquer cor pra poder ser tocado. Uma vez tocado, movimentava-se pacificamente numa corrente de solidariedade às avessas, numa floresta tropical emendada de cipós, encontrando sempre à frente um novo condutor. É por tua causa, meu ardiloso inimigo invisível, que estou aqui, cercado de vazio, de silêncio, horas que não apaziguam, um Robson Crusóé enlatado, um maratonista congelado, testando meus limites, tudo pra frear tua escalada. Há quase três meses eu não almoço às dezesseis horas com meus amigos aos domingos em Vila Isabel, o segundo almoço do dia.

Não me recordo de tantas grandes cidades, ao mesmo tempo, estarem com as avenidas vazias, seus parques fechados, os abraços proibidos. São muitas vítimas: fatais, morais, amorosas, psicológicas, enfim. E por falar em vítima, uma boa notícia dentro da partitura monocórdica da minha tarde: a aranhazinha escapou. A lagartixa deu um bote mal calculado e perdeu o lanche. Graças a ela meu pensamento foi longe, meus devaneios foram muitos e fizeram um pouco das minhas horas esvaírem-se. Olho a janela e percebo que a tarde se despede. Sua calda vai serpenteando lentamente pelo chão até desaparecer.

A Noite

Finalmente a noite se aproxima. Às vezes, ouço uma ave-maria bem distante, tão distante que não passa de memória que vem forçosamente porque o dia alongou-se em demasia. Já se passou muito tempo dentro das horas.

Queria mesmo, pra fugir um pouco dessa realidade, sobrevoar a Gávea e ouvir a cantora lírica que, pontualmente, às dezoito horas, chega à janela e solta a voz melodiosa pra encantar e suavizar a quarentena dos seus vizinhos; ou ainda, estar mais longe, sobrevoando alguma cidadezinha italiana pra ter o privilégio de ver e ouvir músicos nas suas sacadas, produzindo esperança com seus instrumentos, o tenor de Milão reverberando gentilmente suas cordas vocais.

Em Copa, até agora, não soube de manifestações semelhantes. Aqui, chego à janela e vejo vultos nas janelas dos outros edifícios. Vulto do casal debruçado, conversando sobre as contas do mês, enquanto a mulher espreme carinhosamente uma espinha no rosto do companheiro. Vulto da idosa que olha pro céu e coloca as plantinhas no peitoril porque acha que vai chover. Vulto do adolescente apertando um baseado na janela do seu quarto. Vulto da mulher que traga solitariamente o cigarro enquanto o vulto do filho corre diante da televisão cheia de vultos. Muitos vultos aparecem nas janelas, se movimentam, surgem e desaparecem, numa coreografia intermitente de pontos escuros. É o meu tabuleiro de damas noturno, meu jogo da memória, meu come-come, estendendo-se foscamente nos paredões ao anoitecer.

As cores da transição da tarde pra noite são sempre estranhas, indefiníveis, fantasmagóricas, um período de troca de turnos, entradas e saídas, esvaziamento de locais, mudança de humores. Quando criança eu achava que era o momento em que os fantasmas se movimentavam.

Quando saio do trabalho, despeço-me dos colegas, abandono a repartição pública e chego à rua, invariavelmente tenho a nítida impressão que o dia se despede na tarde, e a noite, por ter uma cor mais uniforme, astros e luzes a iluminá-la e a imprimir tons diferenciados à vida, vem inaugurar um novo período de tempo, não mais a continuação da manhã e da tarde. Nós, que passamos a maior parte do dia fora de casa, que pegamos metrô, ônibus, dirigimos, e depois retornamos pelos mesmos caminhos de multidão, desassossego, estranhamento, nós abrimos o dia quando saímos de casa e depois o encerramos ao regressar. Desaparece todo mundo, cada um entra no seu buraco, fecha a porta, completa seu ritual, vira um vulto na janela. É um movimento diário já estabelecido pela humanidade, são marcos

temporais visíveis em qualquer grande cidade, esse fluxo previsível de pessoas anônimas durante o dia. É caótico, estressante, demolidor, muitos não aguentam, não esperam o final da partida, não se despendem, nem um bilhete sequer deixam. Simplesmente, pegam o relógio e o esmagam nas mãos. O responsável pelo laudo cadavérico tem apenas o trabalho de identificar o corpo e atestar a que horas o relógio parou. O meu, embora de ponteiros lerdos, continua funcionando. Acompanho a noite estender-se por inteira, não mais como um novo período, mas uma simples continuação da tarde.

Na geografia das minhas horas, o Rio Negro e o Rio Solimões não mais coexistem: a noite vai engolindo a tarde. O espetáculo da natureza foi imperceptivelmente modificado pela língua de luz que diminui de tamanho, encolhendo-se humildemente pelo piso da casa até desaparecer por completo: um rio tragando o outro. Estamos num novo sistema de tempo.

Fecho os olhos aturdido, e um certo medo toma conta de mim, um pavor em não querer ver, uma segunda noite batendo repentinamente à porta e escurecendo a primeira: a escavação dos cemitérios em Manaus, São Paulo, a quantidade de corpos, covas abertas como janelas ao céu, um edifício erguido na horizontal, construído da noite pro dia com matéria prima anônima. Imagino meu jogo de damas daqui há dois, três, quatro meses. Eu vou chegar à janela com uma prancheta nas mãos e ticar item por item, janela por janela: falta gente. Faltam vultos nas janelas. Observo os dados na prancheta e verifico os prédios: falta gente lá. Janelas fechadas. Luzes apagadas. Casais partidos. Faltam tripulantes na nave. Faltam CPFs na fila dos bancos. Chego à praça que frequento e sinto que estou num tabuleiro de damas vazio. Os aparelhos de ginásticas estão parados. Volto pra casa e abro o álbum de fotografias: falta gente aqui também. Falta gente nas fotos das redes sociais. Falta gente. Coloco as mãos no rosto, esfrego com força os olhos e tento exorcizar a visão funesta do futuro próximo na vida de muitas pessoas. Por ora, minhas janelas ainda estão aqui, meus vultos se movimentam e dão alívio à minha noite. Em tudo dai graças. Vou fechar a minha.

Sobraram-me hoje, após minha valsa moribunda dentro dos cinquenta e sete metros quadrados, o corpo lasso e a memória devastada de incursões não planejadas.

Janto as sobras do almoço, recolho os restos das impressões, imagens, ruídos, reponho objetos nos lugares, visito amigos e parentes pelas redes sociais, dou um alô, como vocês estão, não vejo a hora, se cuida. Escovo os dentes com o controle da TV nas mãos, ando pra lá e pra cá, sento e levanto, fecho as cortinas, verifico se as

tomadas estão desligadas, a geladeira fechada, caminho pro quarto e vou trancando as várias portas atrás de mim (o dia foi longo; muitas portas foram abertas). Antes de apagar a luz, lanço um olhar de viés pra minha companheira no teto, dou uma piscadela e não consigo evitar o riso, aquele riso de quem lembra do inimigo e, mesmo sentindo-se combalido internamente, ainda tem um resto de humor ácido guardado, um pequeno desforro à solidão dos dias de isolamento pra desfiar contra o opressor e prestar uma homenagem à maNcha amiga, aquela que me saúda todas as manhãs: “Mais vale um mancha de mofo no teto do que um epitáfio precoce.”



LUIZ HENRIQUE AGUIAR nasceu em Magé (RJ), em 30.11.1967. É formado em Letras Português/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e é também ator formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Serventuário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Como escritor, participa de concursos literários, com vários resultados positivos e contos e poesias. *Links Redes Sociais: Instagram: @aguiar2524 e Facebook: <<https://www.facebook.com/luizaaguiar>>.*